



FUNDAÇÃO
JOAQUIM NABUCO

DIRETORIA DE
PESQUISAS SOCIAIS

COORDENAÇÃO GERAL DE ESTUDOS EDUCACIONAIS

RELATÓRIO DE PESQUISA

**MEMÓRIA E TRADIÇÃO - A PRODUÇÃO
INTELECTUAL DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO (1980-1995)**

JANIRZA [JANA] CAVALCANTE DA ROCHA LIMA



FUNDAÇÃO
JOAQUIM NABUCO

DIRETORIA DE
PESQUISAS SOCIAIS

SUMÁRIO

NA TRILHA DOS AGRADECIMENTOS	
NOTA INTRODUTÓRIA	
CAPÍTULO 1. A BUSCA DE INFORMAÇÕES	
As fontes	
Análise dos dados	
CAPÍTULO 2. COMO TUDO COMEÇOU... DO CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS AO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO	
CAPÍTULO 3. TRAÇANDO O MAPA, ARMANDO O DIÁLOGO	
O esboço do mapa: as urdiduras do diálogo	
Cartografando a produção	
Tecendo a rede com múltiplas linhas	
Conteúdo da produção	
Bases teórico-metodológicas ou quadro teórico conceitual das Pesquisas no educa	
Canais de disseminação do conhecimento	
(IN) CONCLUINDO	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

NA TRILHA DOS AGRADECIMENTOS

Marcel Mauss, no seu célebre *Ensaio sobre a dádiva* nos legou a regra social primordial, à qual se dá o nome de “**a tríplice obrigação de dar, receber e retribuir**”, como esforço para compreender a vida social como um sistema de relações. E fazendo juz a regra maussiana, inicio a tríplice obrigação.

A pesquisa não teria sido possível sem o aporte financeiro do Tesouro que proveu os recursos necessários à aquisição de materiais e equipamentos. Meus agradecimentos são dirigidos a equipe da Coordenação Geral de Estudos Educacionais - CGEE pelo apoio recebido em diferentes momentos da pesquisa.

Nos momentos iniciais da coleta de dados contei com o apoio logístico da Analista em Ciência & Tecnologia, Cristina Pino do Couto. Seu companherismo e acuidade profissional foram decisivos para a estruturação lógica do material disperso e caótico do acervo do Educa. Na fase final, o apoio logístico fundamental veio através da secretária do CGEE, Fátima Barroca, pela feitura da diagramação do *layout* final. O agradecimento se estende também a pesquisadora Juceli Bengert Lima pela disponibilidade profissional na formatação técnica das tabelas e sua colocação no corpo do relatório Agradeço a pesquisadora Helena Marques pelas correções lingüísticas e valiosas críticas ao Capítulo 2 o que possibilitou uma substantiva melhora no texto, bem como a atenção dispensada todas as vezes que tive de dirimir dúvidas sobre certas informações contidas no acervo do Educa.

Fui privilegiada com um interlocutor excepcional na minha busca de conhecimentos teóricos no campo da Educação. Dele recebi críticas fundamentadas pela solidez teórica-metodológica que lhe confere competência. Não só recebi críticas como também sugestões para refazer tópicos ou aprofundar questões, abrindo trilhas, veredas



FUNDAÇÃO
JOAQUIM NABUCO

DIRETORIA DE
PESQUISAS SOCIAIS

ou caminhos para que eu pudesse seguir adiante. Sua capacidade de intercambiar o processo de “escuta e fala” e apostar na minha capacidade profissional para superar os obstáculos, fizeram com que o Prof. Dr. José Batista Neto, coordenador do CGEE, se tornasse o interlocutor/ cúmplice dessa caminhada.

NOTA INTRODUTÓRIA

Em diferentes tempos e lugares, as sociedades constroem dispositivos com a intenção de interpelar a memória. Esses dispositivos são elos afetivos com o seu passado e, também, fruto de escolhas selecionadas pelas instituições dentro de cada sociedade. Os estudos sobre memórias envolvem uma diversidade de abordagens que vão da fisiologia à psicanálise. Abre-se, pois, um campo fértil para pesquisas em diferentes campos do conhecimento. Daí porque nos últimos anos as contribuições dos estudos no campo da memória têm sido relevantes, tanto em quantidade quanto em qualidade.

Em que pese sermos uma sociedade prioritariamente orientada para o futuro, para a mudança contínua, os estudos sobre a memória vêm demonstrando sua importância para a compreensão do presente. Isto posto, cabe então, iniciar algumas considerações sobre a trilha da memória. No campo conceitual, o aporte teórico vem de Halbwachs (1925 e 1990); Bartlett (1977); Neisser (1982); Bosi (1983); Benjamin (1985); Connerton (1993); Santos (1994; 1999 e 2003); Le Goff (1995); Pollak (1989), Nora (1984) e ainda outras contribuições como, por exemplo, a de Guinzburg (1989). A memória se constrói num contexto espaço-tempo preciso, já que não é uma atitude e/ou construção individual mas é social, e num tempo também de natureza social. A memória deve ser pensada em seu contexto e produções sócio-históricas, portanto, em termos plurais, incluindo suas redes relacionais.

A memória, considerada em seu sentido plural, é a expressão partilhada de um sentimento e modo de compreender e se relacionar com o mundo. É, pois, na reorganização de suas lembranças, na reconstrução de suas memórias que permite ao indivíduo manter sua identidade enquanto grupo social. Podemos afirmar que a memória social ou individual constitui uma *“utopia necessária e estratégica”* no plano



FUNDAÇÃO
JOAQUIM NABUCO

DIRETORIA DE
PESQUISAS SOCIAIS

simbólico e relacional para a afirmação ou retomada de identidades culturais e/ou locais que se sentem ameaçadas pela existência de outros valores, e mais recentemente, pelas condições planetárias.

A memória é feita de fragmentos dispersos e elaborada pelo jogo da lembrança e do esquecimento. É o modo pelo qual o indivíduo mobiliza seu passado e atribui a ele um sentido. A memória é o resultado do trabalho de re-apropriação e de negociação que toda pessoa faz em relação ao passado fundador de sua identidade, ou de sua ilusão identitária. Mas a memória é também uma espécie de antecâmara da alteridade onde cada um constrói sua própria história e a confronta com a história dos outros membros da família, amigos, inimigos ou de lugares, nação, raça, etnia, religião, gênero. É, pois, na memória que se inscrevem as continuidades e as rupturas nos vínculos familiares, amorosos, sociais nas formas de transmissão e nos conteúdos da “distinção” e da “herança”, para falar como Pierre Bourdieu (1989).

A memória é, pois, uma presença que nos habita através das lembranças e recordações coladas como uma tatuagem ao corpo. Memória que se inscreve também nos sabores, no olfato, nos perfumes. Habitação ou coabitação que se instala na epiderme a partir de impressões e sensações, organizando assim, um Eu-pele definido como uma identidade. A identidade que desejamos manter ou destruir.

Os aspectos da memória foram durante muito tempo também objetos de estudos tanto para a psicologia quanto para a filosofia. Alguns autores objetivam a memória e enfatizam seu processo de construção social, como Gondar & Dodebei (2005); Fentress & Wickham (1992). Outros compreendem a memória não como objeto, mas como sujeito do processo social, como por exemplo, Foucault (1970).

Considerando os autores que vêem a memória como um “fenômeno coletivo” cabe destacar dois grupos: o primeiro deles entende que as memórias individuais são determinadas por “construções coletivas”; para o segundo, a memória é compreendida como resultante da ação do indivíduo na sociedade. Essa abordagem está presente nos

trabalhos de historiadores e sociólogos que procuram uma lógica inerente às tradições culturais e às histórias oficiais. Ainda que simplificando bastante a complexidade de pensamento de cada um desses autores, enquadrados de maneira muito esquemática, no primeiro caso, os trabalhos do sociólogo Maurice Halbwachs e o segundo, os do historiador Pierre Nora com o seu conceito de “lugares da memória”.

Isto conduz a uma breve explanação acerca dos pontos essenciais do aporte teórico clássico do sociólogo francês Maurice Halbwachs que serve de parâmetro para o estudo da memória. Ele procurou através de trabalhos densos em argumentação e análise, publicados em 1925 (*Les Cadres Sociaux de la Mémoire*) e 1950 (*La Mémoire Collective*), retirar a discussão da memória coletiva dos campos disciplinares da biologia e da psicanálise e caracterizá-la definitivamente enquanto um *fenômeno social*.

É importante assinalar que o autor, a partir do desdobramento das idéias de Durkheim sobre a determinação social do conhecimento, elaborou a teoria sobre os *quadros sociais da memória*, a qual pode ser ilustrada por uma curta frase do autor: “*em realidade, nunca estamos sós*”. Para Halbwachs, as noções de tempo e espaço são estruturantes dos quadros sociais da memória. Ambos são instâncias solidárias, fundamentais para a rememoração do passado na medida em que as localizações espaciais e temporais das lembranças são a essência da memória.

A grande contribuição de Halbwachs no estudo da memória está na reflexão acerca dos quadros sociais da memória, porém não somente isso, ele deixou ainda indícios ou “primeiros rascunhos” da noção de “memórias em disputa” e “memórias subterrâneas”, estudadas depois por Michael Pollak. Halbwachs argumenta que a narrativa oral é uma memória individual, porém, nossas lembranças e construções desta memória permanecem coletivas na medida em que nos são lembradas pelos outros,

mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetivos que só nós vimos.[...] Não é necessário que os outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (2004:30).

É, em verdade, uma construção da memória segundo as relações sociais vividas no passado, mas, sobretudo no presente e no significado que hoje lhe é atribuída. Afirma, pois, Halbwachs que para confirmar ou recordar uma lembrança, as testemunhas, no sentido comum do termo, isto é, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível, não são necessárias. Não precisamos ter vivido o fato para lembrá-lo e atribuir-lhe valor. Não se trata de um tempo real. Podemos, devido ao sentimento de pertencimento a um grupo, herdar dele a memória e significados que o identifica. É o que Halbwachs chamou de necessidade de uma comunidade afetiva

para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contatos entre uma e outras para que a lembrança que nos recordam possa ser construída sobre um fundamento comum (idem,p.38).

Portanto, o sentimento de pertença a um grupo não pressupõe a presença atual de seus membros. Suas influências podem permanecer vivas, orientando o olhar do indivíduo sobre o passado. Ainda assim, o apoio coletivo à memória é mais vigoroso quando envolve a presença sensível de antigos companheiros e suas marcas no entorno. A materialidade como que incrementa a presença do grupo em pensamento. A convivência entre antigos companheiros nutre a comunicação entre visões de mundo que se limitam, se conformam e se interpenetram. O passado permanece então em contínua reconstrução pela memória coletiva.

Enfatizando o caráter coletivo da memória, diríamos que seu suporte social é doado por grupos pregressos e atuais, especialmente em condições promotoras de uma participação enraizada dos homens no meio coletivo. São circunstâncias em que o passado de um indivíduo pode mais vigorosamente ser vivido como o passado do grupo. Esse trabalho da memória conta com o suporte de imagens e idéias, valores e afetos vinculados a grupos sociais junto aos quais o indivíduo experimenta algum sentimento de pertença.

À medida que aspectos sociais são levados em conta, os conceitos de memória se diversificam, tais como: “memória social”, “atos coletivos de lembrar e esquecer”,

“tradição”, “traços da memória” (Santos, 1994), “lugares de memória” (Nora, 1993) “memória institucional” (Neisser, 1982). Esses conceitos representam não só diferentes abordagens de um mesmo fenômeno, como também explicam diferentes fenômenos indistintamente classificados como memória.

Cabe chamar a atenção para o fato de que é relativamente recente o surgimento de projetos sobre “memória institucional”. Isto têm suscitado instigantes debates e despertado o interesse de muitos profissionais, especificamente, daqueles que trabalham diretamente com o campo da memória: antropólogos e historiadores.

O psicólogo Ulric Neisser, em 1982, acrescentou uma dimensão a mais nos estudos sobre a memória, a do tempo que é presente não na reapropriação que indivíduos fazem dele, mas em situações que definem esta mesma reapropriação. Ou seja, o processo de construção do passado passa a fazer sentido apenas ao ser considerado em relação a sua inserção em determinados contextos sociais. Para ele, memória implica necessariamente na interdisciplinariedade. Seus estudos estão voltados para uma grande variedade de temas, como tradições, práticas de comemoração, memória autobiográfica e *memórias institucionais*.

No Brasil, os projetos de memória institucional aparecem como reação às acusações de que somos um país sem memória, onde o esquecimento é a vala comum em que repousam episódios e personagens, atores e ações. Por isso, a comunidade intelectual se lança à tarefa da preservação da memória, sustando o esquecimento (Nora, 1993) Isto pode ser observado tanto nas Universidades e Centros de Pesquisa onde grupos de pesquisadores se formam a partir do tema da pesquisa de fontes documentais, tais como: o Núcleo de História Oral da Universidade Federal de Pernambuco, o Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional -NDHIR na Universidade Federal da Paraíba, o Núcleo de Documentação e Cultura na Universidade Federal do Ceará, O Centro de Memória da UNICAMP, o Centro de Pesquisa e Documentação História Contemporânea do Brasil -CPDOC na Fundação Getúlio Vargas e na Fundação Joaquim Nabuco, o Centro de Documentação e Estudos de História Brasileira Rodrigo de Mello Franco de Andrade - CEHIBRA.

Todavia, acentua Flávia Werbe

não é incomum encontrar instituições sem registros de seu passado, desprezando-o; com lapsos de documentação referentes a longos períodos ou nas quais uma ou outra pessoa domina a documentação apropriando-se da memória institucional como se fossem proprietárias do passado institucional do qual muitas vezes nem foram atores ativos (2003:1-2).

Justamente pelas razões mencionadas acima o estudo da memória como possibilidade de vestígio, de registro que se faz e refaz na riqueza da experiência humana, tem sido alvo de interesse da discussão historiográfica na tentativa de criar campos documentais baseados em seu registro. Isto se dá porque a memória é visualizada tanto no seu caráter seletivo – ao privilegiar determinados registros – como no seu caráter de criação – porque pode ser produzida com objetivos bem definidos.

No artigo “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”, publicado em 1993, Pierre Nora coloca que os “*lugares da memória*” materialmente se apresentam como vestígios, restos, testemunhos do que passou. Para ele,

os lugares da memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas são operações naturais (1993:12).

Assim se constituem registros de minorias, apoiados por uma gama de produtores tradicionais de arquivos: as grandes famílias, a Igreja e o Estado. Entretanto a crescente democratização da sociedade, a atual consideração à memória de excluídos sociais, a valorização de fontes da cultura oral contemporânea contribuem para a ampliação da materialização da memória sob a forma de produção de arquivos.

É na ânsia de ir buscar suas origens que move diferentes atores sociais na recuperação de memórias particulares. Consagram-se, assim, os “*lugares da memória*”, que coexistem em três dimensões: material, funcional e simbólica. Neste entrelaçamento, os “*lugares de memória*” se caracterizam como um movimento que articula Memória e História, pois, intencionalmente se busca preservar os vestígios, impedindo a ação do esquecimento. Ao interpretá-los e devolvê-los à sociedade, os estudiosos da memória os institui simbolicamente.

É, pois, dentro destas formulações teóricas que se encaixa a nossa busca para o entendimento da memória institucional do Departamento de Educação (Educa) da Fundação Joaquim Nabuco durante uma década e meia e será traduzida pela materialidade dos documentos gerados por diferentes fontes pelos pesquisadores.

Creemos que investigar o já produzido, o experimentado, a potencialidade que emerge do movimento da produção científica parece ser condição para registrar os saltos qualitativos das Instituições que se destinam a produzir conhecimentos. Daí o nosso olhar para o material produzido na Fundação Joaquim Nabuco no âmbito do Departamento de Educação durante o período compreendido entre 1980 a 1995.

Feitas essas colocações, caberia revisitar um pouco as próprias motivações que animaram a proposta do presente estudo. Como toda pesquisa científica, esta também emergiu de inquietações pessoais sobre o destino de uma produção de conhecimento gerado por uma unidade administrativa que devido a um redesenho institucional teve suas atividades interrompidas. Assim pretendeu-se, impedir a ação do esquecimento. Outro elemento provocativo foi uma literatura existente sobre memória, essencial no meu projeto de doutorado com de idas e vindas ao tema “memória institucional”, onde os “insights” daí advindos traduziram-se em forma de um projeto de pesquisa e que cumprindo as etapas da pesquisa científica, agora se consolida num relatório de pesquisa.

Portanto, a pesquisa aqui relatada tem motivações antigas tanto quanto interesses imediatos. A idéia da pesquisa começou a se formar a partir do momento em que, em setembro de 2003, foi recriada a Coordenadoria Geral de Estudos Educacionais na estrutura do Instituto de Pesquisas Sociais. A justificativa para tal escolha encontra-se no que se poderia chamar a *“ida ao passado com questões do presente, para voltar ao presente, com o lastro do que se compreendeu do passado, num vaivém entre o antigo e o novo”*, como afirma Nicole Loraux (1992:64).

Acrescentaria a essa justificativa, a transcrição de parte do pequeno texto intitulado “Escavando e recordando” de Walter Benjamin, onde ele adverte que

a memória não é um instrumento para a exploração do passado: é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência.[...] Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolve-lo como se revolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas a exploração mais cuidadosa entrega aquilo que recompensa a escavação(...) é igualmente indispensável a enxadada cautelosa e tateante na terra escura. E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho (1995:239-240).

No final do seu texto, o autor arremata *“um bom relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente”*.(idem)

Dito isso e sem a preocupação com o que seja usual numa introdução de relatório de pesquisa, mas, antecipando-me a capacidade analítica e crítica dos leitores do presente relatório, pensei em, primeiramente, colocá-los diante:

- Dos objetivos da pesquisa, tal como foram submetidos aos embates impostos no andamento da atividade investigativa, e
- Do seu percurso, tornando visíveis numa linha de tempo as comparações entre o previsto e o realizado.

Isto tudo ensejou uma espécie de exercício, simultaneamente analítico e avaliativo, que se inicia desde já e continua nos capítulos de procedimentos metodológicos e de apresentação dos resultados.

Os resultados da pesquisa desenvolvida com o acervo da produção do Educa mostraram quão os “objetivos gerais e específicos” contidos no projeto serviram de guia à condução dos processos de captação de dados e de tratamento analítico *a posteriori* desenvolvido, mesmo porque, o ato de investigar – que diz respeito a uma certa relação que o sujeito do conhecimento estabelece com o que se possa convencionar de verdade – *“é ato de descoberta contínua e permanente; é dinâmico e interativo”*. Em seu vagar metódico em busca da “verdade”, muitas vezes a investigação envereda por labirintos imprevistos, desaguando em terrenos desconhecidos ou movediços e, em

alguns casos, iluminando áreas de pouca visibilidade ao atribuir sentido aquilo que se afigurava num primeiro olhar como marginal e irrelevante.

Desse modo, o recorte teórico-empírico elaborado *a priori* foi tão somente indicativo, pois o objeto foi sendo gradativamente construído ao longo do processo de pesquisa o que permitiu problematizar as evidências e a reinterrogar nossas certezas.

Cabe, no entanto, lembrar que as conexões entre uns (resultados) e outros (objetivos) nem sempre tiveram a mesma densidade. Algumas são mais frágeis que outras. Assim sendo a pretensão de

reconstruir a memória do Educa através do mapeamento do conjunto de textos produzidos pela equipe de pesquisadores que compunha o Departamento de Educação, registrando suas tendências teórico-metodológicas, seus processos de produção de conhecimentos e suas possíveis influências na determinação de políticas adotadas pela Fundação Joaquim Nabuco no campo educacional, (Projeto da Pesquisa, 2005) foi o nosso objetivo geral.

E mais, as possíveis conexões da produção que teceu o seu acervo teórico-investigativo, ou seja, “o tecido-textual” que foi traduzido pela materialidade dos documentos examinados.

Consequentemente, o *corpus* empírico sobre o qual inside esse estudo limita-se tão somente ao que foi produzido pelo Educa no período compreendido entre 1980 a 1995. Aconselha Carlo Guinzburg (1989:177) que se “*procure pistas, reúna vestígios, resíduos, fragmentos, junte o que foi selecionado pelo tempo, o que perdeu*”. Desse modo, as indagações sobre o ontem se transformam em pistas novas e passam a ser vistas onde antes nada era percebido. Ou seja, uma espécie de ordenação e releitura desses vestígios, a reunião e restituição de sentido.

Isto posto, partiu-se do pressuposto de que qualquer traço, vestígio ou indícios deixados pelos integrantes do Educa nos registros existentes seriam fundamentais para mapear a trajetória desses pesquisadores. Essa premissa constituiu-se, então, o fulcro da pesquisa.

Pretendeu-se, também, no nível do projetado, a construção de objetivos específicos e dentre eles destacou-se:

- Mapear a produção escrita dos pesquisadores que faziam parte do Educa durante a sua existência na estrutura do Instituto de Pesquisas Sociais;
- Identificar as temáticas escolhidas pela equipe para desenvolver seus estudos e reflexões;
- Pontuar as condições institucionais e/ou sócio-políticas que mediaram a elaboração das propostas de estudos/pesquisas no período considerado;
- Estabelecer comparativo entre a produção gerada no período examinado e sua inserção ou não no panorama da pesquisa educacional no país.
- Apontar os referenciais teórico-metodológicos adotados nos estudos realizados pelo Educa;
- Descrever os perfis de publicação pelos quais os trabalhos eram difundidos.

Tomando por referência os objetivos propostos no projeto, formulei alguns questionamentos que me nortearam ao longo da análise dos dados. Em que consiste a produção intelectual produzida no interior do Educa? Essa produção se articula a quê? Qual a ênfase desses textos produzidos por diferentes pesquisadores de formação diversificada? Qual a relação com o que era produzido no âmbito do Educa com as demais instâncias do Instituto de Pesquisas Sociais (Inpsoc) da Fundação Joaquim Nabuco? Qual o diálogo epistemológico que mediava essa produção? Qual a contribuição da produção intelectual do Educa à sociedade? Que aproximações, relações conceituais e argumentativas podem ser encontradas entre a produção acadêmica do Educa e a perspectiva emergente da pesquisa educacional brasileira naquele período?

Essas indagações estiveram presentes no decorrer das análises e interpretações e, em torno delas, foi organizado o conteúdo do relatório cuja estrutura compreende, além desta nota introdutória mais quatro capítulos, sendo o último conclusivo.

O primeiro capítulo focaliza os passos metodológicos percorridos. O segundo retrata a trajetória histórica do Educa. O terceiro mapeia o conjunto da produção dos pesquisadores que compunha o antigo Educa, a partir do material de diferentes fontes, registrados e veiculados em múltiplos instrumentos de difusão de conhecimentos. Por último, procuramos oferecer uma síntese aproximativa do que se produziu durante quinze anos no campo educacional dentro da Instituição Nabuco.

CAPÍTULO 1. A BUSCA DE INFORMAÇÕES

A trajetória metodológica deste relatório está fundamentada no método qualitativo e numa abordagem hermenêutica¹. O percurso envolveu três momentos: a descrição, a categorização e a interpretação das informações coletadas. Daí porque diversificamos abordagens e técnicas investigativas.

Temos como ponto de partida a linha proposta por Le Goff (1995) de que documentos são produção de realidades, construção de fatos. E, como tais, devem ser apreendidos, mas não superestimado seu valor enquanto fonte de dados, ou seja, eles são objetos construídos historicamente, com intenções as mais variadas possíveis. Nesse sentido, mapear a produção acadêmica do Educa pela pesquisa documental significa assumi-la como fonte polifônica, uma vez que esses documentos são testemunhos de várias experiências vivenciadas e a marca de um devir histórico.

Cabe lembrar que documentos não possuem um sentido em si mesmos, eles adquirem sentido à medida que são colocados de forma relacional, estabelecendo uma cadeia. A tarefa do pesquisador, ao elaborá-la, é dar *significado* as peças documentais com as quais está lidando. É bom frisar que não se reencontra sua ordem original, é necessária sua inserção em uma nova ordem para que possam ser lidas e onde a polissemia das informações ceda lugar ao manuseável do dado.

E, para tanto, criam-se categorias, agrupam-se dados, recortam-se ou excluem-se, privilegiando a massa informativa que reúne sutilezas nunca percebidas, até mesmo por seus autores e que gradativamente vão aparecendo no curso da investigação, da análise. Há uma frase de Marcel Mauss que diz: “*o etnógrafo que se lança no trabalho de campo*”

¹ Por “hermenêutica” compreende-se, de modo geral, a procura de uma idéia ou essência através da leitura de um texto. Embora o conceito seja muito amplo e tenha vários desdobramentos, passo a utilizar aqui a interpretação dada por Gadamer (1999) que enfatiza os aspectos de historicidade e tradição na tarefa interpretativa. O tratamento dos dados foi feito pela busca de compreensão do sentido das proposições (textos produzidos pelos pesquisadores do Educa dentro de um contexto institucional, o da Fundação Joaquim Nabuco).

deve ter firmeza de conhecimento, a fim de trazer à tona o que ainda é ignorado.” (1988:8). Não é, portanto, por acaso, que Marcel Mauss aponta que o etnógrafo “*não se surpreenda. Não se sinta importunado*” diante dos fatos transmutados, pois eles aparecem na textura dos documentos com que lida o antropólogo, exprimindo as significações aí desconhecidas. Isso porque a aplicação da etnografia – papel reiterado do antropólogo/etnógrafo – leva em conta, de um modo geral, as condições sociais e culturais que determinam a produção de relatos ou de documentos que examina.

As considerações aqui tecidas, não impedem que se faça o recorte preciso da realidade, que se defina com clareza os limites do objeto no tempo e no espaço, os objetivos a serem perseguidos com a investigação, o campo empírico sobre o qual a observação se atém, as técnicas aplicadas à coleta de dados que devem ser adequadas aos propósitos a serem alcançados, o modelo de análise e interpretação que necessita estar conectado com o quadro conceitual tomado como indicativo.

Por outro lado, esta investigação procurou captar, em âmbito microdimensionado, contribuições que pudessem ser absorvidas no espaço institucional do Instituto de Pesquisas Sociais (Inps) da Fundação Joaquim Nabuco. A este respeito, pensamos que os chamados “micro” por sua especialidade qualitativa podem iluminar a reflexão que se faça, em termos “macro”, sobre a história institucional da Fundação, apontando as singularidades que esta última abordagem, por seu caráter globalizante, não consegue apreender, mesmo porque, a natureza qualitativa de uma pesquisa não descarta – antes requer – os estudos “macro” que lhe servem como contextualização, através do dimensionamento quantitativo dos problemas.

Para abordar a problemática definida, adotamos como procedimento inicial a leitura de documentos diversos com a intenção de resgatar a historicidade dos processos, uma vez que muitas das explicações acerca da produção de conhecimentos gerados pelo Educa foram sendo construídas ao longo de uma década e meia. Entendemos que o *corpus* documental encontrado no Departamento de Educação constituiu um acervo de conhecimentos que reflete, provoca e mobiliza saberes ali produzidos. Essa questão possibilitou desencadear um processo de análise qualitativa dos trabalhos de maneira a

reunir, organizar e categorizar saberes produzidos na trajetória de diferentes sujeitos [pesquisadores] dentro da estrutura organizacional do Inpso.

No entanto, esse tipo de material, um tanto estático, não é suficiente para apreender as relações institucionais prevalentes naquela ocasião. Recorremos então a entrevistas e estas foram úteis para complementar às informações obtidas nos documentos e caracterizar, com mais precisão, qual a intencionalidade de seus atores ao produzir conhecimentos dentro de uma instituição voltada para a pesquisa social.

Nesse sentido, é importante ter em mente que a realidade é originária de um processo dialético incessante, em que o homem é capaz de produzir um mundo organizado. Daí porque foi imprescindível levar em consideração na análise da produção acadêmico-científica realizada pelo Departamento de Educação, a forma como foi feita essa produção, porque foi feita, a maneira de fazê-la, sua intenção, repercussão, apropriação e recriação. É, pois, um *corpus* documental a ser apropriado. Por isso mesmo convém salientar que no levantamento para obtenção dos dados documentais duas dimensões adquiriram sentido e visibilidade: a quantitativa e a qualitativa da referida produção.

1.1. As fontes

O instrumento de coleta de dados constituiu, em primeiro lugar, num registro detalhado da produção existente no período considerado 1980 a 1995, organizado em quatro categorias, a saber:

- título da pesquisa
- autoria
- ano da produção
- titularidade dos autores

A produção do Educa materializou-se em livros, relatórios de pesquisa, artigos em periódicos, publicações em eventos locais, regionais, nacionais e internacionais.

Textos para Discussão (TPD's), dissertações e teses, bem como textos escritos e não publicados existentes no acervo do Educa.

O levantamento do material teve início com a consulta ao acervo existente no antigo Departamento de Educação. Cabe chamar a atenção para o fato de que não se trata de um panorama exaustivo de tudo que se produziu no período considerado, ou seja, o material mapeado não abrange a totalidade da produção científica dos pesquisadores do Educa. Foram excluídos, portanto, os produtos anteriores à sua inserção na Fundação Joaquim Nabuco, bem como aquelas publicações que embora citadas pelas fontes consultadas não foram encontradas, mas que, sem dúvida, encontram-se nos acervos pessoais de alguns pesquisadores já aposentados e que não foi possível localizá-los.

À medida que a coleta de dados prosseguia, detectaram-se lacunas, inconsistências e mesmo não confiabilidade de informações, tornando-se necessário lançar mão de outras fontes referenciais. Dentre as fontes consultadas destacam-se as seguintes: Banco de Dados “FACES do Inps”, Banco de Dados de “Pesquisa Educacional no Norte e Nordeste do Brasil” – este elaborado por pesquisadores do Educa em 1992 onde não só se registrava a produção regional como também nele se fez o registro de sua própria produção institucional -, Relatórios Institucionais Anuais da Fundação Joaquim Nabuco e o Plano Anual de Trabalho (PAT's).

Outra fonte complementar a ser destacada refere-se ao uso da entrevista com os antigos integrantes do departamento, hoje, na sua quase totalidade, aposentados. Tais relatos forneceriam substanciais pistas para a reconstrução da trajetória institucional do Educa. Não foi possível realizar todas as entrevistas previstas. Por razões de duas ordens. A primeira delas, de natureza física: mortes e doenças dos atores daquela cena. A segunda materializou-se na postergação, e não concessão, de depoimentos ou na recusa de outros atores concederem entrevistas, sob alegação do esfacelamento do grupo ou ainda por medo de se exporem publicamente fornecendo informações.

1.2. Análise dos dados

À luz da advertência de Venturin (2005:56) - “*compreender como se manifesta [uma] produção não é fazer diagnóstico definitivo e nem propor soluções a partir dela, mas procurar seus sentidos e seu movimento interno*” -, o *corpus* documental foi adentrado na sua singularidade com o propósito de compreendê-lo, ao mesmo tempo na sua unicidade e generalidade, com vistas a captar, descrever, mapear, associar/dissociar, estabelecer relações e interpretar a produção dos pesquisadores do Educa de modo a registrar a historicidade do processo, reunindo, organizando e categorizando os saberes produzidos por meio de análise qualitativa. Feito isto, foram sendo gerados unidades temáticas como expressão das práticas de pesquisas adotadas no Instituto de Pesquisas Sociais e, especificamente, no interior do Departamento de Educação.

A abordagem do *corpus* documental selecionado compreendeu a leitura dos textos, a identificação dos temas tratados e a construção das unidades temáticas. Concluído o mapeamento da produção foi possível agrupar o material coletado em quatro categorias, a saber:

- Linha temática
- Canais de disseminação do conhecimento
- Periodização da produção
- Quadro teórico-conceitual

Essa categorização possibilitou o levantamento de alguns aspectos reveladores dos caminhos que a produção científica do Educa percorreu no período de uma década e meia.

Dois níveis orientaram a análise dos dados. Num primeiro nível de análise tomamos os relatórios de pesquisa, as publicações como indicadores da produção e com isto captamos a dimensão quantitativa, na trajetória institucional do Educa no período considerado. Num segundo nível, procuramos mapear os temas privilegiados nos citados trabalhos e as possíveis conexões da produção que tece o seu acervo teórico-



FUNDAÇÃO
JOAQUIM NABUCO

DIRETORIA DE
PESQUISAS SOCIAIS

investigativo aí presente, cotejando-os com o cenário histórico da pesquisa educacional brasileira naquele período.

CAPÍTULO 2. COMO TUDO COMEÇOU... DO CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS AO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO

Reconstruir o momento de criação de um Departamento e de sua inserção no contexto político e institucional de outra entidade propicia o cenário necessário para a compreensão da natureza daquele setor, suas metas e objetivos. Daí porque este estudo se volta para as páginas do tempo e nele busca a reconstrução da memória de um Departamento, o Educa, marcado por sucessivos processos de extinção e incorporação organizacional e, em conseqüência, portador de múltiplas memórias. Ao lidar com a noção de memória concordamos com Raphael Samuel (1997:44) quando propõe que

a memória longe de ser meramente um receptáculo passivo ou de um sistema de armazenamento, um banco de imagens do passado, é, isto sim, uma força ativa, que molda; que é dinâmica – o que ela sintomaticamente planeja esquecer é tão importante quanto o que ela lembra - e que ela é dialeticamente relacionada ao pensamento histórico, ao invés de ser apenas uma espécie de seu negativo. [mais ainda] que a memória é historicamente condicionada, mudando de cor e forma de acordo com o que emerge no momento; de modo que, longe de ser transmitida pelo modo intemporal da “tradição”, ela é progressivamente alterada de geração em geração. Ela porta a marca da experiência, por maiores mediações que ela tenha sofrido

Nessa linha de entendimento, caberia indagar: que marcas historicamente condicionadas pontuou a trajetória institucional do Departamento de Educação (Educa) da Fundação Joaquim Nabuco? Antes, porém, é necessário uma rápida contextualização acerca da pesquisa educacional em Pernambuco como ponto de partida.

A pesquisa educacional despontou no Estado de Pernambuco nos anos 20 com Ulysses Pernambucano e sua equipe que desenvolveram pesquisas sobre o nível intelectual e desempenho escolar das crianças carentes. Na década seguinte, foram desenvolvidas pesquisas educacionais pela Escola de Aperfeiçoamento para professores diplomados pela Escola Normal Oficial que se destacaram no magistério. Outro registro acerca da pesquisa educacional ocorre com a criação do Instituto de Pesquisas de

Pernambuco [Instituto Pernambucano de Estudos Pedagógicos - IPEP] que congregava os pensadores educacionais locais e no qual se observava uma fecunda produção de estudos e pesquisas com publicações em periódicos editados pelo próprio Instituto, como registra Zaida Cavalcanti (1993) no seu relatório de pesquisa.

Na gênese do Educa encontra-se o Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Pernambuco (CRPE) e a reconstituição da dinâmica e do funcionamento desse centro permite o *esprit de corps* que permeava aquela instituição. Foi criado no Recife, em 1956, como um dos cinco centros regionais do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais-Inep, do Ministério da Educação (MEC), concebidos por Anísio Teixeira, que “*selecionou os nomes daqueles que convidou para dirigir os Centros de Pesquisa Regional, a do Recife, o convite foi endereçado a Gilberto Freyre*” (Xavier (1994:82).

Pioneiro na área da pesquisa sobre o planejamento e a economia educacional -, além da relevante variedade de pesquisas realizadas na área da educação escolar, magistério e sociologia da educação -, o CRPE deu início a um período bastante importante para a pesquisa, sobretudo no que diz respeito às novas preocupações metodológicas, introduzidas pelos pesquisadores treinados tanto no Inep quanto no exterior. Ele também influenciou a prática de pesquisa e planejamento na Secretaria da Educação do Estado de Pernambuco bem como na Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene).

Patto et alii (2004) confirmam esse alinhamento governamental, quando em artigo publicado pela Revista Educação e Pesquisa apontam que “... *a criação em 1956 do CBPE e dos cinco Centros Regionais inaugura um período... Novamente a pesquisa como meio privilegiado para atingir fins governamentais*” (p.53). Em outra passagem os autores completam:

No interior da ideologia nacional-desenvolvimentista, muda, no entanto, o objeto. Agora se trata de mapear a sociedade brasileira de modo a fornecer dados a uma política educacional que alavancasse o progresso econômico do país, levando em conta as diferenças regionais. Na pauta dos órgãos de pesquisa, a estratificação socioeconômica da população; a mobilidade social; os processos de socialização regionais e comunitários, a correlação entre

escolaridade e nível da população escolar. Era a vez das Ciências Sociais; em chave teórica funcionalista (Idem, p.53-54).

Carlos Benedito Martins em resenha publicada em 2003 acrescenta que a *“inclusão de Fernando Azevedo (SP) e Gilberto Freyre (PE) – os quais não realizaram qualquer estudo sobre a temática educacional – fazia parte da estratégia de Teixeira em absorver nomes já consagrados nas ciências sociais brasileira”*(2003:166), com o propósito de despertar o interesse desse campo disciplinar para a temática da educação, o que vem ao encontro das idéias de Patto et alii (2004). Criavam-se, assim, os meios materiais para a fundação de um núcleo de estudos sobre a educação, com a organização de um vasto acervo bibliográfico e documental. Em outra passagem de sua tese de doutoramento, Libânia Xavier (1994) acrescenta,

A escolha de Freyre e a visão peculiar desse intelectual o levaria a relacionar a instituição recém-criada a um movimento de regionalização, imprescindível, na visão de Freyre, para a legitimação do projeto nacional partilhado pelo grupo, dos chamados educadores-pioneiros (p.82).

Os Centros Regionais tinham como princípio norteador a promoção de *“pesquisas das condições culturais e escolares e das tendências de desenvolvimento de cada região e da sociedade brasileira como um todo, para o efeito de conseguir-se a elaboração gradual de uma política educacional para o país”*, como registra Gouveia (1971:3). Para Carlos Frederico Maciel (1961), pesquisador do CRPE, os Centros Regionais de Pesquisas Educacionais do Inep

foram criados, entre outros motivos, pela sugestão e com a preocupação de aproximar as pesquisas educacionais das pesquisas sociais[...] Nos parece uma diretriz perfeitamente acertada, quanto à sua intenção pragmática. Os Centros, conseqüentemente, são estruturados basicamente em duas Divisões que tomam essas designações e esses desígnios (p.1).

O período de atuação dos Centros Regionais representou um marco dos mais relevantes para a afirmação da pesquisa educacional, notadamente pelos cursos e estágios para pesquisadores que os referidos Centros promoviam ou intermediavam, na região, na capital do país, em São Paulo e, mesmo no exterior, dando lugar ao surgimento de uma geração de pesquisadores em educação, cuja influência se fez sentir nas Secretarias de Educação e nas Universidades das diferentes regiões do Brasil.

Em 1975, pelo Decreto Federal 7.754/75, de 23 de maio, o Inep encerra as atividades dos seus centros regionais, marcando, *avant la lettre*, a primeira extinção institucional que marcará a trajetória do futuro Departamento de Educação na Instituição Nabuco, objeto de nossa pesquisa. Claro está que a conjuntura política, associada à trajetória intelectual de seus pesquisadores, irá delinear o perfil e a vocação do departamento a ser instituído.

Coube ao Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS) - fundado por Gilberto Freyre em 1949 - incorporar o patrimônio físico e absorver o pessoal técnico administrativo que compunha o extinto CRPE. Os pesquisadores e técnicos foram alocados, na estrutura do Instituto, no Departamento de Psicologia Social – Depsi, sob a direção da antiga diretora do Departamento de Aperfeiçoamento do Magistério - DAM, Maria Graziela Peregrino. Em depoimento oral para o livro de Joselice Jucá, “Joaquim Nabuco: uma instituição de pesquisa e cultura na perspectiva do tempo” (1991), Graziela Peregrino, como a nova diretora do Departamento de Psicologia Social do IJNPS, relembra sua luta ao lado de Gilberto Freyre, no sentido auxiliar a transição e incorporação do corpo técnico e administrativo do antigo Centro Regional

Foi uma mudança institucional, que ocorreu suavemente. É claro que nós tivemos pessoas que nos ajudavam naquela passagem, naquele trânsito. Posso dizer que a própria figura carismática de Gilberto Freyre foi algo de muita importância naquela transição[...]. Nós éramos do Centro Regional e passamos para outra instituição em que também havia formação comum quanto à origem das duas entidades, e isso serviu para suavizar aquela passagem, que poderia ter sido angustiada e não foi. Considero que foi uma passagem tranquila e nós fomos recebidos, no IJNPS, com muita cordialidade (Apud, Jucá, 1991:105-106).

Indagada pela autora do livro sobre a mudança de linhas de trabalho, ou seja, o enfoque de estudos educacionais no então Departamento de Psicologia Social, ela se justifica “*Nós trazíamos uma grande bagagem de experiência e não iríamos parar as pesquisas que estávamos fazendo. Não iríamos interromper, porque seria dispêndio de energia e de dinheiro acabar com as pesquisas, sem nenhuma razão. Então, nós continuamos*” (Idem)

Graziela Peregrino permaneceu no cargo por 17 anos, mesmo após a segunda mudança institucional ocorrida em maio de 1980, com a transformação do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais -IJNPS em Fundação Joaquim Nabuco -Fundaj.

Durante cinco anos (1975-1980), as atividades do Depsi foram desenvolvidas no sentido de estabelecer articulação institucional tanto através do intercâmbio intra-departamental quanto com a administração pública. Com o Centro de Pesquisa do Imaginário e o Centro de Estudos Folclóricos, pertencentes ao Departamento de Antropologia, através de comunicações escritas, debates, reuniões técnicas, doações de publicações e materiais de folclore. Com o Centro de Estudos da História Brasileira Rodrigo Mello Franco de Andrade - CEHIBRA, por meio da doação de retratos antigos de pernambucanos ilustres, e através de Seminários internos da Fundaj como um todo, onde se apresentavam os resultados das pesquisas desenvolvidas no próprio Depsi.² Outras fontes documentais consultadas (Boletim do IJNPS e registros administrativos, atas de reunião do Depsi, do ano de 1979) testemunham que o intercâmbio com outras instituições nacionais, regionais, internacionais e consulados foi intensamente buscado. O Quadros 1 e 2 a seguir ilustram bem tal estratégia.

² “Pré- 1 grau: desempenho escolar e classes sociais,” de autoria de Myriam Brindeiro, e a “Pesquisa Educacional no Nordeste: ensino rural” de Graziela Peregrino, bem como o relato da pesquisadora Nayde dos Santos Lima da sua participação no III Seminário do Hemisfério Ocidental, em Cali (Colômbia), promovido pela Fundação Bernard van Leer (Holanda).



FUNDAÇÃO
JOAQUIM NABUCO

DIRETORIA DE
PESQUISAS SOCIAIS

Quadro 1: Intercâmbio estabelecido entre o Depsi e as entidades das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil

INSTITUIÇÕES DO RIO DE JANEIRO
Centro Brasileiro de TV Educativa União Brasileira de Escritores Escolinha de Arte do Brasil Associação Brasileira de Tecnologia Educacional Faculdade de Educação – UFRJ CESGRANRIO FUNARTE MOBRAL CNPq Sociedade Brasileira de Educação Através da Arte Faculdades Integradas Simonsen Museu de Imagens do Inconsistente Instituto Brasileiro de Folclore
INSTITUIÇÕES DE SÃO PAULO
Fundação Carlos Chagas SESC Centro Franco-Brasileiro de Documentação Técnica e Científica Instituto de Estudos Brasileiros – USP Centro Brasileiro de Educação Pré-Escolar Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto Faculdade de Educação – USP
INSTITUIÇÕES DO PARANÁ
Secretaria de Educação do Paraná (Depto. Ensino de 1 Grau) Fundação Educacional do Estado do Paraná
INSTITUIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL
Conselho Estadual de Educação Fundação de Pesquisas da Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia Secretaria de Educação e Cultura
INSTITUIÇÕES DO DISTRITO FEDERAL
Universidade de Brasília (Depto. De Psicologia) MEC (INEP, PRODIARTE) FONTE: Acervo do Educa (doc. Mimeo) 1980.

Fonte: Acervo do Educa (doc mimeo) 1980.



FUNDAÇÃO
JOAQUIM NABUCO

DIRETORIA DE
PESQUISAS SOCIAIS

Quadro 2: Intercâmbio estabelecido entre o Depsi e as entidades das regiões Norte e Nordeste do Brasil

INSTITUIÇÕES DO CEARÁ
Fundação Educacional Edson Queiroz Centro de Referência Cultural do Ceará
INSTITUIÇÕES DE SERGIPE
Prefeitura Municipal de Aracaju
INSTITUIÇÕES DO PARÁ
Conselho Estadual de Cultura Universidade Federal do Pará
INSTITUIÇÕES DO MARANHÃO
Núcleo Superior de Estudos Maranhenses
INSTITUIÇÕES DE PERNAMBUCO
Secretaria de Educação Conselho Estadual de Educação Centro Executivo de Exames Supletivo Universidade Federal de Pernambuco (Mestrado de Psicologia, Centro de Artes e Comunicação, TV Universitária, Centro de Educação) FUNDARPE Ordem dos Advogados do Brasil – Seção Pernambuco Escolinha de Arte do Recife Faculdade de Filosofia do Recife SUDENE/DRH Biblioteca Pública de Pernambuco SESI/PE SENAC/PE Liga Pernambucana de Combate à Tuberculose Arquivo Público Estadual FEBEM Academia Pernambucana de Medicina Academia Pernambucana de Letras Fundação de Informações para o Desenvolvimento de Pernambuco – FIDEPE Consulados (Argentina, Alemanha, França, Inglaterra e Estados Unidos e Conselho Britânico)

Fonte: Acervo do Educa (doc mimeo) 1980

É curioso registrar que os Estados de Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e o Piauí não foram contemplados com essa estratégia de intercâmbio regional, muito embora tais Estados façam parte do âmbito de atuação da Instituição Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, conforme reza em seu Decreto de criação.

Dentre as instituições estrangeiras com quem o Depsi manteve intercâmbio vale salientar as seguintes: Fundação Bernard van Leer (Holanda); MIT- Special Program for Urban and Regional Studies of Developing Areas (USA); Asociacion Internacional de

Lectura, Instituto Municipal de Educacion por el Arte e Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales (Argentina); Pädagogische Hochschule Westfalen Lippe (Münster); Centro Regional para la Educacion Superior em América Latina y el Caribe, Facultad de Humanidades y Educacion – Universidad del Zulia; Centro Interamericano de Estudios e Investigaciones para el Planeamiento de la Educacion-CINTERPLAN e Proyecto Multinacional de Tecnologia Educativa (Venezuela); Centro Regional de Educacion de Adultos y Alfabetizacion Funcional para América Latina (México) e Red latinoamericana de Documentacion em Educacion-REDUC (Chile).

Em 1980, com a transformação do antigo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais em Fundação Joaquim Nabuco, um novo momento institucional se estabelece. A extinção do Departamento de Psicologia Social. No seu lugar, uma nova unidade funcional foi incorporada à estrutura organizacional do Instituto de Pesquisas Sociais, cuja sigla passou a ser conhecida por Inpso, com o nome de Departamento de Educação – Educa. Esse novo Departamento aglutinou dois grandes acervos: o do antigo Centro Regional de Pesquisas Educacionais (CRPE/NE) e o do Departamento de Psicologia Social (Depsi) do IJNPS. Dessas extinções/incorporações resultaram todas as heterogeneidades de tendências metodológicas e teóricas que passaram a caracterizar os trabalhos ali desenvolvidos.

Não é demais lembrar que a “cultura nabuqueana” sempre privilegiou trabalhos de caráter individual mais do que a composição de equipes organizadas em temas interdisciplinares ou por projetos institucionais. No que diz respeito à sua inserção institucional do Inpso é bom lembrar que a atitude adotada foi o de **tolerância**. Para tal afirmativa busquei inspiração nas formulações de Bourdieu (1976,1989), quando ele trata da estrutura de um campo científico e dos processos de reconhecimento e legitimidade conferidos àqueles que dele participam.

Para este autor, o tipo de luta científico-política pela legitimidade depende da estrutura que se forja no interior de cada instituição ou campo do saber, que é também condicionada por fatores a ele externos. Neste contexto, em todos os campos são encontrados os dominantes, cujas posições advêm do reconhecimento do montante do

capital científico de que são detentores, e os dominados, ou novatos, que necessitam ter reconhecido a importância da sua massa crítica, da suas potencialidades, bem como da sua posição atual e potencial no campo. Entretanto, é o resultado do jogo de forças nele presentes que vai permitir, ou não, o avanço significativo da produção do conhecimento de que o campo se ocupa.

Na configuração histórica da instituição Nabuco evidencia-se uma forte associação a disciplinas vinculadas às Ciências Sociais (campo dominante) daí talvez a explicação para a atitude do Instituto de Pesquisas Sociais em não demonstrar uma genuína preocupação de tornar prioritário o tema Educação como campo de estudos e pesquisa no Inpsoc, ou mesmo colocar o novo departamento em paridade com os demais campos disciplinares existentes no referido Instituto. Coube aos seus integrantes – com maior ou menor intensidade – se ajustarem à nova situação funcional e organizacional. O fundamental a ser destacado é que a Educação passou a ocupar um reduzidíssimo espaço na agenda de prioridade do Inpsoc e, também, da Fundaj. Como se pode observar a integração foi desfavorável.

No âmbito interno do Educa, a heterogeneidade no campo disciplinar se faz notar com a presença de pesquisadores com formação em Psicologia, Administração e Comunicação, Teoria da Literatura, Sociologia e Antropologia Cultural. Desse modo, foi a sua massa crítica que, articulada, formou a base conceitual, o conteúdo cognitivo institucional. A produção de conhecimentos, a responsabilidade com o contexto e o significado das explicações referenciadas pelos dados empíricos foram viabilizadas através de novos experimentos e aplicações que ancorou o Educa ao longo dos quinze anos de funcionamento na instituição Nabuco.

Esse arranjo institucional refletiu-se, sem dúvida, na produção científica da “nova” unidade de pesquisa. Isto favoreceu, por outro lado, colaborações enriquecedoras, através da contribuição de abordagens e análises diversas, como por exemplo, a abordagem situacional da comunicação, a análise da representação social da psicologia, a teoria do imaginário da Antropologia, a análise do discurso, da teoria

literária, entre outras. Por outro lado, as inevitáveis áreas de conflito em um contexto marcado por incertezas e insegurança fizeram-se presentes nos rumos do Educa.

Vale lembrar que, nos anos 80, o quadro funcional do Educa era composto de 22 funcionários, distribuídos entre pesquisadores e administrativos de nível médio, conforme revela o documento interno (mimeo) do Educa, datado de 1980.

No intuito de se alinhar às diretrizes estabelecidas pelo Inps (Plano Anual de Trabalho-PAT 1982), o Educa passa a adotar no conjunto de suas preocupações de natureza teóricas e metodológicas, duas linhas de pesquisa: EDUCAÇÃO E ESCOLA; EDUCAÇÃO E SOCIEDADE. De fato, são esses os novos grandes temas que passam a compor a agenda do Departamento de Educação.

A mera enunciação das temáticas propostas e desenvolvidas pelo Educa a partir de 1982, por si própria, revela de um lado a abrangência dos aspectos pesquisados e do outro a possibilidade de ter havido uma intencionalidade de operar a fragmentação da produção do conhecimento. Talvez, resida aí, a causa principal de sua extinção posteriormente.

Cabe ressaltar que as temáticas foram desenvolvidas de acordo com a *preferência e escolha individual* de cada um dos seus integrantes. É bom frisar também, que com o decorrer dos anos, acrescentaram-se outros temas como, por exemplo “*Condições de vida das populações, pobreza, identidade cultural e informática aplicada à Educação*” (PAT, 1987). A fala de Peregrino, quando solicitada a reconstruir a memória do Educa, revela,

O Departamento de Educação, não obstante as dificuldades de financiamento para suas pesquisas vem procurando desempenhar os vários tipos de atividades que lhe são pertinentes no organograma da Fundaj, sendo de notar que o Departamento não é um órgão executor de serviços educacionais, mas de elaboração original e desenvolvimento de pesquisas, com vistas a contribuir, pela educação, para a melhoria das condições de vida do homem do Norte e do Nordeste brasileiro (entrevista transcrita, 2006).

Aí, de forma inequívoca, estão declarados os objetivos que foram concebidos para o Educa e alinhados à missão da Fundaj desde o momento de sua incorporação e durante sua vigência. A finalidade do Educa consistiu em desenvolver pesquisa e reflexão científica no campo da Educação que possibilitassem um conhecimento teórico-empírico da realidade brasileira, a partir das regiões Norte e Nordeste e, ao mesmo tempo, realizar ações educativas que, num contexto de pesquisa, permitissem avanços mútuos nos dois campos e, um retorno crescente de conhecimentos às populações estudadas, como se pode notar no Plano Anual de Trabalho-PAT, 1987.

È sabido que um Departamento de Pesquisa para poder existir deve contar com recursos humanos especializados, instalações apropriadas, equipamentos em funcionamento, uma engrenagem administrativa que lhe dê apoio e outros tantos requisitos que inexistiam à época. Vale salientar que na década de 90, verifica-se profunda alteração no quadro de pesquisadores e da equipe de apoio administrativo e, de forma gradual, o Educa foi perdendo e/ou reduzindo tanto seu quadro de pessoal provocado por aposentadorias, mortes ou transferências, quanto as suas funções de pesquisa. Do antigo quadro funcional apenas quatro pesquisadores e um técnico encontravam-se atuando no Educa, três deles já eram originários de transferências de outros departamentos do Inpsoc. Um pesquisador doutorando em Antropologia. o outro com mestrado em Teoria da Literatura e o técnico possuindo bacharelado em Filosofia. Os dois pesquisadores restantes, um deles era mestre em Administração e Comunicação e o outro em Educação.

Em decorrência dessa constelação de fatores institucionais-intelectuais e político-institucionais, ou seja, um cenário desfavorável, com a diminuição de seu quadro funcional e seu alijamento da esfera de prestígio dentro do Inpsoc, o Educa foi perdendo espaço institucional e caminhando para a extinção dentro da estrutura organizacional nabuqueana.

O período que antecede ao encerramento das atividades do Educa foi conturbado para seus integrantes. Na verdade, a incompreensão demonstrada por certos dirigentes estabeleceu, em vários momentos, um clima de desestímulo e enfraquecimento da área,

exigindo dos envolvidos com a situação - tanto pesquisadores quanto administrativos-, um esforço redobrado para manter suas atividades cotidianas.

O curso dos acontecimentos institucionais segue sua linha numa direção desfavorável ao Educa. Sua extinção definitiva foi concretizada, em 1995, no novo desenho institucional do Inpso, agora configurado não mais em departamentos disciplinares e, sim, em Áreas Temáticas, das quais foi sumariamente eliminada a Educação, área que, tal, a hidra de Lerna/de sete cabeças, irá renascer, em 2002, sob o nome de Coordenadoria Geral de Estudos Educacionais. Até quando?

Após, esse rápido vôo pela história do Departamento de Educação, delimitaremos alguns pontos de referência que nortearão o capítulo sobre a materialidade da produção científica construída no interior do Educa, em uma década e meia de existência dentro da Fundaj.

O que importa registrar, no momento, é que a análise vai ser desenvolvida numa realidade interpretada. Isto quer dizer que a construção dessa interpretação é realizada pela linguagem não só para objetivar a experiência do Educa estruturada espacial e temporalmente, mas também para determinar a ordem através da qual os objetos (materialidade da produção) ganham sentido e adquirem significados, num processo de descontextualizar e recontextualizar o objeto de estudo.

Reconstruir a memória do Educa é lembrar. Lembrar é refazer, trabalhando silenciosamente, separando, reunindo, transformando, articulando de um modo artesanal certa práticas científicas de uma escritura publicada. Refazer a memória coletiva do Educa é re-construir uma experiência específica, mas não individualista, pois, ela é construída socialmente.

O capítulo a seguir vai, de forma detalhada, cartografar a produção do conhecimento gerada nos quinze anos de existência do Departamento por seus integrantes.

CAPÍTULO 3. TRAÇANDO O MAPA, ARMANDO O DIÁLOGO

Um mapa, segundo Deleuze (1992), é aberto, conectável, composto de diferentes linhas, suscetível de receber modificações constantemente. Isso significa dizer que o campo que está sendo mapeado não se encontra fechado ou acabado. Ele está sempre aberto a outras construções e significações. É bom lembrar que aqui não se alude ao sentido original de mapa demarcado pela geografia como uma representação do real, reduzida e proporcional (Passini, 1998).

Não é possível prescindir de um olhar retrospectivo quando se trata de mapear a produção do conhecimento na área da Educação gestada no interior do Departamento de Educação da Fundação Joaquim Nabuco entre as décadas de 80 e 90. É nesse horizonte de construções, reconstruções constantes que se situa a memória coletiva de um departamento que ora estamos desvendando.

Creio ser pertinente a idéia de percorrer o caminho traçado pela história da educação brasileira como campo referencial, na dimensão macro do estudo, para que seja possível armar o diálogo epistemológico entre o que foi produzido nacionalmente e a produção do Educa. Assim, em primeiro lugar, vai-se expor a literatura que trata do tema.

Patto et alii (2004) em instigante artigo alertam para o fato de que

a importância de balanços periódicos do estado das coisas é múltipla. Esses balanços podem detectar teoria e métodos dominantes; pôr em relevo aspectos do objeto de estudo que se esboçam nas entrelinhas das novas pesquisas; revelar em que medida a pesquisa recente relaciona-se com a anterior e vai tecendo uma trama que permita avançar na compreensão do objeto de estudo pela via do real acréscimo ao que já se conhece ou da superação de concepções anteriores (p.53).

Seguindo a linha de argumentação de Patto et alii pode-se avaliar as continuidades e descontinuidades teóricas e metodológicas e o quanto esta história se faz por repetição ou ruptura. Na área da pesquisa educacional não poderia ser diferente e um estudo da situação atual da pesquisa nesse tema não pode desvalorizar levantamentos anteriores realizados. Vários autores têm se empenhado em, periodicamente, se dedicarem a fazer levantamentos da produção do conhecimento no campo educacional. Busco, então, o apoio de estudos que se converteram em paradigmas ao se debruçarem sobre essa questão, como os de Aparecida Joly Gouveia (1971, 1974, 1976 e 1985); Luiz Antônio Cunha (1979 e 1991); e Bernandete Gatti (1983, 1992, 2001, 2004 e 2006). Como leitura complementar, a escolha recaiu sobre autores como M. Malta Campos & Osmar Fávero (1994); Sofia Lerche Vieira (1985); Marisa Vorraber Costa (1994); Silke Weber (1992); Guiomar Namó de Mello (1982, 1983 e 1985); Miriam Warde (1990); José Batista Neto (2003); Guillermina Tiramonti (1997); Marluce Alves Paraíso (2004); Walter Garcia (1999); Jacques Velloso (1992) e Marli André (1997, 1999 e 2001).

3.1. O esboço do mapa: as urdiduras do diálogo

Joly Gouveia apresenta um estudo histórico da pesquisa educacional brasileira, suas temáticas e metodologias e as condições em que tem sido inserida. Joly Gouveia foi a pioneira na abordagem da questão enfatizando a consonância da pesquisa empírica na área da educação com a adoção da política desenvolvimentista predominante na década de 50 onde a educação escolar era tida como fundamental na construção de *“uma sociedade mais próspera e mais democrática”*. A autora chama a atenção que nesse período, *“educação associava-se frequentemente a mudança, desenvolvimento e modernização”* (1985). Chamou a atenção ainda para a oscilação temática existente na área educacional com predomínio de um ou outro tema sem uma linha teórica ou metodológica que fundamentasse a tônica privilegiada em diferentes períodos.

Sem a pretensão de discorrer sobre uma questão tão complexa, farei apenas uma breve reconstituição esquemática do desenvolvimento da pesquisa educacional brasileira que, em seu início, já fortemente marcada, principalmente, nas décadas de 40 e 50, pela psicométria. O foco da atenção era dirigido “à mensuração dos processos psicológicos envolvidos no ensino-aprendizagem, especialmente ao desenvolvimento de medidas no rendimento escolar”(Mello,1983:68). O exemplo dessa tendência é encontrado no então Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos que possuía serviço de Psicologia aplicada que trabalhava com testes de inteligência, de aptidão e de escolaridade, configurando aquilo que Joly Gouveia (1971) identificou como a primeira fase, “a tendência de estudos de natureza psicopedagógica”.

A ênfase nos estudos psicológicos foi substituída pela preocupação com estudos sociológicos, que a mesma autora chamou de “a tendência de estudos de natureza sociológica”, uma segunda fase que abrange os períodos de 1956 a 1964. Nessa fase observa-se como foco da pesquisa educacional a “questão da organização social da escola”, “relação entre educação e sociedade”, com a produção de *survey* e tentativas de análise macroscópica sobre certos aspectos da sociedade local, regional ou nacional.

Com a reordenação sócio-política brasileira imposta pelos “anos de chumbo” (1968 a 1974), a tônica da pesquisa educacional centra-se nos estudos de “*tipo econômico inspirados direta ou indiretamente na teoria do capital humano*”, como pontua Guiomar Namó de Mello (1983:68). Começa então a ganhar fôlego e destaque a partir dos anos 60 os estudos de natureza econômica, com trabalhos sobre educação como investimento, demanda profissional, formação de recursos humanos, técnicas programadas de ensino, para exemplificar. Privilegiam-se os enfoques de planejamento dos custos, da eficiência e das técnicas e tecnologias no ensino e ensino profissionalizante. Aparecem temas como Educação e Investimento, Custos da Educação e as relações entre mercado de trabalho e formação profissional. É a chamada terceira fase, na perspectiva de Joly Gouveia.

Em 1970 e 1971 reaparecem os estudos psicopedagógicos, com uma nova roupagem: a preocupação técnica. O olhar dos pesquisadores volta-se para o estudo

sobre currículos, programas, estratégias de ensino e avaliação. Estudos mais amplos são realizados e dizem respeito à política educacional e às articulações entre educação e sociedade. Para dar alguns exemplos da produção nesse período: características sociodemográficas dos alunos, famílias e ambiente de que provêm, nutrição e aprendizagem, validação e crítica de instrumentos de diagnóstico, entre outros.

Luiz Antônio Cunha (1991), completando a exposição de Joly Gouveia sobre as três primeiras fases da evolução da pesquisa educacional, introduz uma “quarta fase”, inaugurada em 1971, e que se caracteriza pelo “*papel preponderante desempenhado pelos programas de pós-graduação*” (p. 67). O autor, muito embora valorize esse período, não deixa de reconhecer com bastante agudeza os vieses teórico-metodológicos da pesquisa em educação, entre os quais destaca os seguintes: o estrangeirismo, o tecnicismo, o sistemismo e o idealismo. O autor faz crítica severa a dependência em relação a enfoques e metodologias desenvolvidas em centros mais avançados e importados sem um criterioso questionamento de suas bases filosóficas e políticas. Para Guiomar Namó de Mello

tais vieses condicionaram um modo determinado de entender o objeto da pesquisa educacional, reduzindo-o a seus aspectos estritamente técnico-operativo e/ou definindo as relações entre processos educativos e a sociedade em termos de sistemas e sub-sistemas harmônicos (1983:67).

A grande fonte de produção da pesquisa educacional na década de 80 concentra-se nas produções institucionais, especialmente nas dissertações de mestrado e teses de doutorado, com a hegemonia do tratamento das questões educacionais com base em teorias de inspiração marxista. A intensa expansão do ensino superior e da pós-graduação com a necessária formação de quadros, notadamente, no exterior é fortemente observada na segunda metade da década de 80 e início dos 90. O retorno desses quadros profissionais traz contribuições que começam a produzir grande diversificação nos trabalhos tanto em relação às temáticas como às abordagens.

Não é demais lembrar que nesses anos se consolidam grupos de pesquisa em algumas subáreas da Educação, quer sejam premidas por necessidades institucionais, em virtude das avaliações de órgãos de fomento à pesquisa, quer sejam pela maturação dos

grupos que durante as duas décadas anteriores vinham desenvolvendo trabalhos integrados. A existência de grupos consolidados de investigação, expressada nos Grupos de Trabalhos da ANPEd, (em alfabetização e linguagem, aprendizagem escolar, formação de professores, ensino e currículos, educação infantil, ensino fundamental e médio, educação de jovens e adultos, ensino superior, gestão escolar, avaliação educacional, história da educação, políticas educacionais, trabalho e educação) é um indicador bastante expressivo da produção.

No entanto, Bernandete Gatti (2001) aponta que apesar das tentativas por implementar a pós-graduação em Educação nas universidades e construir e consolidar os grupos de pesquisa, ela ainda se caracterizava por uma grande dispersão e variação temática e limitava-se a um número reduzido de equipes com alguma tradição nas análises de temas específicos. Pontua e enfatiza a autora quanto à inexistência de tradição na realização de pesquisa interdisciplinar. Para Gatti, isso era o elemento impeditivo para a acumulação da experiência e continuidade necessárias a uma maturação no trato com os problemas educacionais brasileiros. E, por último, a autora ressalta que a área da Educação estava relativamente isolada na pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Na mesma direção, Silke Weber (1992) em seu artigo aponta que

a vinculação educação/projetos de sociedade continua a constituir um traço da produção acadêmica, mesmo quando a escola passa a ser percebida como uma instância de reprodução das relações sociais de produção, seguindo a vertente aberta por Althusser (1970) ou como instrumento de imposição da cultura dominante, na trilha de Bourdieu (1963,1971).

Mais adiante completa,

Vale salientar que a recepção de tais correntes, na década de 70, se constrói, do ponto de vista acadêmico, no contexto da multiplicação de cursos de pós-graduação nas diferentes áreas das Ciências Sociais e da Educação, percebida pela política governamental como condição indispensável para situar o país entre as nações desenvolvidas, aspectos estes que raramente os estudos analisam. Do ponto de vista sócio-político, a aceitação generalizada de tais teorias realiza-se no âmbito do avanço da luta contra o regime autoritário, parecendo, pois, pertinente a hipótese sugerida por Gouveia (1985), que relaciona essa ampla adesão à rejeição do Estado opressor, percebido como estando

exclusivamente “a serviço dos interesses das classes dominantes.
(WEBER, 1992:24)

Essa breve revisão da literatura sobre o histórico da pesquisa educacional brasileira, efetuada com base em estudos realizados por vários autores, revela que o tema da produção no campo educacional passou por “crises”, avanços e recuos. Da leitura dos artigos paradigmáticos de consagrados autores e de outros que tratam da questão, foi revelador de quão salutar foram às discussões que permearam esse campo investigativo. Nesse sentido tomo aqui parte de um texto de Gatti (1992) bastante elucidativo, onde ela diz que: *“É uma constante, pois, a discussão relativa às questões de teoria, método e objeto na pesquisa em Educação, quer sob o ângulo do produto das pesquisas, quer sobre o ângulo de seus fundamentos”*. E arremata:

as análises sobre os fundamentos, adentrando os anos 80, acham-se apoiados pelas perspectivas do materialismo dialético, em alguns casos, ou das teorias críticas, em outros. Sabemos bem que todos esses problemas perpassam nosso cotidiano de pesquisadores e que não são tranquilos os embates intelectuais que se travam para avançar sobre alguns impasses (1992:109).

No final do artigo intitulado “Pesquisa em Educação: um tema em debate”, a autora, de maneira contundente, faz uma síntese da questão, ao argumentar que *“conflitos entre posturas epistemológicas; diferenciais de métodos e utilização de técnicas, avanços na explicitação do objeto, problemas de natureza institucional fazem parte do vivido nas lides dos que trabalham com a investigação científica”*(p.110).

E, prosseguindo sua argumentação ela enfatiza

É preciso reconhecer que não temos [os acadêmicos] nos omitido no enfrentamento desses problemas, mas que, por outro lado, nem tudo o que se faz sob a égide da pesquisa educacional pode ser realmente considerado como fundado em princípios da investigação científica, traduzindo com suficiente clareza suas condições de generalidade e simultaneamente de especialização, de capacidade de teorização, de crítica e de geração de uma problemática própria, transcendendo pelo método não só o senso comum, como as racionalizações primárias. (op.cit. p.110)

Como se pode notar o mapa da produção científica na área da Educação está em aberto e como tal suscetível de modificações e acréscimos, como pontua Deleuze.

3.2. Cartografando a Produção

A produção de saberes constituídos por diferentes culturas institucionais ocorre em vários contextos sociais. Analisar o processo de produção do conhecimento do Educa, implica abordá-lo não só nos aspectos intrínsecos a sua materialidade, mas, e de forma importante, no contexto de sua relação com a Fundaj, o Inpsoc e a sociedade brasileira, em particular, a nordestina. É nessa ambiência que deve ser vista a produção do conhecimento envolvendo o Educa. Nesse sentido cabe mencionar aqui Trindade & Prigenzi (2002:2) que chamam atenção para o fato de que *“o processo de produção do conhecimento é, assim, complexo porque é fundamentalmente relacionado com a experiência individual e o seu meio ambiente cultural”*.

Por outro lado, Angelucci et alii (2004:53) assinalam que balanços periódicos do estado de coisa vigente numa área de pesquisa possibilita avaliar quanto esta história redonda ou avança o conhecimento acerca dessa produção do saber sobre o objeto de estudo enfocado. Nesse tecido, sempre em formação, reside a possibilidade de evitar a cristalização do conhecimento e o de fazer da pesquisa um espaço de produção de saber, que tem como essência o constante movimento. É sobre esse prisma que se vai mapear e cartografar a produção do conhecimento realizada no Educa.

È necessário pensar que nessa cartografia, aqui elaborada, foram considerados alguns aspectos dessa produção e que nela há certas limitações. Deve-se reconhecer que esse material coletado oferece **uma das possíveis** narrativas sobre a produção acadêmica do Educa através de uma realidade constituída pelo conjunto de leituras e dados disponíveis, que não é absolutamente a mesma de ser narrada através da realidade vivida por cada pesquisador em sua pesquisa. O que pretendi foi interrogar os escritos, considerados como elos de uma cadeia de comunicação verbal da esfera acadêmica,

como textos a suscitar respostas e que respondem a outros que o antecedem, apoiando-me na noção bakhtiniana de cadeia verbal.

É bom também lembrar que há dois momentos no processo de construção dessa cartografia. No primeiro momento, interage-se com a produção acadêmica através da quantificação e da identificação dos dados, se tem como objetivo mapear essa produção num período limitado, em anos, locais e área de produção. Há um certo conforto para o pesquisador, pois ele lidará com os dados objetivos, concretos e localizados. Ele pode visualizar uma narrativa da produção acadêmica que irá revelar a história da implantação, amadurecimento ou, no caso, extinção de uma determinada entidade. No segundo momento, o pesquisador se pergunta sobre a possibilidade efetiva de inventariar essa produção, imaginando tendências, ênfases, escolhas metodológicas e teóricas, aproximando ou diferenciando trabalhos entre si, na escrita *dessa possível história*.

Creio ser conveniente para iniciar o mapeamento detalhar e datar as informações sobre a formação acadêmica dos pesquisadores do Educa por considerá-la relevante para a cartografia da sua produção científica. Nos anos 80, a formação acadêmica de seus integrantes era assim distribuída conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1: Composição do quadro de pesquisadores do Educa nos anos 80

Área da Formação Acadêmica	Titularidade	Número de Pesquisadores
Pedagogia	Graduação	05
Educação	Mestrado	02
Antropologia	Mestrado	02
Letras	Graduação	01
Ciências Sociais	Graduação	01
Psicologia	Mestrado	01
Administração e Comunicação	Mestrado	01
Total de Pesquisadores		13

Fonte: acervo do Educa / Relatórios internos/ Consultas em fontes diversificadas. 1980-1989

Percebe-se, em primeiro lugar, um investimento comum na formação: 05 pesquisadores possuem graduação em Pedagogia, 01 em Letras, 01 em Ciências Sociais e 02 mestres em Antropologia e 02 em Educação. Na distribuição da titularidade, é possível afirmar que, do ponto de vista funcional, o Educa apresenta um quadro equilibrado com sete pesquisadores possuindo a graduação e outras seis com o título de mestre (Tabela 1). No meados da década de 80, um dos antropólogos retorna ao departamento de origem.

Em segundo lugar, observa-se também que os pesquisadores originários do CRPE ficaram aprisionados à formação acadêmica básica, ou seja, graduação em Pedagogia até seu afastamento. Os educadores/pesquisadores nucleados no Educa, remanescentes do CRPE procuraram imprimir uma orientação pragmática à pesquisa desenvolvida no âmbito do Educa e isso exprimia um entendimento muito próprio sobre a especificidade do campo da Educação.

Tabela 2: Composição do quadro de pesquisadores do Educa em 1995

Área da Formação Acadêmica	Titularidade	Número de Pesquisadores
Educação	Mestrado	02
Filosofia	Graduação	01
Antropologia	Doutorando	01
Teoria da Literatura	Mestrado	01
Administração e Comunicação	Mestrado	01
Total de Pesquisadores		06

Fonte: acervo do Educa, (Relatórios Internos) 1995.

A Tabela 2 é bastante reveladora das modificações ocorridas na composição dos integrantes do Educa nos anos 90. A redução do quadro funcional é palpável, muito embora sua concentração na modalidade de mestrado seja expressiva. Mais uma vez há uma mobilidade funcional, um pesquisador com mestrado em antropologia se aposenta e seu lugar é ocupado por um doutorando em Antropologia.

Os locais de obtenção dos títulos de mestrado indicam que estes haviam sido expedidos pelas seguintes instituições : Universidade de São Paulo (USP), Universidade

de Brasília (UnB), Universidade Federal da Paraíba (UFPb), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e apenas um no exterior, a Boston University. Registre-se, no período considerado (1980 a 1995) a inexistência de pesquisador com título de doutor, muito embora no quadro do Inpsó já existisse um razoável número de pesquisadores com a titularidade máxima, principalmente nos Departamentos de Antropologia, Ciência Política, Economia e Estudos Populacionais. O Educa não acompanhou a tendência da nova geração de pesquisadores que começaram a exercer a coordenação de vários projetos, afirmando-se no caminho da *senioridade*.

3.3. Tecendo a rede com múltiplas linhas...

Em que consiste a produção intelectual produzida no interior do Educa? Uma primeira maneira de responder a questão é mapear de maneira um tanto quanto exaustiva as temáticas escolhidas para os seus projetos de pesquisa ao longo dos 15 anos de sua existência. Elas são apresentadas nos quadros a seguir, com o detalhamento das informações disponíveis a esse respeito.

Todo documento, em face de suas múltiplas especificidades como registro, possibilita também modos diversos de análise. Nele há marcas individuais e sociais, numa imbricação impossível de se desfazer, mesmo se tivermos a pretensão de saber onde inicia um e termina o outro. Feitas essas considerações, iniciam-se as reflexões analíticas dos materiais documentais encontrados no âmbito do Educa focalizando aquilo que foi proposto ou realizado enquanto produção de conhecimento.

Encontrei nos arquivos do Educa um documento intitulado **Relação sumária de temas para proposta de pesquisa para o 2º Semestre de 1980** (Relatório, 1980:1-4) abaixo transcrito como indicativo de um procedimento adotado pelo Educa para as sugestões de temáticas de estudo e/ou engajamento dos seus pesquisadores na execução de trabalhos a serem desenvolvidos durante o ano em curso.



FUNDAÇÃO
JOAQUIM NABUCO

DIRETORIA DE
PESQUISAS SOCIAIS

“1. Programas Educacionais em desenvolvimento no meio urbano- Norte, Nordeste

1. *Educação Permanente para a 3ª idade –um programa de ação*
2. *Opções para lazer educativo: levantamento e análise*
3. *Televisão Educativa e Pré-1º Grau: diagnóstico e sugestões*
4. *Atendimento Educacional a Superdotados: estudo de viabilidade*
5. *O Imaginário e a Educação (estruturas antropológicas e metodologias de ensino): estudo de viabilidade*
6. *Pré-1º Grau e Terceira Idade-vinculação possível e necessária*
7. *Realidade Social e Currículo Edições Pirata (poesias, contos, ensaios, artigos)*
8. *Realidade Social e Currículo -publicações culturais (livros, jornais, revista, discos)*
9. *Realidade Social e Currículo – promoções culturais (filmes, peças)*
10. *Caracterização dos deficientes físicos atendidos por instituições previdenciárias e assistenciais das áreas metropolitanas do Recife*
11. *Deficiências físicas e acidentes incapacitantes na zona da agro-indústria canavieira*
12. *O pré-escolar deficiente físico*
13. *O escolar deficiente físico*
14. *Deficiências físicas e acidentes incapacitantes em assentamentos subnormais*
15. *O adolescente deficiente físico e a sua profissionalização*
16. *Mercado de trabalho para deficientes físicos*
17. *Sugestões de arquitetura e construção para possibilitar o acesso de deficientes às instituições educacionais e culturais*
18. *Censo do deficiente físico*
19. *Estudo dos documentos inéditos de Carlos Maciel*
20. *Estudo dos trabalhos de Carlos Maciel sobre planejamento educacional*
21. *Estudo dos pareceres de Carlos Maciel no Conselho Estadual de Educação de Pernambuco*

22. *Pesquisa experimental de ensino técnico de pesquisa a alunos do curso de formação de magistério*
23. *Avaliação do programa de capacitação, do supletivo, a nível de 1º grau*
24. *Diferença entre o universo vocabular de discurso do professor e o de compreensão, do aluno: um problema de aprendizagem em cursos de graduação*
25. *Uma visão behaviorista da obra de Chico Buarque*
26. *Aspirações profissionais e salariais de alunos universitários*
27. *Material bibliográfico utilizado por alunos universitários (compra e empréstimo de livros e uso de bibliotecas)*
28. *Mudança nas aspirações educacionais em uma comunidade cuja principal atividade econômica foi modificada*
29. *Aspectos psico-antropológicos da boneca*
30. *Uma anamnese da “Cumade Fulozinha”*
31. *Educação para o meio ambiente*
32. *Educação para a sobrevivência*
33. *A interação social entre policiais*
34. *Antecipações de Ulysses Pernambucano no campo da Psicologia*
35. *O processo de criatividade do artesão*
36. *Casa Grande e Senzala segundo as crianças (uma experiência de criatividade artística)*
37. *Análise das provas de Português nos exames supletivos em Pernambuco*
38. *Experiência de Educação pré-escolar em Aracaju com enfoque sistêmico*
39. *Variação do nível sócio-econômico e cultural de famílias de uma área de baixa renda*
40. *Evolução do grau de nutrição de pré-escolares de uma área de baixa renda*
41. *Testes psicopedagógicos para pré-escolares*
42. *Desenvolvimento do vocabulário de crianças de 3 a 6 anos da periferia urbana do Recife e Grande Recife*
43. *Influência da atuação da família no tratamento de deficientes físicos*

44. *Influência do treinamento do aluno de 1º grau em técnicas de estudo sobre o seu rendimento escolar*
45. *Educação rural com ênfase no desenvolvimento cognitivo*
46. *Treinamento em técnicas de estudo e sua influência sobre o rendimento escolar*
47. *Perfil Sócio-Educacional dos Indiciados em Acidentes de trânsito na cidade do Recife*
48. *Auto-Imagem das crianças das famílias de baixa renda da periferia urbana Recife/Olinda*
49. *Aceleração da Aprendizagem pelo Método Recreativo Pedagógico*

Em primeiro lugar, o que tal relação sugere? Ela parece resultante de uma **brain storm** e contempla uma multiplicidade de possibilidades temáticas fornecendo um balcão de demanda onde cada pesquisador, de forma individualizada, escolhe aquele tema que ofereça viabilidade em sua execução. Em segundo lugar, ela revela que não havia naquele momento uma preocupação com as questões de planejamento ou mesmo de plano de trabalho oficialmente estabelecido para as unidades componentes do Instituto de Pesquisa Sociais como um todo. Esse processo vai se estabelecer nos anos vindouros. Em terceiro lugar, pode-se observar que alguns temas ali sugeridos assumiram a feição de projetos de pesquisa tendo como produto final livros, artigos e até mesmo dissertação de mestrado como vai se constatar nos Planos Anuais de Trabalho do Educa. O quadro a seguir indica as conseqüências resultante do **brain storm** para as propostas de trabalho a serem realizadas nos anos 1980 e 1981.

Quadro 3: Propostas de trabalho desenvolvidos pelo Educa de 1980 à 1981

Ciclo de Estudos sobre a Integração Psico-social do Deficiente Físico 1980
Editoração da obra de Carlos Frederico Maciel 1980
Perfil sócio-educacional dos indiciados em acidentes de trânsito na cidade do Recife 1980
Deficiência Física e Acidentes Incapacitantes no Trabalhador Rural ligado à Agroindústria açucareira na Zona da Mata de Pernambuco 1980
Uma Anamnese da “Cumade Fulozinha” 1980
Pesquisa experimental – Aceleração da Aprendizagem por Método Recreativo Pedagógico 1980
A Auto-imagem das crianças das Famílias de Baixa Renda de Periferia Urbana – Recife/Olinda 1980
A Seca na Literatura de Cordel 1981
Perfil Sócio-Cultural e Classificação no Vestibular – Norte, Nordeste, Brasil-1977/1978 (1980)
Caracterização da Educação Pré-escolar no Norte e Nordeste do Brasil (1980)
Pré-escolar de Brasília Teimosa (1980)
Aspectos demográficos e educacionais da educação pré-escolar do Norte e Nordeste do Brasil (1980)

Fonte: Faces do Inps/Fundaj, 1990.

O Quadro 3 expressa muito claramente que os projetos e/ou estudos iniciados ou em andamento nos anos 1980 e 1981 não expressam uma linha de pesquisa claramente delineada, seja em torno de objetos seja de métodos, muito embora se observe uma tendência, nos trabalhos do Departamento, a um pragmatismo imediatista, tanto na escolha dos problemas quanto na preocupação com a aplicabilidade direta dos resultados. Talvez seja prudente considerar esse período como de transição institucional mais amplo- de Instituto Joaquim Nabuco para Fundação Joaquim Nabuco.

✓ Período de 1982-1985

No intuito de seguir as diretrizes estabelecidas pelo INPSO, em 1982, o Educa adota oficialmente, através de documento escrito pela então diretora, duas linhas de pesquisa: A primeira denominada **Educação e Escola** e os temas selecionados foram os seguintes:

- Educação Pré-Escolar
- O Ensino do 1º e 2º graus
- O Ensino Universitário
- Problemas gerais do Magistério
- Educação Sexual na Escola
- Ensino Especial
- Avaliação de Sistemas Educacionais
- Financiamento da Educação
- Ensino Rural
- Formação Profissional e Paraprofissional
- Treinamento Formal e Informal
- Tecnologia Educacional

Os projetos de pesquisa para a segunda linha **Educação e Sociedade** se materializariam nos seguintes tópicos:

- Educação e Desenvolvimento Social



FUNDAÇÃO
JOAQUIM NABUCO

DIRETORIA DE
PESQUISAS SOCIAIS

- Educação e trabalho
- Problemática do Menor
- Educação e Cultura Popular
- Arte e Educação
- Questões da Mulher
- Educação e Comunicação
- Questões da Família
- Educação e Meio Ambiente
- Memória da Educação
- Educação, Família e Grupos Marginalizados
- Escola, Tecnologia e Trabalho
- Educação, Comunicação e Representação Social

De imediato, pode-se perceber que, ao adotar duas linhas temáticas como fios condutores dos projetos que o Departamento de Educação iria desenvolver, essas apresentam-se por demais abrangentes para um possível alcance a médio prazo. A abrangência peculiar às linhas temáticas adotadas conduziu, necessariamente, a uma dispersão em termos de objetos e questões que aparecem como fulcro de investigações nos trabalhos desenvolvidos no Educa.

Se, por um lado, esta condição deixa em aberto a possibilidade de um debate amplo e rico sobre os mais diversos aspectos da área educacional, por outro, não suscita induções no sentido de se procurar um maior aprofundamento de determinados temas que permitam um desenvolvimento teórico do objeto, aliado ao domínio e à compreensão das dimensões mais instigantes da realidade. Essa dispersão manifestou-se nas dificuldades enfrentadas para se classificar os trabalhos segundo os eixos temáticos estabelecidos, contendo, todavia, os riscos que qualquer tentativa de categorização comporta.

No entanto, tal diversidade temática pode ser entendida como sinal de fragilidade ou de dinamismo teórico, ou, ainda, da falta de consenso. Interpreto, porém,

a multiplicidade de temas como indício de que as linhas de pesquisa adotadas ainda não se encontravam constituídas. Essa dispersão temática dificultou sobremaneira a continuidade e o aprofundamento teórico, além de, provavelmente, tenha obscurecido a visibilidade da produção acadêmica do Educa. A questão, porém, não é exclusiva ou singular a ele. No campo mais consolidado de produção acadêmica, como por exemplo, em teses e dissertações em Educação ocorre a fragmentação e pulverização de temas e abordagem como destaca Warde (1990). Por outro lado, Campos & Fávero (1994:6) descrevem a situação da produção de pesquisa educacional, afirmando que

esta se encontra relativamente consolidada no País, possuindo uma tradição longa de trabalhos em alguns centros, mas ainda constituindo um conjunto bastante heterogêneo no que se refere à qualidade, à cobertura dos temas mais importantes da área, e ao impacto que tem produzido sobre a realidade educacional brasileira .

Comparativamente a situação expressa acima, as propostas de pesquisa do Educa afasta-se do conjunto brasileiro por inteira falta de foco, além da inclusão de temas que sequer educacional são.

Examinando os temas tratados, foi possível inventariar a multiplicidade temática na produção do Educa nos quatro anos que se seguiram à adoção das linhas de pesquisa propostas no Plano de Trabalho Anual. O que eles indicam enquanto aproximação ou distanciamento das linhas adotadas?

Compondo a materialidade da produção do Educa, os Quadros (4 ,5. 6 e 7) permitem várias dimensões de leitura. Essa leitura dos quadros, possivelmente, coloca em cena outros aspectos para a análise, mas o que aqui me orientou foi utilização do conteúdo dos Planos Anuais de Trabalho – PAT como expressão do registro oficial da proposta de trabalho materializada no referido instrumento de planejamento institucional da Fundação Joaquim Nabuco. Acrescento a essa interpretação a constatação de que nem “tudo” que se fez no Educa está representado nos documentos oficiais, mas, não é pretensão minha captar esse “campo minado” e sim apontar indícios, sinais. Conforme Vieira (1985), os temas que permanecem ao longo do tempo são

frutos de “*escolhas e recortes*” em razão de contingências e circunstâncias que necessitariam de uma análise mais aprofundada, possivelmente num outro trabalho.

Citar B. Gatti (1993) nesse momento é útil. Em seu trabalho intitulado “Avaliação e Perspectivas na área de Educação: 1982-91”, Gatti aponta algumas instituições que não se vinculam a Universidade, mas que constituem importantes Centros de Pesquisa, e entre elas cita que “*a Fundação Joaquim Nabuco, em Recife, que promove estudos em Ciências Sociais há mais de 40 anos, tendo criado em 1976 um Departamento de Educação, hoje com volumosa produção sobre temas como ensino rural e educação na região Nordeste.*” Na pista de tal afirmativa, procurei mapear, no campo investigativo, no âmbito do Educa, as temáticas privilegiadas pelas propostas dos pesquisadores.

Quadro 4: Propostas de trabalho elaboradas pelo Educa por linhas de pesquisa em 1982

Linha de Pesquisa	Propostas de Trabalho
EDUCAÇÃO E ESCOLA	<ul style="list-style-type: none"> • Uma experiência de educação pré-escolar no Recife (Brasília Teimosa) com enfoque sistêmico-13 sub-projetos • Situação Atual dos Cursos de Psicologia em Pernambuco • Perfil Sócio-Cultural e Classificação no Vestibular – Norte, Nordeste, Brasil-1977/1978 • Experimentação de Novas Metodologias no Processo de Alfabetização do Colégio Universitário em São Luís – Maranhão. • Centro de educação Pré-escolar de Areias/Aracaju – SE. (atividades com a comunidade) • Educação Rural em Pernambuco (a ser iniciado) • O Escolar Deficiente Físico (iniciado) • Experiência em educação Pré-escolar em Apipucos (Fase I e II) • Deficiência Física e Acidentes Incapacitantes no Trabalhador Rural • Formação sexual e atitudes com relação ao sexo: um estudo dos professores de 1º e 2º Grau da Rede Estadual de Pernambuco na cidade do Recife • Pesquisa experimental – Aceleração da Aprendizagem por Método Recreativo Pedagógico (relatório final) • O pré-escolar deficiente físico (iniciado)
EDUCAÇÃO E SOCIEDADE	<ul style="list-style-type: none"> • Papéis Sociais e educacionais da Mulher Nordestina • Aspecto Psico-Antropológicos da Boneca (iniciado) • Órgãos de educação dos Municípios do Nordeste: Levantamento, Análise e Diagnóstico.
SEM DEFINIÇÃO DE LINHAS	<ul style="list-style-type: none"> • Perfil sócio-educacional dos indiciados em acidentes de trânsito na cidade do Recife • A Auto-imagem das crianças das Famílias de Baixa Renda de Periferia Urbana – Recife/Olinda • Livro Texto de Técnicas de Pesquisa participativa para projetos de ação cultural • Educação permanente para a 3ª. Idade- um programa de ação



FUNDAÇÃO
JOAQUIM NABUCO

DIRETORIA DE
PESQUISAS SOCIAIS

	<ul style="list-style-type: none">• Aprendizagem Cultural: um estudo da transmissão intergeracional de valores e manifestações culturais na comunidade de Apipucos• Treinamento em Técnicas de Estudo e sua Influência sobre o Rendimento Escolar• Projeto Tamandaré – introdução aos procedimentos metodológicos da pesquisa e da ação cultural (iniciado)
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Relatório Anual da Fundaj, 1982

Quadro 5: Propostas de trabalho elaboradas pelo Educa por linhas de pesquisa em 1983

Linha de Pesquisa	Propostas de Trabalho
EDUCAÇÃO E ESCOLA	<ul style="list-style-type: none"> • Experiência em educação Pré-escolar em Apipucos – Formação de Para-profissionais em Recreação Infantil a Nível do 1º Grau • Uma experiência em Educação pré-escolar e desenvolvimento de comunidade em Aracaju (em andamento) • Uma experiência de educação pré-escolar no Recife (Brasília Teimosa) com enfoque sistêmico (em andamento) • Avaliação de uma experiência em educação pré-escolar em Apipucos-Fase II • O pré-escolar deficiente físico (concluído) • Educação rural em Pernambuco (em andamento) • Experimentação de Novas Metodologias no Processo de Alfabetização do Colégio Universitário em São Luís – Maranhão. • Observação sócio-educacional do aluno da zona rural de Alagoas (em andamento) • Aceleração da Aprendizagem por Método Recreativo Pedagógico (em andamento)
EDUCAÇÃO E SOCIEDADE	<ul style="list-style-type: none"> • Memória da educação em Pernambuco (em andamento) • Papéis Sociais e educacionais da mulher nordestina (Fase I) em andamento • Projeto Escola Produção em áreas urbanas de população carente [OEA] (iniciado) • Avaliação de experiência de Escola-Produção (em andamento) • Aspecto Psico-Antropológicos da Boneca [Funarte, concluído
SEM DEFINIÇÃO DE LINHAS	<ul style="list-style-type: none"> • Hortas caseiras na comunidade de Apipucos • Comunidade-leitura-livro • Coletânea da obra de Carlos Frederico Maciel

Fonte: Relatório Anual da Fundaj, 1983

A primeira observação se refere à quantidade de estudos produzidos na área e seu lugar relativo em relação às outras temáticas desenvolvidas no Educa. Como se pode notar nos quadros 4 e 5, o total de propostas é de tão somente 4 (quatro) e se concentram na linha de pesquisa **Educação e Escola**. São eles: Educação Rural em Pernambuco; Observação sócio-educacional do aluno da zona rural de Alagoas (Edurural). A mulher do campo e seus alunos.

A leitura dos conteúdos dos relatórios revela que tais estudos foram pontuais dado que houve um amplo recorte e fragmentação de objetos, o que impossibilita afirmar a presença contínua e a consistência de conhecimentos produzidos sobre Educação Rural, que permitam vislumbrar questões analíticas comuns e essenciais para a consolidação deste campo do saber. Daí o posterior desinteresse por essa área do conhecimento e isto está refletido na ausência de novas propostas ao longo dos anos de

existência do Educa, muito embora, tais estudos tenham possibilitado a produção e a publicação de diversos artigos e relatórios da pesquisadora Zaida Cavalcanti.

A leitura dos quadros também revela uma tendência a considerar: Pesquisa e Intervenção, os estudos sobre Educação Pré-escolar. Uma agência de fomento desempenhou papel importante com aportes financeiros às pesquisas, principalmente apoiando programas de intervenção, a Fundação Bernardo van Leer (Holanda). Durante muitos anos foi a principal financiadora dos projetos sobre educação pré-escolar, área de concentração de estudos da pesquisadora Janise Peres até ao seu falecimento nos anos 90. Convém assinalar que a proposta comportava 13 sub-projetos, deles resultando tanto ações de intervenção quanto uma variedade de trabalhos publicados. Num dos seus escritos “Educação Pré-Escolar: um registro e muitas lembranças”, Janise Peres registrava

Após 30 anos de serviço na área de educação, faço um balanço da minha vida profissional e vejo que a maior parte desse tempo dediquei à Educação Pré-Escolar, como regente de classe ou como pesquisadora, fazendo também, com uma certa frequência, palestras e conferências sobre o assunto, além de vários trabalhos escritos, indo da elaboração de estórias infantis e quadrinhas até orientações para professores. Por isso, pensei em reunir tudo num só trabalho: reminiscências, reflexões, relatos de experiências e extratos de relatórios técnicos de pesquisas concernentes à minha experiência na área de Educação Pré-Escolar, como aluna e como profissional.

E, prosseguindo ela acrescenta

Embora, como pesquisadora, tenha tido oportunidade de visitar um grande número de classes pré-escolares e unidades desse nível de ensino, em vários Estados e em alguns países, especialmente, nos Estados e Territórios do Norte e Nordeste do Brasil, foi em Pernambuco que vivenciei a maior aprte das experiências, de modo que se relaciona com essa área um razoável contingente das informações contidas neste trabalho (documento datilografado no acervo do Educa.1982)

A tônica das investigações da terceira tendência agrupadas na categoria Sexualidade, vai se evidenciar neste período e se prolonga até os anos 90. È sobre essa

temática que a pesquisadora Semira Vainsencher concentra seus trabalhos tendo como objeto empírico tanto o professor quanto o aluno.

Uma outra tendência pode ser detectada nos anos 1982 e 1983 se concentra na área da Política Educacional com dois projetos: “Experimentação de novas metodologias no processo de alfabetização do Colégio Universitário em São Luís-Maranhão” e o sub-projeto “Currículo Modular para classes de alfabetização-MA” da pesquisadora Janise Pinto Peres e “Aceleração da aprendizagem por método recreativo pedagógico”, de autoria de Nayde Santos Lima.

Afiguram-se ainda nesses quadros analisados, uma pulverização de temáticas dentro do interior das duas linhas definidas como fios condutores dos projetos do Educa. Eles se encontram expressados em projetos e/ou propostas de trabalhos para os referidos anos, inclusive com temas que não são de Educação, como por exemplo, “Aspectos psico-antropológicos da boneca” e “A auto-imagem das crianças de famílias de baixa renda de periferia urbana-Recife Olinda”, de autoria da pesquisadora Virgília Peixoto bem como “Projeto Tamandaré –introdução aos procedimentos metodológicos da pesquisa e da ação cultural”, da pesquisadora Zaida Cavalcanti e “Hortas Caseiras na comunidade de Apipucos”, de Nayde Santos Lima .

Quadro 6: Propostas de trabalho elaboradas pelo Educa por linhas de pesquisa em 1984

Linha de Pesquisa	Propostas de Trabalho
EDUCAÇÃO E ESCOLA	<ul style="list-style-type: none"> • Formação de Paraprofissionais em Recreação Infantil em Nível de 1º grau (sub-projeto) em andamento • Observação Sócio-Educacional do Aluno Rural – Programa Edural • A Mulher do Campo e seus Alunos. • Uma experiência de educação pré-escolar no Recife (Brasília Teimosa) com enfoque sistêmico (concluído) • Experiência em educação Pré-escolar em Apipucos – Formação de Paraprofissionais em Recreação Infantil a Nível do 1º Grau (concluída) • Educação Rural em Pernambuco (em andamento) • Experimentação de Novas Metodologias no Processo de Alfabetização do Colégio Universitário em São Luís – Maranhão (em andamento). • Observação sócio-educacional do aluno da zona rural de Alagoas-EDURURAL (em andamento) • O aluno entende de sexo? • Aceleração da Aprendizagem por Método Recreativo Pedagógico (concluído)

EDUCAÇÃO E SOCIEDADE	<ul style="list-style-type: none"> • Papéis Sociais e educacionais da mulher nordestina (Fase I) em andamento • Memória da educação em Pernambuco (em andamento) • Aspecto Psico-Antropológicos da Boneca (em andamento) • Projeto Escola-Produção (em andamento)
SEM DEFINIÇÃO DE LINHAS	<ul style="list-style-type: none"> • Comunidade-leitura-livro (sub-projeto) em negociação

Fonte: Relatório Anual da Fundaj, 1984

Quadro 7: Propostas de trabalho elaboradas pelo Educa por linhas de pesquisa em 1985

Linha de Pesquisa	Propostas de Trabalho
EDUCAÇÃO E ESCOLA	<ul style="list-style-type: none"> • Formação de Paraprofissionais para Monitoria de Laboratório de Ciências, nas Escolas de 1º Grau • O aluno entende de sexo? • Formação de Paraprofissionais para recreação infantil a nível de 1º grau • Educação Rural em Pernambuco (em andamento)
EDUCAÇÃO E SOCIEDADE	<ul style="list-style-type: none"> • Papéis Sociais e educacionais da mulher nordestina (Fase I) em andamento • Escola-Produção (em andamento) • Centro Educacional Dom Bosco: uma experiência com menores de rua-registro e Avaliação • Aspecto Psico-Antropológicos da Boneca (em andamento) • Trabalho produtivo e adultização dos alunos nas escolas públicas de 1º e 2º graus na área de periferia do Recife (em elaboração)
SEM DEFINIÇÃO DE LINHAS	<ul style="list-style-type: none"> • Experimentação do currículo modular

Fonte: PAT-Inpsos/Fundaj, 1985

As informações contidas nos quadros 6 e 7 corroboram com as ênfases temáticas já observadas nos anos anteriores. De fato pode-se dizer, com certa segurança que quatro tendências se delineiam até os meados da década de 80 no Educa, quais sejam: Educação Pré-Escolar, Educação Rural, Educação e Gênero e Política Educacional. Por outro lado é necessário frisar que a qualidade da pesquisa realizada no Educa depende, na essência, dos pesquisadores que nela atuavam e do ambiente institucional propício à pesquisa científica relevante e de qualidade naquela ocasião.

Em síntese, podem-se fazer algumas inferências as quais nos permitem, resumidamente, assinalar os pontos que considero fundamentais do período compreendido entre 1980 a 1985.

- falta um eixo articulador para as propostas;
- há dispersão temática;
- há indicação de temas que escapam totalmente do campo educacional e;
- as temáticas são excessivamente abrangentes.

✓ Período de 1986 a 1989

Na escrita de uma história sobre a produção acadêmica e na possibilidade de inventariar uma determinada produção, pressupõem-se tendências, ênfases, escolhas metodológicas e teóricas, aproximando ou diferenciando os trabalhos entre si como já foi dito. Nesse esforço de ordenação também é possível perceber que as pesquisas crescem e se espessam ao longo do tempo; ampliam-se em saltos ou em movimentos contínuos; multiplicam-se, mudando os sujeitos e as forças envolvidas; diversificam-se os locais de produção, entrecruzam-se e transformam-se; desaparecem em algum tempo ou lugar.

Com isto quero alertar e/ou reconhecer que o registro das atividades contidas no documento oficial do Instituto de Pesquisa, o Plano Anual de Trabalho- PAT oferece a existência de produção acadêmica do Educa através de uma realidade constituída pelo conjunto de propostas ali contidas, que não é absolutamente a mesma possível de ser narrada através da realidade constituída pelos relatórios de pesquisa que delas resultaram e que jamais poderá ser aquela narrada pela oralidade nas exposições dos trabalhos nos congressos, seminários e encontros acadêmicos.

O que se quer dizer é que haverá tantas leituras quantos leitores houver dispostos a lê-las. Essa leitura possível dos dados que tentei mapear não se construiu linearmente ou em uma simples cadeia. Cada proposta de trabalho elaborada pelo Educa, mais do que ligada àqueles que a antecedem e a sucedem, trazem no interior de si mesmas vozes de outros enunciados. A imagem que melhor pode explicar é a de *rede*. Rede de vários

fios que se cruzam, que se rompem, que se unem a depender do ponto que se estabelece como partida de cada proposta produzida pelos pesquisadores do Educa.

Assim, de maneira breve e sucinta, desacompanhada das análises que possam contribuir para uma leitura melhor, apresento algumas considerações a que cheguei, no mapeamento da produção do Departamento de Educação entre os anos 86 a 89, que acredito que possam auxiliar a compreensão dessa produção.

O registro das temáticas que se tornaram relevantes no Educa é necessário, a fim de que se ordene o conjunto de informações obtido. Ordenação que permita indicar as possibilidades de diferentes perspectivas adotadas, aparentemente autônomas, a identificar duplicações ou contradições e a determinar lacunas e vieses.

Quadro 8: Propostas de trabalho elaboradas pelo Educa por linhas de pesquisa em 1986

Linha de Pesquisa	Propostas de Trabalho
EDUCAÇÃO E ESCOLA	<ul style="list-style-type: none"> • Formação de Paraprofissionais para Monitoria de Laboratório de Ciências, nas Escolas de 1º Grau e para prestação de Serviços à Comunidade • Educação sexual e o professor? (em negociação)
EDUCAÇÃO E SOCIEDADE	<ul style="list-style-type: none"> • Papéis Sociais e educacionais da mulher nordestina (Fase I) em andamento • Centro Educacional Dom Bosco: registro analítico de uma experiência com menores de rua • A Nova Família Urbana de Classe Média na Cidade do Recife • A Arte de Restaurar Bonecas (em negociação) • Expectativa da família em relação à Universidade (em negociação) • O comportamento da mulher de baixa renda na estrutura familiar (em negociação) • Um estudo de comunidade: Tracunhaém e a dinâmica do artesanato ceramista (em negociação) • História da arte-educação em Pernambuco: 50 anos de ação governamental na promoção da educação artística na escola pública

Fonte: Plano Anual de Trabalho-PAT,1986. Inpsó/Fundaj

Quadro 9: Propostas de trabalho elaboradas pelo Educa por linhas de pesquisa em 1987

Linha de Pesquisa	Propostas de Trabalho
EDUCAÇÃO E ESCOLA	<ul style="list-style-type: none"> • Formação de Monitores de Ciências em Nível de 2º Grau
EDUCAÇÃO E SOCIEDADE	<ul style="list-style-type: none"> • A Arte de Restaurar Bonecas • Expectativas da família em relação à Universidade • O discurso da mulher da palha da cana- testemunhos de uma autonomia confiscada (iniciado) • A Nova Família Urbana de Classe Média na Cidade do Recife Projeto de Vida do Menor Institucionalizado
SEM DEFINIÇÃO DE LINHAS	<ul style="list-style-type: none"> • Integração Idoso Participativo e Menor Carente (Termos de Referência)

Fonte: Plano Anual de Trabalho-PAT- Inpso/ Fundaj, 1987

Conforme revela o exame dos Quadros 8 e 9 no período em análise, houve um decréscimo de propostas envolvendo a linha de pesquisa Educação e Escola enquanto que a de Educação e Sociedade adquire uma dimensão maior. O reduzido número de propostas tendo como campo empírico a escola é o exemplo concreto dessa mudança de foco. De forma gradual, o tema Formação vai se tornar hegemônico no final dos anos 80 e nele recaem os interesses da última pesquisadora originária do CRPE, Nayde dos Santos Lima. São os projetos denominados “Formação de Paraprofissionais para Monitoria de Laboratório de Ciências, nas Escolas de 1º. Grau e para prestação de Serviços à Comunidade” e “Formação de Monitores de Ciências em Nível de 2º_Grau”.

A incorporação de assuntos que tem mobilizado ONG’s, organizações multilaterais e a mídia tais como: menores em situação de risco, gravidez adolescente, idoso, gênero, família, pobreza, violência, alfabetização de jovens e adultos e exclusão. Esses temas das Ciências Sociais invadiram o campo da Educação por seus efeitos sobre a escolarização e se configuram, também, como agenda de estudos do Educa no período examinado (1986 a 1989). A questão que me parece pertinente nesse exame decorre do sentido que se dê a essa “pulverização” de assuntos ainda que pareça compreensível que isto aconteça dessa maneira por tratar-se de uma demanda da sociedade e de um campo em constituição (linha Educação e Sociedade). Mais uma vez utilizo Bernandete Gatti como referência quando ela alerta a sucessão descontínua de pesquisas, no tempo e na

excessiva dispersão temática. Para ela *“tal dispersão não se confunde com diversidade, mas se deve à ausência de linhas de pesquisa, definida como fio condutor e aglutinador de esforços investigativos”*. (1983:15)

Por outro lado, tal dispersão pode dever-se às condições de um período, final dos anos 80, em que os olhares da Pós- Graduação no Brasil se voltam para muitas e diferentes facetas, novos espaços de reflexão, possibilitando o despertar para elementos importantes da compreensão das relações sociais no seu sentido mais amplo. Some-se isso a entrada de alguns pesquisadores em cursos de pós-graduação com suas pesquisas individuais para o atendimento das exigências da dissertação de mestrado, como foi o caso das pesquisadoras Helena Marques (O discurso da mulher da palha de cana- testemunhos de uma autonomia confiscada) e Virgília Peixoto (A arte de restaurar bonecas)

Quadro 10: Propostas de trabalho elaboradas pelo Educa por linhas de pesquisa em 1988

Linha de Pesquisa	Propostas de Trabalho
EDUCAÇÃO E ESCOLA	Formação de Paraprofissionais para Monitoria de Laboratório de Ciências, nas Escolas de 1º Grau e para Prestação de Serviços à Comunidade Formação de monitores de ciência em nível de 2º grau
EDUCAÇÃO E SOCIEDADE	Expectativas da família em relação à Universidade O discurso da mulher da palha da cana - testemunhos de uma autonomia confiscada (concluída) A Nova Família Urbana de Classe Média na Cidade do Recife Trabalho produtivo na escola pública:adulterização do menor (concluído) O cotidiano feminino: família, ideologia e pobreza (concluído) Projeto de Vida do Menor Institucionalizado A Arte de Restaurar Bonecas (concluído) Mulher, sexualidade e violência
SEM DEFINIÇÃO DE LINHAS	Integração Idoso Participativo e Menor Carente (Termos de Referência)

Fonte: Plano Anual de Trabalho- PAT 1988, Inps/Fundaj

Quadro 11: Propostas de trabalho elaboradas pelo Educa por linhas de pesquisa em 1989

Linha de Pesquisa	Propostas de Trabalho
EDUCAÇÃO E ESCOLA	Projeto Rede: Ciências e Matemática nas escolas de 1º e 2º graus de Pernambuco (a ser iniciado) Conhecimentos de práticas sexuais dos alunos do 2º grau (em negociação) Engenho de Ciência: formação de monitores de ciência em nível de 2º grau (em negociação) Avaliação das normas disciplinares nas escolas (em elaboração) Brincando e aprendendo: o caso Apipucos (em elaboração)
EDUCAÇÃO E SOCIEDADE	Projeto de Vida do Menor Institucionalizado (concluído) A Arte de Restaurar Bonecas (concluído) Mulher, sexualidade e violência (interrompido) O cotidiano feminino: família, ideologia e pobreza (concluído) A nova família urbana (em andamento) Síndrome da criança espancada (em elaboração) Informatização dos dados da história da educação em Pernambuco: 1920-1945 (em elaboração) Documentação e memória dos Waimiri-Atroari (em elaboração)
SEM DEFINIÇÃO DE LINHAS	Integração Idoso Participativo e Menor Carente (em negociação) Utilização do computador na educação informal (em elaboração)

Fonte: Plano Anual de Trabalho- PAT 1989Inpso/Fundaj

Outro elemento ainda a ser considerado no exame dos quadros 10 e 11 se refere ao seu aumento de propostas em uma das linhas de pesquisa do Educa. Ocorre que, até 1985 havia certo equilíbrio na distribuição de projetos a serem executados nas duas linhas de pesquisa, mesmo porque as temáticas já haviam sido previamente estabelecidas (1982) e, portanto, passíveis de serem elegidas como projetos de pesquisa e executadas por pesquisadores que se identificassem com elas. No período compreendido entre 1986 a 1989, a linha **Educação e Sociedade** adquire relevância e visibilidade. Esse é um dado objetivo que ilustra uma das inúmeras distorções, que ao longo da década de 80 foram se acumulando no Educa e marca seu desempenho, enquanto produtor de conhecimento.

A década de 90, pródiga de transformações provocadas pelo impacto do desenvolvimento científico e tecnológico, pelo fenômeno da globalização, da modernização e pela crescente urbanização, sinaliza os desafios que deveriam ser enfrentados pelas sociedades no início do século XXI e o papel central que a educação deveria desempenhar.

Nesse contexto pródigo de desafios, a Fundação Joaquim Nabuco realiza seu primeiro concurso público para expansão do quadro funcional e o Inpsó é contemplado com vários pesquisadores. O Educa aumenta seu quadro funcional através de um pesquisador concursado, portador do título de mestre. Nos anos 90 há o acréscimo de mais dois pesquisadores: um com mestrado em Antropologia, proveniente do Departamento de Antropologia e o outro com mestrado em Teoria da Literatura do extinto Instituto Nacional do Livro-INL. É possível perceber o quanto isto vai alterar os rumos das propostas investigativas a serem adotadas. São novos aportes teórico-metodológicos que serão utilizados pelos novos pesquisadores que agora vão compor a equipe do Educa. Uma decorrência concreta dessa redefinição funcional teve materialidade na elaboração das propostas de trabalho cuja implementação ocorreu durante os anos 90.

É útil lembrar aqui que a pós-graduação no Brasil foi grandemente expandida entre a segunda metade dos anos 80 e início dos anos 90, bem como ampliou-se a formação de quadros no exterior. Simultaneamente, alguns pesquisadores experientes alimentam a comunidade acadêmica com análises contundentes quanto a consistência e significado do que vem sendo produzido sob o rótulo de “pesquisa educacional”.

Acresce-se a isso a consolidação dos grupos de pesquisa, quer por necessidades institucionais, em razão das avaliações de órgãos de fomento à pesquisa, quer pela maturação própria de grupos que durante as duas décadas anteriores vinham desenvolvendo trabalhos integrados. Nas palavras de Bernandete Gatti (2006:14):

Descortinam-se, no final desse período, grupos sólidos de investigação, por exemplo, em alfabetização e linguagem, aprendizagem escolar, formação de professores, ensino e currículos, educação infantil, fundamental e média, educação de jovens e adultos, ensino superior, gestão escolar, avaliação educacional, história da educação, políticas educacionais, trabalho e educação.

E, mais adiante, ela acrescenta:

Esse movimento pode ser acompanhado tanto pelas Conferências Brasileiras de Educação, dos anos 80, como pelas reuniões anuais da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação-ANPEd (Idem)

Um clima de “confronto salutar” foi o contexto no qual se avançaram, nos anos 80 e 90, as produções e preocupações da pesquisa educacional. Conflitos entre posturas epistemológicas, métodos diversos e formas específicas de utilização de técnicas, avanços na explicitação do objeto, problemas de natureza institucional fizeram parte da experiência das investigações científicas. No Educa não foi diferente. Ele não ficou imune.

As temáticas dominantes neste período no Educa dizem respeito, por ordem decrescente, a formação profissional, aprendizagem, avaliação, educação e trabalho, como se pode perceber nos quadros 12 a 17. No entanto, em termos educacionais na década de 1990, em particular a partir da aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei no. 9394/96) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais para Educação Fundamental, as questões ligadas ao uso de recursos tecnológicos na educação tomam uma dimensão maior. Há necessidade de uso e de avaliação desses recursos no processo educacional em função da complexidade que a sociedade vem assumindo e da necessidade de uma educação que seja capaz de inserir os sujeitos nesse meio social. Aliado a esse aspecto, temos um crescimento enorme e um barateamento das tecnologias digitais (computadores), mas, principalmente, o dado novo é a entrada da internet em cena nesse período. Muito embora tenha se antecipado quase uma década sobre essa questão, dado que já em 1982 haviam sido incluídas nas linhas programáticas de estudo, temas tais como Tecnologia Educacional e Educação e Comunicação, não encontrei registro de uma produção expressiva nos anos 90.

Quadro 12: Propostas de trabalho elaboradas pelo Educa por linhas de pesquisa em 1990

Linha de Pesquisa	Propostas de Trabalho
EDUCAÇÃO E ESCOLA	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto Rede – Ciências e Matemática na Escola de 1º e 2º Graus em Pernambuco (em andamento) • Conhecimentos e práticas sexuais dos alunos do 2 grau (conclusão) • Engenho de Ciência- formação de monitores de Ciência em níveis do 2 grau (em negociação) • Fazendo e Aprendendo Ciências e Matemática
EDUCAÇÃO E SOCIEDADE	<ul style="list-style-type: none"> • Prevenção Contra os Maus Tratos na infância e na Adolescência (em elaboração) • A nova família urbana de classe média na cidade do Recife • Perfil do menor de 0 a 6 anos atendido pelo LBA e pelos Centros Sociais de Serviço Social Agamenon Magalhães (em negociação) • Mulher, família e sobrevivência (em elaboração) • Brincando e aprendendo: o caso de Apipucos (em elaboração) • Linguagem e Cidadania – O Ensino de Português nas Escolas Públicas de 1º e 2º Graus, no Estado de Pernambuco • Sub-programa de documentação e memória dos Wamiri-Atroari (em elaboração) • Do Cárcere à Cidadania – Uma Abordagem a Fernando de Noronha (em elaboração)
SEM DEFINIÇÃO DE LINHAS	<ul style="list-style-type: none"> • Integração do idoso participativo e do menor carente (negociação) • População, pobreza e Educação no Nordeste

Fonte: coleta direta Educa/Inpsa/Fundaj, 1990

Quadro 13: Propostas de trabalho elaboradas pelo Educa por linhas de pesquisa em 1991

Linha de Pesquisa	Propostas de Trabalho
EDUCAÇÃO E ESCOLA	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto Rede: Ciências e matemática na escola de 1º e 2º Graus de Pernambuco (em conclusão) • Engenho de Ciência- formação de monitores de Ciência em níveis do 2 grau (em negociação) • Fazendo e Aprendendo Ciências (em negociação)
EDUCAÇÃO E SOCIEDADE	<ul style="list-style-type: none"> • A pesquisa educacional no Norte e Nordeste do Brasil a partir dos anos cinquenta (a ser iniciado). • Cinco décadas de ensino privado para meninas (produção de artigos) • Perfil do menor de 0 a 6 anos atendido pelo LBA e pelos Centros Sociais de Serviço Social Agamenon Magalhães (em negociação) • O significado do ato de alfabetizar: representações sociais de professores alfabetizadores • Prevenção aos maus-tratos contra a criança (em negociação) • Articulação do 2º- com o 3º grau e o mercado de trabalho (em elaboração) • Do Cárcere à Cidadania – Uma Abordagem a Fernando de Noronha (a ser iniciado)
SEM DEFINIÇÃO DE LINHAS	<ul style="list-style-type: none"> • Integração do idoso participativo e do menor carente (negociação)

Fonte: PAT 1991 /Inpsa/Fundaj ., Acervo do Educa

Quadro 14: Propostas de trabalho elaboradas pelo Educa por linhas de pesquisa em 1992

Linha de Pesquisa	Propostas de Trabalho
EDUCAÇÃO E ESCOLA	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto Brinquedos Populares – utilização do folclore e tradições regionais como instrumentos de estímulo e dinamização de educação de 1º e 2º graus
EDUCAÇÃO E SOCIEDADE	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto de Base de dados de Pesquisa Educacional no Norte e Nordeste do Brasil. (iniciado) • O significado do ato de alfabetizar: representações sociais de professores alfabetizadores (em andamento) • Prevenção aos maus-tratos contra a criança e o adolescente (a ser iniciado) • Estudo de Caso “Saber Ler” • Permanência e mudanças nas representações familiares em Fernando de Noronha (em negociação) projeto integrativo com o departamento de Estudos Populacionais • Projeto Rede: ciências, matemática e educação ambiental em Pernambuco (iniciado)
SEM DEFINIÇÃO DE LINHAS	<ul style="list-style-type: none"> • Integração do idoso participativo e do menor carente (a ser iniciado)

Fonte: coleta direta Educa/Inspso/Fundaj, 1992

Aprendemos com Clifford Geertz que *“a separação entre as coisas que a pessoa diz e o modo em que elas são ditas - entre conteúdo e forma, substância e retórica, l’ écrit e l’écriture - é tão traiçoeira na antropologia quanto na poesia, na pintura ou na oratória política”* (1988:27). Assim, não é por acaso que o exame de um quadro construído para análise possa suscitar variados enunciados. Como apreender a dinâmica que regula o funcionamento do Educa quando se fez necessário transportar para um quadro uma fria relação de dados colhidos no acervo do Educa? Apreende-la é o desafio que se coloca. Ao dissecar as informações contidas nos quadros (12,13 e 14)), percebe-se novamente que os projetos de pesquisa e/ou propostas de estudo do Educa continua apresentando as tendências que se vinham consolidando nos anos anteriores.

Valorizando o singular como uma possibilidade de compreender o real em sua opacidade e complexidade destaca-se que os anos 90 consolida uma temática de estudo - o de formação. Nela, são alocados dois grandes projetos de autoria da pesquisadora Nayde Santos Lima, o primeiro, denominado Projeto Rede com três sub-projetos (Ciência, Matemática e Educação Ambiental) o segundo, Engenho de Ciência, voltado para a formação de monitores de Ciência em níveis de 2º. Grau..

Com a divulgação da chamada abordagem etnográfica incentiva-se o desenvolvimento de estudos de pequena escala, em profundidade, de aspectos da realidade escolar. Esses projetos apoiavam-se geralmente em bibliografia de origem antropológica bem como em referenciais da Psicologia Social, a exemplo da Teoria das Representações Sociais. No Educa, enquadram-se aí, os projetos “O significado do ato de alfabetizar: representações sociais de professores alfabetizadores”, da mestra em Educação Gerusa Gomes; “Do cárcere à cidadania -uma abordagem a Fernando de Noronha” da mestra em Antropologia, Janirza C. da Rocha Lima.

Outro tópico que merece destaque é a implementação do Projeto Bases de Dados da Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste (1992) sob a coordenação das pesquisadoras Helena Marques e Luzinete Albuquerque.

Quadro 15: Propostas de trabalho elaboradas pelo Educa por linhas de pesquisa em 1993

Linha de Pesquisa	Propostas de Trabalho
EDUCAÇÃO E ESCOLA	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação do Ensino Fundamental na Região Nordeste
EDUCAÇÃO E SOCIEDADE	<ul style="list-style-type: none"> • Prevenção aos maus-tratos da criança e do adolescente (a ser iniciado) • O significado do ato de alfabetizar: representações sociais de professores alfabetizadores (concluído) • Base de dados da pesquisa educacional (em andamento) • Do Cárcere à Cidadania (em negociação com FACEPE) • Brinquedo ou castigo: a questão da gravidez na adolescência (a ser iniciado) • Três estudos de casos para o núcleo de referência sobre experimentos e inovações educacionais: Brinquedos populares (concluído); projeto Renascer (concluído) e projeto Saber ler (a ser iniciado) • Projeto Rede – Ciências, Matemática e Educação Ambiental em Pernambuco (em andamento)
SEM DEFINIÇÃO DE LINHAS	<ul style="list-style-type: none"> • Integração do idoso participativo e do menor carente (a ser iniciado) • Condenar & absorver: a tendência do júri popular na cidade do Recife (a ser iniciado)

Fonte: coleta direta Educa/Inpso/Fundaj, 1993

Quadro 16: Propostas de trabalho elaboradas pelo Educa por linhas de pesquisa em 1994

Linha de Pesquisa	Propostas de Trabalho
EDUCAÇÃO E ESCOLA	<ul style="list-style-type: none"> • Formação Docente em Pernambuco – Professores de: Magistério, educação Infantil e Ensino Fundamental de 1ª a 4ª séries. • A Formação dos professores do pré-escolar e da 1ª a 4ª série da escola de 1º grau de Pernambuco (Diagnóstico) • Avaliar: força construtiva da qualidade da escola (a ser iniciado)
EDUCAÇÃO E SOCIEDADE	<ul style="list-style-type: none"> • Educação Trabalho e Cidadania – ALCOA • Projeto Renascer: escolas ambulantes para meninos e meninas de rua em bairros populares • Projeto Rede – Ciências, Matemática e Educação Ambiental em Pernambuco (em andamento) • Do Cárcere à Cidadania (concluído relatório para FACEPE)
SEM DEFINIÇÃO DE LINHAS	<ul style="list-style-type: none"> • O perfil do leitor do Recife (a ser iniciado) • Estudos das concepções sobre educação: discussão do referencial teórico (a ser iniciado)

Fonte: coleta direta Educa / PAT-Inpso/Fundaj , 1994

Quadro 17: Propostas de trabalho elaboradas pelo Educa por linhas de pesquisa em 1995

Linha de Pesquisa	Propostas de Trabalho
EDUCAÇÃO E ESCOLA	Formação Docente em Pernambuco – Professor Magistério, educação Infantil e Ensino Fundamental de 1ª a 4ª séries. Avaliar: força construtiva da qualidade da escola
EDUCAÇÃO E SOCIEDADE	Projeto Rede – Ciências, Matemática e Educação Ambiental em Pernambuco (em andamento) Do Cárcere à Cidadania: Fernando de Noronha (transformado em tese de doutoramento em Antropologia)

Fonte: coleta direta Educa/Inpso/Fundaj , 1995.

No tocante aos últimos três anos de existência do educa percebe-se a emergência de projetos variados indo desde temas sobre a criança e o adolescente (“Prevenção aos maus-tratos da criança e do adolescente”), “Brinquedo ou castigo: a questão da gravidez na adolescência”) até temas da esfera jurídica (“Condenar & Absorver: a tendência do júri popular na cidade do Recife”), estes dois últimos de autoria de Semira Vainsencher.

Algumas questões se impõem como resultado da análise dos quadros apresentados. A primeira delas releva que de forma gradual os projetos de pesquisas vão diminuindo na medida em que seu corpo funcional também vai perdendo seu quantitativo inicial. (Como mostrado na Tabela 2) Em 1995, quando as atividades do

Educação são encerradas, seu quadro funcional não abrigava mais nenhum pesquisador originário do CRPE nem do Departamento de Psicologia Social. Em junho de 1995 um pesquisador com mestrado em Educação sofreu um acidente vascular cerebral (AVC) e foi aposentado compulsoriamente. Os quatro pesquisadores restantes migraram para a recém criada área temática de Cultura e Identidade³.

A segunda questão recai sobre a forma de atuação dos pesquisadores: a marca da individualidade na execução das pesquisas. Essa individualidade resulta da ausência de um projeto coletivo institucionalmente constituído. Desse modo o esforço individual foi a forma encontrada pelos pesquisadores para manterem-se produtivos dentro do INPSO e constitui um dos pontos críticos do Instituto de Pesquisas Sociais e do Educa, em particular. Sem dúvida, ela contribuiu para a pulverização dos trabalhos ali realizados, não propiciando a geração de uma massa crítica que, de maneira progressiva e contínua, se especializasse e/ou aprofundasse na abordagem de determinadas questões educacionais. Tudo parece indicar que as duas “linhas de pesquisas”, oficialmente adotadas, não passavam de uma mera retórica departamental. E citando Joly Gouveia (1971:4-5) para completar o exposto

³ Em 1995 o INPSO sofreu uma reorganização no seu desenho organizacional. Nele, a estrutura disciplinar foi substituída por Área Temática. Na nova feição a área de Educação foi sumariamente eliminada.

[...]isto pode prejudicar o desenvolvimento da pesquisa em dois sentidos: em primeiro lugar, não se chegar a colher os frutos de uma tradição de trabalhos suficientemente amadurecida; em segundo lugar, não se criam condições necessárias para a realização de projetos interdisciplinares.” E em outro trecho ela adverte “os problemas apontados poderão comprometer seriamente os padrões e a instrumentalidade mesma dos estudos (idem.p.5).

Das análises efetuadas sobre a produção de conhecimentos do Educa, sobressaem críticas de caráter teórico e metodológico, iguais às encontradas em pesquisas geradas em cursos de pós-graduação e por consultorias a órgãos governamentais, ou ainda pesquisas autônomas, como expressamente revelado por Luiz Antonio Cunha (1979) e Guiomar Namó de Mello (1982,1983) sobre a “pobreza teórica” e a “inconsistência metodológica” da produção na área da educação. Nessa linha de entendimento, os textos de Mello (1982,1983) e de Pedro Goergen (1985,1986) são os que mais espaço abrem para a apreensão da pesquisa em educação, ao colocarem, segundo

o problema da dupla natureza da educação: ao mesmo tempo ela demanda compreensão e normatização; é específica e, como tal, deve ser captada; mas é múltipla, porque é produto de muitas determinações”. Essa dupla natureza, alerta os autores confunde o pesquisador e alimenta os descaminhos da investigação.(Apud Warde, 1990:69)

As dificuldades que marcaram o desenvolvimento e implementação das linhas de pesquisa estão vinculadas, por um lado, aos problemas inerentes à própria proposta e, por outro, por questões institucionais. Novamente o problema da fragmentação se faz presente como limitador do processo investigativo. (Cada ano uma nova proposta de pesquisa em qualquer uma das linhas propostas, pelo mesmo pesquisador). Pode-se dizer que a proposta de “linhas de pesquisa” não consegue ser desenvolvido sem que haja, na instituição, no caso o Educa, um corpo de pesquisadores comprometidos ou dispostos a se comprometer com um trabalho que, por natureza, é coletivo. Em nenhum momento se pôde observar a formação de equipe. Há, no máximo, dois pesquisadores engajados num mesmo projeto e, ao seu término, a dispersão e o re-engajamento em outras questões.

Esse movimento é melhor compreendido quando se escolhe a trajetória de dois pesquisadores com formação em Psicologia e que, ao longo de sua vida profissional, transitaram nos temas da cultura popular, do indígena, do imaginário e do folclore. Outro pesquisador concentrou-se, temporariamente, na temática Educação Sexual para, em seguida, realizar estudos na área de folclore, e depois, sobre as questões do menor e da mulher. Para completar a “colcha de retalhos”, realizou pesquisas nas áreas de domínio jurídico!

Além disso, é importante dizer que um trabalho de consolidação de linhas de investigação exige espaço institucional para que possa ser proposto e sedimentado. Não é em todo departamento (unidade) que tal projeto poderá ser desenvolvido, especialmente no cenário em que o Educa se encontrava no Inpso onde o clima organizacional não era o mais favorável. Como já foi dito anteriormente, a forma de inserção do Educa na estrutura do Inpso dificultou ou mesmo inibiu uma maior interatividade de seus pesquisadores com os outros departamentos e mesmo com a Unidade Central do Instituto, bem como obstaculou a constituição de projetos conjuntos e formação de equipes interdisciplinares. Esses problemas não podem ser considerados menores quando estão em discussão as finalidades primordiais de um Instituto de Pesquisa. Não podem ser, também, desconsideradas ou tratadas como menores as tensões existentes entre o Educa e as demais instâncias do Inpso.

A terceira questão inside sobre os projetos que são enunciados mas que nunca foram efetivamente concretizados. Creio que esta questão ficará sem resposta, mas é acima de tudo, fundamental que se possa formulá-la, para que os indícios de que se dispõe apontem caminhos a trilhar, possibilidades a pensar. Indaga-se porque certos projetos que aparecem ao longo de 15 anos no Departamento de Educação do Instituto de Pesquisas Sociais não se concretizaram?

Como se pode verificar nos quadros ao longo do período considerado (1980 a 1995), eles se tornaram institucionalmente **camaleônicos**: apresentam-se como “*a serem iniciados*”, no estágio seguinte são classificados como “*iniciados*”, depois

reaparecem como “*a serem elaborados*”, outras vezes como “*concluídos*” para, no ano seguinte, aparecerem cunhados como “*a serem negociados*”.

Tal constatação suscita um conjunto de questões daí advindas: Faltaram planejamento e controle? Cristalizações da singularidade do Educa como prática cotidiana, tanto do quadro de funcionários como da Direção? Foi uma decorrência do conhecido *laisser-faire* do Inpso? Seria resultante de uma cultura organizacional sedimentada por décadas de gestão personalista, na qual se conjugavam atitudes autoritárias e de tolerância? São questões ainda em aberto. Essas indagações permanecem, sem resposta, suscitando nova pesquisa.

3.4. Conteúdo da produção

È oportuno, neste ponto, lembrar especificidades presentes no campo de produção intelectual dos saberes sobre a educação, particularmente quando se vivencia um momento de crise e de transição paradigmática. Nesse sentido, não se deve esquecer que a educação, na qualidade de uma prática social, tem na Pedagogia e nas chamadas Ciências da Educação os referenciais que alimentam a produção do conhecimento que lhe confere identidade como campo científico autônomo. E não se deve esquecer que as Ciências da Educação constituíram-se a partir das contribuições advindas de outros campos, particularmente dos da área das Ciências Sociais e Humanas, o que tem significado, por um lado, uma configuração marcadamente multidisciplinar e, por outro, a existência de uma tensão quase permanente entre a justaposição e a integração desses saberes na identidade epistemológica do campo em destaque. (Brandão & Bonamino, 1994)

Muito embora, nas últimas décadas, a descoberta da complexidade do fenômeno educativo e da exigência do recurso à metodologia a ele adaptado, certos estudos do Educa se caracteriza quase que integralmente pela **descrição** cotidiana da dinâmica educacional. A explicação reside no seguinte procedimento: por fornecerem ao empírico o *status* de conhecimento científico da realidade, esses trabalhos usualmente tomam a

mera transcrição das observações e entrevistas por eles realizados como “apreensões” autenticamente conquistadas ao real, verdades das quais, de hábito, não se furtam a extrair numerosas “alternativas práticas”, pretensamente destinadas a melhorar de forma imediata o cotidiano pedagógico estudado. Para exemplificar: os estudos realizados sobre a sexualidade na escola; sobre o menor institucionalizado (albergado); as hortas comunitárias, a formação de monitores, o programa de desenvolvimento funcional da ALCOA, a prevenção aos maus tratos da criança e do adolescente, entre outras.

Uma outra tendência identificada diz respeito a estudos que, embora ricos em termos de apresentação de dados, pecam pela profunda empiria. Os estudos, em sua maioria, são de caráter exploratório e, notadamente, descritivos. Alguns deles não passam de simples levantamento de dados sendo que, às vezes, tais pesquisas se definem como “caracterizações”. Nesse ponto, a relatividade do impacto dos resultados de investigações, cujas dimensões são sempre difíceis de aquilatar, é um aspecto que deve ser lembrado. São trabalhos que se propõem a registrar e divulgar uma experiência, não assumindo compromisso explícito com a geração de conhecimentos novos. Não foram encontrados estudos longitudinais, mas ainda com certo destaque, aparecem a pesquisa-ação e as análises da prática pedagógica e a pesquisa experimental (os 13 sub-projetos de Janise Peres, com aplicação de métodos de aprendizagem⁴ desenvolvidos por ela).

O que se pode observar em alguns casos, no Educa, foi a tendência à escolha de temas irrelevantes, socialmente pouco significativos, desligados dos interesses do conjunto da população nordestina, que, por outro lado, revelam o caráter fragmentário e descontínuo dos temas selecionados. “Uma Anamenese da Cumade Fulozinha”; “Uniformes escolares e ‘hábitos religiosos’”; “Singeleza- uma renda singela” são paradigmáticos desta irrelevância no que diz respeito a questão educacional.

⁴ No item referente às práticas pedagógicas se incluem os trabalhos desenvolvidos por Nayde dos Santos Lima e as pesquisas experimentais estão vinculadas aos vários projetos desenvolvidos por Janise Pinto Peres ao longo de sua permanência no Educa.

Examinando os temas tratados, ele põe à mostra o quanto às deficiências institucionais do Educa, particularmente no que concerne ao apoio bibliográfico do acervo da própria biblioteca, da Fundaj a Blanche Knoff. O número de publicações para consulta na área de Educação é diminuto se compararmos ao volume de seu acervo na área das Ciências Sociais e Humanas e isto pode ter restringido o acesso e o diálogo com a literatura mais recente sobre os temas, *“não favorecendo, portanto, a diversificação temática e de abordagens. Ambas, como é sabido, requerem, para sua constituição e desenvolvimento, revisões bibliográficas extensas, difusão ampla, discussão freqüente”*, como ressalta Silke Weber (1992:25).

3.5. Bases teórico-metodológicas ou quadro teórico conceitual das pesquisas no Educa

Como é sabido, o referencial teórico de um pesquisador marca sua via de aporte à realidade. É um filtro pelo qual ele enxerga a realidade, sugerindo perguntas e indicando possibilidades. É comum dizer-se que todo pesquisador que não faz profissão de fé em uma tendência teórica dominante tende a estar desqualificado para participar do debate entre os pares. O que se pode afirmar, seguramente, é que alguns pesquisadores, apesar de utilizarem uma linguagem afinada com posicionamentos teóricos da vertente crítica, revelam, na verdade, uma conduta nitidamente positivista, que é a de tentar encaixar a realidade em um modelo. Mantém-se o dualismo empirista entre sujeito e objeto, no dizer de Marisa C. Vorraber Costa (1994). Nessa linha argumentativa, Paulo César Alves em trabalho apresentado na ANPOCS (2000:1) afirma que:

A imagem de cientificidade representa uma idéia reguladora, produzida em certos processos históricos, que caracteriza um empreendimento de conhecimento com pretensão de ser científico. Tal imagem comporta elementos normativos (modelos metodológicos, formulações de princípios e estabelecimentos de resultados) que estão implícitos em uma determinada teoria.

Portanto, é importante que o pesquisador social se detenha, em algum momento, para refletir sobre os pressupostos da idéia de cientificidade que ele constrói ao longo das suas investigações. A objetivação no conhecimento científico é a arrumação de uma rede conceitual que possa dar conta da “realidade”, explorá-la, expressá-la de forma fundamentada e adequada. Na dinâmica da pesquisa, esse processo impõe certa configuração, uma determinada ordem entre os elementos constitutivos do objeto de análise científica, suscitando diversos quadros analíticos. A objetivação, pois, revela o estado das teorias, da metodologia e dos procedimentos técnicos da investigação. Cabe aqui, uma aproximação com a idéia de Lílian Anna Wachowicz (2006:381) de que

a construção do conhecimento científico é um processo que se inicia com o projeto da sociedade na aplicação prática dos saberes que lhe são necessários. Ou seja, tal conhecimento é gerado nas instituições sociais que o utilizam: do projeto vivido é que o conhecimento gerado passa por um recorte epistemológico feito em geral pela academia e/ou pela comunidade científica. Esse recorte é paradigmático e por sua vez vai definir o objeto da Ciência, esta sim apresentada numa linguagem e num método próprios, considerados científicos.

Em sua essência, o conhecimento científico é real, racional, objetivo, transcendente aos fatos, analítico, claro, preciso, comunicável, verificável, dependente de investigação metódica, sistemático, acumulativo, falível, geral, explicativo, preditivo, aberto e útil. E, nessa ordem de considerações, Furtado (1983:15) em seminário “Publicações Periódicas da Área de Educação”, realizado pelo Inep, reforça:

A obtenção do conhecimento científico depende do uso adequado da metodologia científica, como estrutura mental para a busca das informações. Fundamentalmente, a metodologia baseia-se na própria concepção de método, enquanto conjunto de atividades sistematizadas, racionais, que, com maior segurança e economia, permite que os objetivos sejam atingidos. Implica a concepção das idéias quanto à delimitação do problema, colocação do assunto, identificação de conhecimento e instrumentos, novas idéias (determinadas por hipóteses, teorias ou técnicas); a busca de soluções; o tratamento das conseqüências dos resultados encontrados; a comprovação da solução ou a reformulação dos conhecimentos existentes; a proposição de uma teoria unificadora dos conhecimentos; e a doutrinação do leitor para a aceitação da teoria.

Na configuração teórica dos trabalhos do Educa, foram percebidas evidências do diálogo entre as diferentes áreas, como História, Psicologia, Linguística, Antropologia e Sociologia. No caso do diálogo com os autores da Ciência da Educação, percebe-se uma vinculação excessiva com os autores estrangeiros, o que demonstra ora uma dependência, ou diria mesmo, uma apropriação “acrítica” por parte de alguns pesquisadores⁵. Somente se observa com nitidez entre os pesquisadores que obtiveram o título de mestre e outros que iniciaram o doutorado nesse período, um cuidado metodológico de contextualizar a produção sobre o assunto como também uma apropriação “mais consciente” do *corpus* teórico. Silke Weber, no artigo sobre “Produção recente na área da Educação”, publicado em 1992, aponta que vários autores tem se preocupado com a relação entre a postura metodológica e teórica, dentre eles, salienta Gatti (1982), Sánchez-Gamboa (1987) e Georgen (1985,1986). Segundo Silke, esse último autor,

atribui as dificuldades epistemológicas, observadas especialmente na freqüente inadequação objetos conjunturais/modismos metodológicos e na compartimentação da realidade, à recentidade da investigação na área da Educação, em particular da formação sistemática de bons pesquisadores (1992: 25)

A opção pela distribuição e pelo uso das referências teóricas buscou captar os sinais ou indícios que permitem circunscrever tendências e direções que os trabalhos dos pesquisadores foram assumindo na trajetória do Educa no contexto nabuqueano e, mais ainda, sua possibilidade de sintonia com uma base comum de referência usada por outros pesquisadores da área da Educação no Brasil. Com isto deseja-se verificar algumas possíveis características da materialidade dos trabalhos e ampliar a compreensão das bases teóricas dos mesmos.

As fontes teóricas mais encontradas nos trabalhos do Educa quer sejam nos relatórios de pesquisa, nos artigos e nos textos apresentados na esfera acadêmica distribuem-se por autores da Educação (Paulo Freire e Giroux) da Filosofia (Bakhtin, Arendt, Morin, Bachelard, Kosik, Agnes Heller, Marx, Gramsci, Foucault) da

⁵ A evidência disso se dar na adoção de esquemas teóricos interpretativos emprestados à Psicologia, à Sociologia, em geral produzidos em outras culturas sem a devida adequação à realidade estudada.

Psicologia (Piaget e sua discípula Emilia Ferrero) da Sociologia (Simmel, Bourdieu), da Metodologia em Ciências Sociais (Thiolent), da Antropologia (Goffman, Becker) da História (Benjamin) além da Psicologia Social (Jodelet e Moscovici), esses últimos teóricos das representações sociais e da Análise Retórica (Bitzer, Campbell, Cooper, Reboul, Burke, Perelman, Le Net e Catch).

Considerando esses autores citados no *corpus* dos relatórios ou textos de pesquisadores do Educa (Bourdieu, Gramsci, Kosik, Heller, Marx, Foucault, Arendt) vê-se que se desenha uma linha de apoio teórico baseada no materialismo histórico-dialético e na teoria crítica, entretanto, esse caminho teórico não teve continuidade.

Destacam-se, no caso de autores nacionais, uma considerável referência a autores bem conhecidos, como: Menga Lüdke, Marli André, Bernandete Gatti, Pedro Demo, Luiz Navarro de Britto, Guiomar Namó de Mello, Magda Soares, Silke Weber, Vanilda Paiva, Jamil Cury, Dermeval Saviani, Teresa Halliday, Miriam Warde, Luiz Cunha, Paulo Nosela e Éster Buffa. Os autores regionais citados foram: Targélia Albuquerque, Gerusa Gomes, Tânia Medeiros, Mabel Albuquerque, Vicente Masip, Anita Paes Barreto, entre outros.

À medida que se fez a leitura dos relatórios do início dos anos 80 os autores referenciados concentram-se notadamente em autores regionais e locais, com predominância de uma bibliografia mais antiga: Lourenço Filho & Hildebrand, 1945; Feijó, 1942; Valente 1955; Vasconcelos, 1979, para citar alguns. Lembra Pierre Bourdieu,

a teoria científica apresenta-se como um programa de percepção e de ação só revelado no trabalho empírico em que realiza. Construção provisória elaborada para o trabalho empírico e por meio dele, ganha menos com a polêmica teórica do que com a confrontação com novos objetos. Por esta razão, tomar verdadeiramente o partido da ciência é optar, asceticamente, por dedicar mais tempo e mais esforços a pôr em ação os conhecimentos teóricos adquiridos investindo-os em pesquisas novas (1989:59).

Na esteira dessa premissa, o ponto de partida é apenas formalmente idêntico ao ponto de chegada. Em seu movimento em espiral crescente e ampliada, a pesquisa chega a um resultado não conhecido inicialmente, possibilitando novas descobertas. Realizar esse movimento “exige rigor teórico e clareza epistemológica”, sem o que não se avança para além das apreensões fragmentadas da realidade. Dito de outra forma, não obstante a importância da empiria no contexto da pesquisa, ela não é suficiente para conferir legitimidade à experiência científica, uma vez que é preciso considerar a possibilidade do conhecimento objetivo acerca do caráter estruturado do mundo e, portanto, do papel efetivo do agir humano.

Com as suas especificidades (entrada e saída de autores, ênfases e preferências), os relatórios de pesquisa se somam e apresentam uma composição que foi constituindo o que se denomina de repertório de conhecimento e sua inserção ou não no panorama educacional brasileiro, em geral, e nordestino, em particular. Ao longo de sua existência institucional, o repertório de conhecimento gerado, leia-se, saberes, sujeitos, objetos, teoria, práticas e a própria instituição refletiram e mobilizaram um conjunto de saberes constituidores de uma prática de pesquisa no interior do Educa.

No que se refere às técnicas de obtenção dos dados empíricos, o instrumento de medição preferido pelos pesquisadores é o questionário. Existiu o predomínio do uso de métodos quantitativos, embora se verifique, nos últimos anos (entre 1990 e 1995) nova tendência para a investigação qualitativa. Dentre os estudos que se baseiam em dados quantitativos, parece não haver um refinamento do instrumental estatístico utilizado, pois a maioria não apresenta mais que tabelas com frequências relativas, não utilizam técnicas para a determinação de relações entre variáveis e não recorre a controles estatísticos.

Não há que se considerar isso, como um fato isolado, peculiar ao Educa, como demonstra o estudo de Gatti (2004:14), que aponta “*o uso de dados quantitativos na pesquisa educacional no Brasil nunca teve, pois, uma tradição sólida, ou uma utilização mais ampla*”. Gatti acrescenta que,

... isto dificultou, e dificulta, o uso desses instrumentos analíticos de modo mais consistente, bem como dificulta a construção de uma perspectiva mais fundamentada e crítica sobre o que eles podem ou não podem nos oferecer; dificulta ainda a construção de uma perspectiva consistente face aos limites desses métodos, limites que também existem nas metodologias ditas qualitativas os quais, em geral, não têm sido também considerados.

Em seguida, arremata

... muitos dos estudos qualitativos em educação, especialmente os que utilizam técnicas de análise mais sofisticadas, mais flexíveis e mais robustas, não são realizados por educadores mas por pesquisadores de outras áreas que se debruçam sobre o objeto educação (economistas, sociólogos, físicos, estatísticos, psicólogos, etc.) (Idem)

3.6. Canais de Disseminação do Conhecimento

A comunicação científica envolve atos de escrever, registrar, publicar, disseminar, adquirir, armazenar, organizar, controlar, identificar, ler e assimilar, formando um fluxo de transferência de informações. Essa transferência é feita, essencialmente, por pesquisadores-autores através de editores, periódicos, bibliotecas, centros de informação, serviços de indexações/resumos ou um determinado público-alvo.

Por sua vez, toda pesquisa científica busca atingir, de forma subjacente, dois objetivos: qualidade e relevância. A qualidade refere-se ao âmbito interno da área na qual a pesquisa desenvolve-se. Trata-se de sua profundidade, abrangência, à medida que lançam luz sobre diferentes assuntos, e que resolve problemas e desafios históricos. A avaliação da qualidade dá-se essencialmente pelo julgamento de pares, quando o resultado da pesquisa é submetido para a publicação. Remete ainda a rigorosidade metódica. Quanto a relevância ela se relaciona com a aplicabilidade a áreas externas ao desenvolvimento da pesquisa e com sua importância para a sociedade.

Reverter para a sociedade os resultados de sua produção, dispor de meios de disseminação das informações e tornar cada vez mais universal o acesso às fontes de dados foram diretrizes estabelecidas pelo Instituto de Pesquisas Sociais-Inpso, nos seus diversos documentos oficiais. Publicar foi meta a ser atingida, sempre. Não é por acaso que instituições universitárias e organismos de fomento à pesquisa de vários países, inclusive no Brasil, a Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior-CAPES, e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico -CNPq, tomam como indicador básico de eficiência de um cientista o número de livros e artigos

já publicados. Há um debate acalorado sobre publicação. De um lado, há os que defendem que a única forma de avaliar o trabalho científico é mediante publicações em periódicos com conselho editorial, critérios de avaliação por pares rigorosos, indexação nas melhores bases de dados, de circulação internacional e com índices de impacto significativos.

De outro, há os que apontam especificidades de suas áreas de pesquisa, suposta incompatibilidade entre a relevância para a sociedade e a possibilidade de gerar publicações e outros argumentos para relativizar ou mesmo desacreditar completamente a avaliação por publicação e seu impacto na forma de citações. De fato, as publicações são particularmente importantes em qualquer momento da carreira, para que o pesquisador exponha-se e exponha seu trabalho à comunidade científica de sua área.

Esta interação traz possibilidades de intercâmbio absolutamente essenciais à atividade de pesquisa. Nessa direção vão as diretrizes e prioridades estabelecidas para 1989, que assim se explicita:

Entre as diretrizes e prioridades para 1989 figura também a preocupação com a saída contínua de publicações dos diversos setores componentes do INPSO, o que tem sido preocupação nossa há vários anos. Queremos, e devemos, continuar produzindo livros, artigos, comunicações a congressos, conferências, relatórios escritos de pesquisa, textos para discussão etc. porque **não há outro via** (grifos nossos) Para demonstrarmos o que estamos fazendo, além de que, pela nossa produção escrita, estaremos sempre, mesmo que não nos demos conta disso, contribuindo para o desenvolvimento das ciências sociais brasileiras e para o acúmulo de conhecimento sobre os tópicos que investigamos” (PAT 1989-Inpso)

Para complementar os argumentos, a leitura do texto de Brito & Leonardos (2001: 21-22) reforçou que a literatura científica produzida pelo pesquisador é um indicador relevante de sua área de atuação no seio da comunidade científica disciplinar a que pertence. Ela pode revelar, ao mesmo tempo, seu grau de poder acadêmico, o reconhecimento de que é alvo, as comunidades às quais se filia. Essa literatura também se constrói tanto a partir de um desejo de contribuir para a construção do conhecimento, pela difusão de suas idéias, quanto a partir de lutas de poder travadas por pesquisadores

em busca de reconhecimento e notoriedade. Refletem também sua adesão/exclusão a grupos específicos. Os quatro pontos apontados pelas autoras acima mencionadas serviram como parâmetro na leitura dos textos publicados pelos pesquisadores do Educa.

a) *vitalidade do pensamento*: trata-se de verificar não apenas como o pesquisador lida com os métodos tradicionalmente constituídos, mas também o grau de inovação teórico-metodológica de seu trabalho; de que maneira se faz sua inscrição em uma corrente de pensamento; se apenas como mais um adepto ou como uma pessoa que trabalha para a ampliação e o questionamento dos insumos que recebeu em sua formação e prática de pesquisa.

b) *Visão epistemológica*: a organização dos textos mostra qual é sua relação com o conhecimento e sua concepção do processo de pesquisa. Com efeito, enquanto alguns pesquisadores se limitam a apresentar uma problemática, as escolhas conceituais para compreendê-la e os resultados obtidos, outros vão bem mais longe na explicitação de sua posição teórico-metodológica: expõem como emergiu a questão que deu origem à pesquisa; quais as negociações necessárias para coletar o material de análise; qual a sua relação com problemas tão fundamentais quanto a descrição ou a explicação.

c) *Grau de abertura e diálogo a que ele se propõe*: este ponto analisa se o pesquisador se fecha em sua comunidade de origem ou se está aberto ao diálogo com outros pesquisadores e outras comunidades, seus projetos e ambições em direção à interdisciplinariedade, embora este ponto seja fortemente condicionado pela inscrição histórico-geográfica de seu trabalho.

d) E, por último, *indicações sobre sua postura ética*: se a linguagem utilizada em sua produção revela, por um lado, sua inscrição em uma corrente de pensamento, a homogeneidade de seu referencial teórico, a adequação entre idéias e conceitos, por outro lado, ela pode dar pistas quanto a sua relação com os objetos/sujeitos da pesquisa ou quanto à dimensão ética do seu pensamento.

A opção por incluir, na produção do Educa, os resumos apresentados e publicados em anais de Congressos e Seminários foram um elemento limitante quanto às informações apresentadas e a sua heterogeneidade. Ferreira (2002) ao questionar a natureza do material com o qual os pesquisadores tem trabalhado nas pesquisas conhecidas pela denominação “estado da arte” ou “estado do conhecimento”, ou seja, os resumos, enfatiza

é possível afirmar o que se tem falado sobre determinado tema ou área de conhecimento, em nosso país, num certo período, a partir só de leitura dos resumos? Um resumo poderia ser lido como parte de um todo? Que relação poderia ser feita entre cada resumo e o trabalho que lhe deu origem? É possível um olhar metonímico para cada resumo? (2002:267)

A autora prossegue sua crítica indagando quanto à possibilidade de se traçar um determinado “estado da arte” lendo apenas resumos. Pergunta a autora:

...podemos considerar possível tecer um discurso que analise, interogue, explique convenientemente cada conjunto de trabalhos produzidos em uma determinada área do conhecimento, a partir apenas de resumos, ignorando a leitura das pesquisas, na íntegra? (Idem p.265).

Prosseguindo suas colocações, Ferreira arremata

é possível ler em cada resumo e no conjunto deles outros enunciados, outros resumos, outras vozes, e perceber a presença de certos aspectos significativos do debate sobre determinada área do conhecimento (Ibidem, p. 270).

Sem dúvida, o esforço de leitura contando apenas com os resumos publicados nos Anais de Congressos e/ou Encontros pelos pesquisadores do Educa revelou-se lacunar, muito embora eles apresentem um quantitativo bastante expressivo como se pode notar nos Quadros 18 e 18a. O que procurei foram, os traços, os vestígios e indícios, as pistas reveladoras de caminhos e/ou descaminhos percorridos pelos pesquisadores do Educa. Caminhos não lineares, onde muitas vezes andam-se em círculos, outras vezes tomam-se desvios que dão em lugar nenhum. Caminhos que são, no meu entendimento, o próprio processo de construção do conhecimento. Esses rastros,



FUNDAÇÃO
JOAQUIM NABUCO

DIRETORIA DE
PESQUISAS SOCIAIS

reveladores da incompletude do conhecimento do pesquisador, da complexidade e polifonia dos múltiplos textos que foram construídos e re-apropriados por eles durante suas apresentações nos eventos. São rastros, sem dúvida, da historicidade da construção do conhecimento no Educa.

Quadro 18: Publicações de resumos em Anais (Década de 80)

ANO	EVENTO	TÍTULO	AUTOR
1981	Coletânea do Encontro sobre Pesquisa em Educação no Norte e Nordeste-UFPB	O ensino da pesquisa em Curso de Graduação	Zaida Cavalcanti
1982	V Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação – ANPED	Redirecionamento da Educação Rural	Zaida Cavalcanti
1983	IV Encontro Regional da Pesquisa Educacional do Nordeste – EPEN	Experiência em Educação Pré-Escolar em Apipucos	Nayde Santos Lima
		Experiência de Educação Pré-Escolar com Enfoque Sistemático	Janice Peres
		Experiência de Educação Pré-Escolar com Enfoque Andragógico	Janice Peres
		Caracterização da Educação Pré-Escolar no Norte e Nordeste do Brasil	Nayde Santos Lima
1985	Encontro Nacional de Geografia Agrária	A mulher do campo e seus alunos	Zaida Cavalcanti & Lúcia Costa
		Pobreza: ideologia e migração feminina	Fátima Quintas
1986	Encontro Nacional de Estudos sobre Meio Ambiente	Sobrevivência de um mito ecológico no Nordeste: cumade fulozinha	Virgília Peixoto
		Conflito fundiário urbano: o espaço recifense	Fátima Quintas
1987	V Encontro de Pesquisadores da Amazônia	Caracterização da Educação Pré-Escolar no Norte e Nordeste do Brasil	Nayde Santos Lima
	Encontro Nacional de Estudos sobre Crescimento Urbano	Centro Educacional Dom Bosco: uma experiência com menores de rua	Semira Vainsencher
		A nova família urbana	Zaida Cavalcanti
		Questão urbana e terceira idade	Myriam Brindeiro
	Ninguém está só	Virgília Peixoto	
	O social, o econômico e o cultural na dialética sexual urbana	Fátima Quintas	
	Projeto de vida do menor institucionalizado e Centro Educacional Dom Bosco:	Semira Vainsencher	



FUNDAÇÃO
JOAQUIM NABUCO

DIRETORIA DE
PESQUISAS SOCIAIS

		uma experiência com menores de rua	
	Seminário Regional da Sociedade Brasileira de Educação Comparada - USP	Trabalho produtivo nas Escolas Públicas de 1º. e 2º. graus: trajetória para a subalternidade? Centro Educacional Dom Bosco: uma experiência com menores de rua	Helena Marques Semira Vainsencher
	I Congresso Brasileiro de Tropicologia	Evolução do Ensino Pré-Primeiro Grau no Norte e Nordeste do Brasil no Período de 1969-73	Myriam Brindeiro
1988	VI Encontro Nacional de Estudos Populacionais/ Associação Brasileira de Estudos Populacionais	A anticoncepção no Recife: alunos e professores	Semira Vainsencher
	XVI Encontro da Associação Brasileira de Antropologia – ABA	Mudança na Educação Artística: da Educação para a Fruição à Formação do Profissional em Arte	Zaida Cavalcanti
	II Congresso Nordestino de Ecologia	Lendas indígenas brasileiras: uma mensagem ecológica Subsídios para um melhor uso da TV a serviço da Ecologia	Virgília Peixoto Myriam Brindeiro
	VI Congresso Brasileiro de Educação Pré-Escolar – OMEP	Lendas indígenas brasileiras: uma mensagem ecológica	Virgília Peixoto
	I Feira Nacional de Brinquedos e Brincadeiras Populares – UNICAP	A brincadeira da boneca a primeira fantasia	Virgília Peixoto
	VI Ciclo de Estudos sobre o Imaginário	Matriarcas e vitalinas – a presença da mulher na educação em Pernambuco no começo do século	Zaida Cavalcanti
1989	VI Encontro Nacional de Geografia Agrária	A Mulher do Campo e seus Alunos	Zaida Cavalcanti & Lúcia Costa
	41ª Reunião da SBPC	O projeto de vida do menor institucionalizado	Semira Vainsencher
	XIII Simpósio Nacional de pesquisa de Administração em C & T –USP	Política científico-tecnológica: sua função nordestina	Myriam Brindeiro
	II Encontro Nacional de Estudos sobre Meio Ambiente	Ecologia e Televisão: atrações e repulsões A contribuição de Gilberto Freyre aos estudos da Ecologia	Myriam Brindeiro Virgília Peixoto

FONTE: faces do Inpsa, PAT's /Relatórios Anuais da Fundaj (80 a 89)



FUNDAÇÃO
JOAQUIM NABUCO

DIRETORIA DE
PESQUISAS SOCIAIS

Quadro 18a: Publicações de resumos em Anais (Década de 90)

ANO	EVENTO	TÍTULO	AUTOR
1990	Reunião Regional de Pesquisa Educacional do Nordeste-EPEN	O projeto de vida do menor institucionalizado	Semira Vainsencher
1991	43ª Reunião da SBPC	Repressão e uso de drogas em Pernambuco e Permanência e mudanças nas representações familiares e nos padrões reprodutivos em Fernando de Noronha-uma nota prévia	Janirza da Rocha Lima
	IV Congresso Brasileiro de Adolescência	Centro Educacional Dom Bosco: uma experiência com menores de rua e Violência contra o menor: até quando?	Semira Vainsencher
1992	XIX Reunião Brasileira de Antropologia-ABA	Espelho do tempo: exclusão e repressão ao uso de drogas	Janirza da Rocha Lima
1993	Reunião da ANPED	Alfabetizar: o visto e o invisível A Avaliação Indireta do Ensino de 1º. e 2º. graus das regiões Norte e Nordeste no Vestibular CESGRANRIO Atuação mediadora do aluno Monitor do 2º. grau	Gerusa Gomes Myriam Brindeiro Nayde Santos Lima
	III Reunião da ABANNE	Fernando de Noronha: do cárcere à cidadania	Janirza da Rocha Lima
	45ª Reunião da SBPC	Permanência e mudanças nas representações familiares e nos padrões reprodutivos em Fernando de Noronha-uma nota prévia	Janirza da Rocha Lima
1994	XIX Reunião da ABA	O arquipélago “ilhado” – permanência e mudança em Fernando de Noronha	Janirza da Rocha Lima
	IV Seminário Internacional Universidade e Educação Popular	Desvendando o ato de alfabetizar – monólogo prévio Espelho do Tempo – exclusão e repressão ao uso de drogas	Gerusa Gomes Janirza da Rocha Lima
	XII Congresso Brasileiro de Teoria e Crítica Literária	Essa Terra: mo rte ou consciência das aspirações	Nara Antunes
1995	IV Reunião da ABANNE	Fernando de Noronha: caminhos e descaminhos na construção da identidade do “ilhéu”	Janirza da Rocha Lima
	VII Ciclo do Imaginário	Mais que das intenções... a paisagem de uma pesquisa no arquipélago de Fernando de Noronha	Janirza da Rocha Lima

FONTE: faces do Inps, PAT's /Relatórios Anuais da Fundaj (90 a95)

O quadro dos resumos revela um dado um tanto perverso. Pela pouca exigência relativa à elaboração dos resumos para serem incluídos como produção acadêmica gerada nos eventos, observa-se um verdadeiro surto produtivista em que o que conta é publicar, não importa qual versão requeitada de um produto, ou várias versões maquiadas de um produto novo, disso resultando um incansável roteiro de sucessivas apresentações em eventos locais e regionais. Acresce-se a isto o dado que em todos os

níveis, as iniciativas e ações são de cunho individual e não decorrentes de uma cultura institucional de participação. Como se pode imaginar não são poucas nem de pouca monta as conseqüências disso.

Quantas das “comunicações”, relatadas nos encontros que os pesquisadores do Educa participaram, transformaram-se em textos que se convencionou denominar **artigo científico**? Como se sabe, a publicação científica transformou-se no indicador mais valorizado e, como tal, utilizado no sistema de ascensão do pesquisador para efeito de promoção, reconhecimento e conquista de poder em seu meio. O artigo científico passou a representar a chave de acesso aos restritos círculos da “frente internacional de pesquisa”. O Quadro 19 indica que das 80 comunicações apresentadas apenas 19, ou seja, menos de um quarto deles tornam-se textos densos e completos.

Quadro 19: Artigos publicados

ANO	TÍTULO	AUTOR
1983	Experiência em educação e desenvolvimento de comunidade	Janise Peres
1984	Centro Educacional Dom Bosco: uma experiência com menores de rua	Semira Vainsencher
1986	Problema, processo e resultados de uma pesquisa sobre Educação Rural Gilberto Freyre, orientador e diretor do CRPE do Recife Municipalização do Ensino de 1º grau: uma questão que vai e volta Virgindade e matrimônio: a opinião dos professores	Zaida Cavalcanti Graziela Peregrino Zaida Cavalcanti Semira Vainsencher
1989	Educadoras Alemãs no Trópico: as beneditinas da Academia Santa Gertrudes Memória da educação em Pernambuco: Verificação do Rendimento Escolar Anticoncepção: a visão do professor	Zaida Cavalcanti Zaida Cavalcanti Semira Vainsencher
1990	Violência contra o menor: até quando? De Trópico e Tropicologia na Obra de Mário Souto Maior Os verdes anos de Gilberto Freyre: germinações Tropicologia e Terceira Idade (estudos preliminares) Da produção à reprodução da identidade desviante: a dialética das ordens opostas	Semira Vainsencher Zaida Cavalcanti Zaida Cavalcanti Myriam Brindeiro Janirza da Rocha Lima
1991	Recrear a escola Do analfabetismo e da alfabetização Rezas do sol: memória e tradição na missa do vaqueiro em Serrita/PE	Nayde dos Santos Lima Gerusa Gomes Janirza da Rocha Lima
1992	Educação Sexual em Pernambuco: a Pré-História do Conhecimento	Semira Vainsencher
1993	Ontem via Embratel – Nordeste: uma identidade esquizofrênica	Nara Antunes

FONTE: Faces do Inpsos /PAT's/Relatórios Anuais da Fundaj (80 a 95)

Quadro 20: Periódicos utilizados para publicação do Educa

ANO	TÍTULO
1983	Revista Symposium. Recife, UNICAP, v.25, nº 1
1984	Boletim sobre População, Emprego e Renda. SUDENE, Ano 3, nº 2
1986	Cadernos de Estudos Sociais. v.1, nº 3 Ciência & Trópico. v. 15, nº 2 Cadernos de Estudos Sociais. v. 3, nº 3 Cadernos de Estudos Sociais. v. 3, nº 3
1989	Ciência & Trópico. v. 17, nº1 Cadernos de Estudos Sociais. v. 5, nº 2 Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas, nº 70
1990	Cadernos de Estudos Sociais. v.6, nº 1 Ciência & Trópico. v. 18, nº 1 Ciência & Trópico. v. 18, nº 2 Ciência & Trópico. v. 18, nº 2 Ciência e Cultura da SBPC, 32,(10) São Paulo
1991	AMAE Educando. Ano XXIV, nº 23 – Belo Horizonte-MG Cadernos de Estudos Sociais. v. 7, nº 1 Cadernos CERU/USP-São Paulo v.3
1992	Cadernos de Estudos Sociais. v. 8, nº 1
1993	Cadernos de Estudos Sociais. v. 9, nº 1

FONTE: Faces do Inpsó.

Se, por um lado, os quadros aqui apresentados demonstram um certo vigor na produção de conhecimento, coloca em questão, por outro lado, a qualidade de tais publicações, sobretudo se for levado em questão o baixo percentual de publicações nos periódicos especificamente dedicados a veicular a produção em Educação no Brasil, que apresenta expressivo número de periódicos (Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Educação & Pesquisa, Educação & Sociedade). Tais periódicos são citados pela expressividade e acessibilidade, considerando-se a importância da instituição divulgadora e sua circulação nacional.

É importante frisar que não se pretendeu com isso, em sentido estrito, aquilatar a produtividade dos pesquisadores, uma vez que eles poderiam ter outros desaguadouros para suas publicações. O que se pode registrar foi que os pesquisadores preferiram publicar individualmente e de forma concentrada nos próprios periódicos da Fundação Joaquim Nabuco, especialmente as revistas Ciência & Trópico e Cadernos de Estudos Sociais ou, quando muito, nas revistas fora do espaço institucional da Fundação, mas, ainda, de âmbito local, a exceção dos periódicos Cadernos de Pesquisa (FCC), Cadernos

CERU (USP), “AMAE Educando” (BH) e Ciência e Cultura (SBPC).

Evidentemente não estou criticando nem a qualidade nem a pertinência dos artigos publicados nos periódicos que os Quadros 19 e 20 aludem. Minha argumentação, aqui, é que, ao retirar da massa de produção do Educa, os estudos e pesquisas que abrange outras áreas do conhecimento, reduzo, sensivelmente, a produção específica em Educação.

Do ponto de vista da interlocução com a sociedade mais abrangente, traduzida pela publicação de livros, ao longo da linha do tempo, o Educa apresenta um saldo de 13 livros (Quadro 21), o que corresponderia a quase um livro por ano de existência, sendo em sua maioria resultantes de trabalhos de pesquisa. Vale a lembrar que os orçamentos das pesquisas destinavam recursos financeiros para a sua publicação. É interessante ainda informar que a Fundação Joaquim Nabuco dispunha, no período considerado da pesquisa, de um parque gráfico e uma Editora (Editora Massangana) que se responsabilizava pela feitura e difusão do material que publicava.

Quadro 21: Publicações de Livros/Obra coletiva dos pesquisadores do Educa

ANO	TÍTULO	TIPO	EDITORA
1981	Obras de Carlos Maciel: A Universidade e outros Temas	Livro	EMA
1983	Obras de Carlos Maciel: sugestões de Economia Educacional	Livro	EMA
1986	DEC: A Biografia de uma Instituição Cinquentenária	Livro	Secretaria de Educação de Pernambuco
	Um Estudo sobre a Sexualidade Feminina em Camadas Sociais de Baixa Renda	Livro	Vozes
1987	Quero Brincar: Solução Pedagógica, Política e Social	Livro	Secretaria de Educação de Pernambuco
	Centro Educacional Dom Bosco: Uma Experiência com Menores de Rua	Livro	Secretaria de Educação de Pernambuco
1988	Um Depoimento sobre Dr. Gilberto Freyre	Participação em Obra Coletiva	EMA
	Bolas de Gude	Participação em Obra Coletiva	EMA
1989	O Projeto de Vida do Menor Institucionalizado	Livro	UNICEF
	Brigas de Galo e outros ensaios	Livro	EMA

1990	A Experiência do Vazio: significado da educação para migrantes de retorno em Pernambuco	Livro	EMA
	Ciência na Escola, Monitoria Comunidade e Serviço	Livro	EMA
	Passageiro da Fantasia	Livro	EMA

FONTE: Faces do Inps/Pat's/Relatórios Anuais da Fundaj.

Uma outra maneira de avaliar o impacto do trabalho científico de um pesquisador consiste em medir as conseqüências de suas publicações em forma de convites para coordenar sessões temáticas; ministrar palestras em eventos científicos importantes; ser professor ou pesquisador visitante de Universidades ou Institutos de Pesquisa de prestígio; integrar Conselhos Científicos e Editoriais de eventos e de periódicos; árbitro de agência de pesquisa nacional e/ou internacional e prêmios acadêmicos outorgados por sociedades científicas e outras instituições. Nesse sentido, o Educa se fez presente em muitas dessas modalidades. Um exemplo disso foi o trabalho “Experiência do Vazio”, da pesquisadora Gerusa Gomes que foi vencedor do concurso de Teses do Norte e Nordeste, patrocinada pelo Banorte/Fundaj.

QUADRO 22: Participação em Conselhos, Grupos de Trabalho e Seminários

Ano	Discriminação	Tipo de Participação	Pesquisadora
1982	GT da ANPED	Membro de GT	Janise Peres
1989/1993	GT – Sociologia da Cultura Brasileira (CERU/ANPOCS)	Representante Regional	Janirza Cavalcante da Rocha Lima
1989/1990	Conselho de Pesquisa do Ensino e da Promoção Cultural (CONSEPEC)	Representante dos Pesquisadores	Myriam Brindeiro
1990	XIV Encontro Anual da ANPOCS - Seminário Temático: Em Busca da Identidade Nacional: memória, tradição e ancestralidade	Coordenador	Janirza Cavalcante da Rocha Lima
1991/1992	Conselho de Pesquisa do Ensino e da Promoção Cultural (CONSEPEC)	Representante dos Pesquisadores	Janirza Cavalcante da Rocha Lima
1991	II Reunião de Antropólogos do Nordeste	Coord. da Comissão de Sessões Coordenadas Membro da Comissão Organizadora	Janirza Cavalcante da Rocha Lima
	43ª. Reunião da SBPC – Workshop-IMESP	Coord. da Mesa Redonda sobre Drogas	Janirza Cavalcante da Rocha Lima
1992	XIX Reunião da ABA	Coord. de GT: Representações Sociais, Informática e Resistência Cultural	Janirza Cavalcante da Rocha Lima
	Conselho Estadual de Educação	Membro	Nayde Santos Lima

	Seminário “Droga na Infância e Adolescência: práxis institucional”	Membro da Comissão Organizadora	Janirza Cavalcante da Rocha Lima
1993	Plano de Carreira em Ciência & Tecnologia	Representante dos Servidores	Janirza Cavalcante da Rocha Lima
	III Reunião da ABANE	Coordenador de Mesa Redonda	Janirza Cavalcante da Rocha Lima
	45ª. Reunião da SBPC	Coord. de Comunicação Coord. pelo CERU/USP	Janirza Cavalcante da Rocha Lima
1994	Revista Horizontes Antropológicos da UFRGS	Membro do Conselho Editorial	Janirza Cavalcante da Rocha Lima
1995	IV Reunião da ABANE	Coord. do GT: Cultura, Identidade e Região	Janirza Cavalcante da Rocha Lima

FONTE: Acervo Educa.

Foi possível observar um intenso dinamismo na forma de participação de seus pesquisadores em atividades que vão desde sua representação política nas esferas de poder local ou mesmo nacional como demonstra o Quadro 22.

Uma outra forma de abordar os contornos da produção é tomar como referência a participação nos eventos. Em torno deles, possivelmente, se organizam os debates dos resultados da pesquisa nos encontros locais, nacionais e internacionais.

O avanço da pesquisa educacional está ligado ao crescimento de redes de intercâmbio e de informações. As primeiras, incluindo congressos, seminários e eventos profissionais sobre Educação, vêm mostrando trajetória ascendente e diversificação temática crescente, semelhantemente ao que acontece nas Ciências Sociais. Durante duas décadas (1980 e 1990) têm aumentado a frequência de pesquisadores a eventos na região, no país e no exterior. A importância desses encontros para o avanço dos conhecimentos é evidente, seja pelo debate acadêmico que se trava durante os eventos, seja pelas redes informais de intercâmbio que se formam como um sub-produto do processo. O crescimento de associações profissionais de Educação ao mesmo tempo é um produto **de**, e contribui **para**, a consolidação gradual das atividades de pesquisa na área, e têm desempenhado papel preponderante no intercâmbio entre pesquisadores e instituições. A ANPED, fundada no final dos anos 70, é uma delas. Como então, se deu a participação do Educa nesses eventos peculiares ao campo educacional?

A participação do Educa pode ser registrada nos grandes eventos tais como na Conferência Brasileira de Educação, nas Reuniões Anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa Educacional-ANPEd, nos Seminários da Associação Brasileira de Educação Comparada, nas reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais-ANPOCS, nos encontros da Associação Brasileira de Tecnologia-ABT, nas reuniões anuais da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência –SBPC, no Seminário Internacional de Educação Popular, Seminário sobre Educação na Colômbia, nos encontros anuais do Centro de Estudos Rurais e Urbanos-CERU/USP e nas reuniões da Associação Brasileira de Antropologia. Tanto o Quadro 22 quanto os Quadros 23 e 23a apresentam, de forma detalhada, as inserções dos pesquisadores do Educa no meio acadêmico para difundir o conhecimento gerado no Departamento.

QUADRO 23: Trabalhos apresentados em Seminários, Congressos e Anais (Anos 80)

ANO	TÍTULO	AUTOR	LOCAL
1980	Experiência de educação Pré-Escolar em Pernambuco	Nayde dos Santos Lima	Medelin-Colômbia
1981	O Currículo na Pré-Escola Uma experiência com prova integrada em telecomunicação	Janise Peres Janise Peres	Aracaju-SE Rio de Janeiro-RJ
1982	Formação Sexual e atitudes com relação ao sexo: um estudo dos professores de 1º. e 2º. graus da Rede Estadual de Pernambuco, na cidade do Recife	Semira Vainsencher	Campinas-SP
1983	Experiência da Educação pré-escolar com enfoque sistêmico-Brasília Teimosa Evolução do ensino do pré-primeiro grau no Norte e Nordeste do Brasil no período 1969-1973 Experiência da Educação pré-escolar com enfoque andragógico Experiência da Educação pré-escolar em Apipucos O pré-escolar deficiente físico Caracterização da Educação pré-escolar no Norte e Nordeste do Brasil	Janise Peres Myriam Brindeiro Janise Peres Nayde dos Santos Lima Virgília Peixoto & Zaida Cavalcanti Nayde dos Santos Lima/Janise Peres/Myriam Brindeiro	Recife-PE Recife-PE Recife-PE Recife-PE Recife-PE Recife-PE
1984	Centro Educacional Dom Bosco: uma experiência com menores de rua História da Arte-Educação em Pernambuco – Cinquenta Anos de Ação Governamental na Promoção da Educação Artística na Escola Pública	Semira Vainsencher Zaida Cavalcanti	Belo Horizonte-MG São Paulo
1985	Utilização do enfoque andragógico na pesquisa educacional O aluno entende de sexo?	Janise Peres Semira Vainsencher	Fortaleza-CE Belo Horizonte-MG

1986	Educação no Brasil em tempos de mudanças Formação de Paraprofissionais em recreação infantil a nível do 1º. grau A infância carente no Nordeste	Janise Peres Nayde dos Santos Lima Semira Vainsencher	São Paulo- SP São Paulo-SP Recife-PE
1987	Trabalho produtivo nas escolas públicas de 1º. E 2º graus: trajetória para a subalternidade Centro Educacional Dom Bosco: uma experiência com menores de rua	Helena Marques Semira Vainsencher	São Paulo São Paulo
1988	Considerações em torno de um projeto de pesquisa de Arte-Educação acerca do Meio Ambiente Um grito de alerta dos movimentos favelados do Recife Lendas brasileiras: sua abordagem ecológica Formação de monitores em Recreação Infantil Discurso da mulher da palha da cana nas reivindicações sindicais Integração idoso participativo e menor carente Bonequeiras: fazedoras de sonhos Casa-Grande & Senzala segundo percepções de crianças e jovens Uma alternativa para o ensino de Ciências na escola de 1º. E 2º. Graus Educação sexual: e o professor? Imagens do cotidiano feminino As narrativas nordestinas Mudança na Educação Artística: da educação para a fruição à formação de profissional em Arte Lendas indígenas brasileiras: uma mensagem ecológica A brincadeira de boneca a primeira fantasia Matriacas e vitalinas- a presença da mulher na educação em Pernambuco no começo do século	Graziela Peregrino Fátima Quintas Virgília Peixoto Nayde dos Santos Lima Helena Marques Myriam Brindeiro Virgília Peixoto Graziela Peregrino Nayde Santos Lima Semira Vainsencher Fátima Quintas Helena Marques Zaida Cavalcanti Virgília Peixoto Virgília Peixoto Zaida Cavalcanti	Aracaju-SE Aracaju-SE Aracaju-SP Recife-PE Maceió-AL Maceió-AL Maceió-AL Maceió-AL São Paulo-SP São Paulo-SP Recife-PE Recife-PE Campinas-SP Olinda Recife Recife
1989	Casa-Grande & Senzala segundo percepções de crianças e jovens O projeto de vida do menor institucionalizado A anticoncepção no Recife: alunos e professores A mulher na obra de Gilberto Freyre	Graziela Peregrino Semira Vainsencher Semira Vainsencher Fátima Quintas	São Paulo-SP Fortaleza-CE Recife-PE Salvador-Ba

FONTE: Acervo do Educa.



FUNDAÇÃO
JOAQUIM NABUCO

DIRETORIA DE
PESQUISAS SOCIAIS

QUADRO 23a: Trabalhos apresentados em Seminários, Congressos e Anais. (Anos 90)

ANO	TÍTULO	AUTOR	LOCAL
1990	O projeto de vida do menor institucionalizado	Semira Vainsencher	João Pessoa-PB
	Missa do vaqueiro- ritual e mitopoiesis no grande encontro do sertão pernambucano	Janirza da Rocha Lima	Florianópolis-SC
1991	A experiência do vazio	Gerusa Gomes	São Paulo-SP
	Estudo de viabilização de um programa de Educação Ambiental objetivando a melhoria da qualidade de vida das crianças de 1º. e 2º. graus das escolas públicas do Estado de Pernambuco, Brasil	Virgília Peixoto et al	Recife-PE
	Ecologia e televisão: atrações e repulsões	Myriam Brindeiro	Recife-PE
	Esporte e Vela – classe optimist	Virgília Peixoto	Recife-PE
	Arte-Educação e Jardinagem	Virgília Peixoto	Recife-PE
	O adolescente e a recreação	Nayde dos Santos Lima	Recife-PE
	Centro Educacional Dom Bosco: uma experiência com menores de rua	Semira Vainsencher	Recife-PE
	Violência contra o menor: até quando?	Semira Vainsencher	Recife-PE
	Do cárcere à cidadania – uma abordagem de Fernando de Noronha	Janirza da Rocha Lima	Rio de Janeiro-RJ
	As representações sociais no contexto das políticas de educação	Gerusa Gomes	Recife-PE
	Representações Sociais e Política Nacional de Educação – a escuta de outras vozes	Gerusa Gomes	São Paulo-SP
	Repensando Tradição e Modernidade	Janirza da Rocha Lima	Caxambu-MG
	Rezas ao sol: memória e tradição na missa do vaqueiro-Serrita-PE	Janirza da Rocha Lima	São Paulo-SP
Saúde reprodutiva do Adolescente	Semira Vainsencher	Brasília-DF	
Educação Permanente para a 3ª. idade	Myriam Brindeiro	Recife-PE	
Planejamento como instrumento de implantação e avaliação de Políticas Públicas	Gerusa Gomes	João Pessoa-PB	
As políticas públicas e as representações sociais	Gerusa Gomes	João Pessoa-PB	
Ciência na Escola	Nayde dos Santos Lima	Recife-PE	
Aidéticos-nenhum de nós?	Janirza da Rocha Lima	Recife-PE	
1992	O significado do ato de alfabetizar	Gerusa Mendonça	Recife-PE
	Espelho do Tempo – excludência e representações no uso das drogas	Janirza da Rocha Lima	Belo Horizonte-MG
	Ciências na escola de 1º. e 2º. graus	Nayde dos Santos Lima	Jaboatão-PE
	Questões ecológicas do Cabo de Santo Agostinho	Virgília Peixoto	Cabo-PE
	Drogas Lícitas e Ilícitas e seus abusos no Recife	Janirza da Rocha Lima	Recife-PE
	Aspectos sociais e psicodinâmicos da família do dependente químico	Janirza da Rocha Lima	Recife-PE
1993	Permanência e mudança nas representações familiares e nos padrões reprodutivos em Fernando de Noronha	Janirza da Rocha Lima	Recife-PE
	Alfabetizar: o visto e o invisível	Gerusa Mendonça	Recife-PE
	Avaliação indireta do ensino de 1º e 2º graus da região Norte e Nordeste no vestibular CESGRANRIO	Myriam Brindeiro	Recife-PE
	Atuação mediadora do aluno monitor de 2º grau	Nayde Santos Lima	Recife-PE

1994	Monitoria no 2º grau; uma contribuição à democratização do ensino na escola	Nayde Santos Lima	Vitória-ES
	A Dimensão Ético-Pedagógica da Avaliação Escolar	Nayde Santos Lima	Vitória-ES
	Monitoria no 2º grau; uma contribuição à democratização do ensino na escola	Nayde Santos Lima	Caruaru-PE
	Essa Terra: morte ou consciência das aspirações	Nara Antunes	Campina Grande-PB
1995	Espelho do Tempo – excludência e representações no uso das drogas	Janirza da Rocha Lima	João Pessoa-PB
	O arquipélago ilhado- abordando Fernando de Noronha	Janirza da Rocha Lima	Niterói-RJ
	Desvendando o Ato de Alfabetizar – monólogo prévio	Gerusa Gomes	João Pessoa-PB
	Ontem VIA Embratel: Nordeste – uma identidade esquizofrênica	Nara Antunes	João Pessoa-PB
1995	Fernando de Noronha: arquipélago ilhado- caminhos e descaminhos na construção da identidade ilhéu	Janirza da Rocha Lima	João Pessoa-PB
	Desvendando o Ato de Alfabetizar – monólogo prévio	Gerusa Gomes	João Pessoa-PB
	Mais que das intenções, a paisagem de uma pesquisa no arquipélago de Fernando de Noronha	Janirza da Rocha Lima	Recife-PE

FONTE: Acervo do Educa.

Convém salientar que múltiplas foram as formas internas utilizadas na disseminação das informações e do conhecimento acumulado no Educa. Uma delas, que pode ser considerada convencional, foi representada pelo seguinte conjunto de publicações periódicas, em papel: Trabalhos para Discussão (TPD's), micromonografias do folclore, relatórios técnicos, recensões, além da produção de três vídeos, como se pode registrar nos Quadros 24 , 25, 26 e 27.

QUADRO 24: Recensão elaboradas pelos pesquisadores do Educa

ANO	TÍTULO	AUTOR	LOCAL
1985	Mayra, (Darcy Ribeiro)	Virgília Ribeiro Peixoto	Cadernos de Estudos Sociais v.1, nº 2 jul/dez
1987	Quero Brincar: soluções pedagógica, política e social (Nayde dos Santos)	Graziela Peregrino	Revista Ciência & Trópico, v.15, nº1
1988	Los derechos humanos; responsabilidad de todos: memoria del Director General (parte I)	Graziela Peregrino	Revista Ciência & Trópico, v.16, nº2 jul/dez

Fonte: Acervo do Educa



FUNDAÇÃO
JOAQUIM NABUCO

DIRETORIA DE
PESQUISAS SOCIAIS

QUADRO 25: Micromonografias sobre Folclore de autoria dos pesquisadores do Educa

ANO	TÍTULO	AUTOR	NÚMERO
1980	Severina Batista, artesã do imaginário	Graziela Peregrino	97
	Legendas de caminhões	Semira Vainsencher	102
1981	Siriri	Semira Vainsencher	112
	A escolha inicial do pega	Zaida Cavalcanti	113
1982	Amaro Francisco, gravador popular	Virgília Peixoto	123
1983	Travalinguas	Zaida Cavalcanti	139
1984	A arte e o uso do retalho	Virgília Peixoto	146
1985	Singeleza: uma renda singela	Zaida Cavalcanti et al	154
1987	Bonequeiras: fazedoras de sonhos	Virgília Peixoto	188
1988	Assombração	Lúcia Costa	194
1989	Esperando o Ano Novo	Virgília Peixoto	212

Fonte: Acervo do Centro de Estudos Folclóricos Mário Souto Maior-Inpso. 1995

QUADRO 26: Trabalhos para Discussão – TPD publicados pelos pesquisadores do Educa

ANO	TÍTULO	AUTOR	Nº DO PERIÓDICO
1981	O Currículo na Pré-Escola	Janise Peres	1
1982	Criatividade em Educação: Problemas e Sugestões	Semira Vainsencher	9
1988	Brincando de Bonecas – Depoimentos	Virgília Peixoto	26
1994	Espelho do Tempo – Excludência e Repressão ao Uso de Drogas	Janirza da Rocha Lima	41
	Desvendando o Ato de Alfabetizar – Monólogo Prévio	Gerusa Gomes	42
	Santos e Heróis Guardadores da Esperança	Nara Antunes	43
1995	Suspeito, Nenhum de Nós?	Janirza da Rocha Lima	50
	Uma Realidade sem Preconceito: Panorama de Pesquisa Educacional no Norte e Nordeste do Brasil	Helena Marques	51
	Magistério: Opção ou Saída?	Nara Antunes	52
	Quero Brincar: Uma Experiência com Jovens e Crianças	Nayde dos Santos Lima	53

FONTE: Acervo do Educa 1995

O Quadro 26 revela elementos que corroboram com a afirmação de Cláudio Moura e Castro (1983:10) de que “há pesquisadores que não confiam nos resultados a que chegam seus trabalhos, e limitam-se á redação de versões preliminares, sempre para uso interno. Acentua-se assim a tendência á entropia, que aprece perseguir as chamadas comunidades científica “. Os Textos para Discussões (TPD) no Inpso foram catalogados nessa idéia a que se refere Moura e Castro. De modo geral, tais textos não se transmudam em artigos a serem publicados em canais de circulação mais abrangente e, no caso do Educa, nenhum deles foi veiculado em periódicos especializados na área educacional.

Outro meio privilegiado de disseminação do conhecimento que o Educa lançou mão, com espírito antecipatório na utilização da tecnologia avançada para a época - o vídeo enquanto instrumento de divulgação de atividades de pesquisa. O Quadro 27 é expressivo nesse sentido.

QUADRO 27: Vídeos produzidos pelos pesquisadores do Educa

ANO	TÍTULO	PARTICIPANTE	PRODUTORA
1989	Uma alternativa para o ensino de ciências no 1º. e 2º. graus Bonequeiras fazedoras de sonhos	Nayde Santos Lima Virgília Peixoto	Massangana Vídeo Som Museu do Homem do Norte TV VIVA
1991	Síndrome da criança maltratada Centro Educacional Dom Bosco: uma experiência com menores de rua	Virgília Peixoto Semira Vainsencher	Massangana Vídeo Som Massangana Vídeo Som
1992	Educação sexual na escola: alunos e professores	Semira Vainsencher	Massangana Vídeo Som

FONTE: Acervo do Educa

Assinala-se também que a disseminação de conhecimentos gerados no Educa foi realizada de múltiplas formas, seja na via impressa (datilografados/ digitados) seja na comunicação oral. As instituições divulgadoras também foram diversas desde a própria Fundação Joaquim Nabuco, Universidades locais, Ong (Casa de Passagem) e Secretaria de Educação, como se pode observar no Quadro 28.

QUADRO 28: Publicações diversas do Educa

ANO	TÍTULO	TIPO	NOME DO PERIÓDICO
1980	Português nos Exames Supletivos do 1º. e 2º. Graus em Pernambuco	Texto	Mimeo (Fundaj)
	Perfil sócio-cultural e classificação no vestibular: Norte e Nordeste do Brasil (1977-78)	Relatório	Fundaj
1981	Aspirações Salariais de Alunos Concluintes de Zootecnia, Engenharia Florestal e Engenharia de Pesca da UFRPE	Coletânea Mimeo	Depto. De Letras e Ciências Humanas da UFRPE
1982	Estórias para pré-escolares	Texto	Fundaj
1983	Notas sobre Educação Escolar no Espaço Rural no Nordeste	Texto	Fundaj
	Notas sobre Ensino Rural no Nordeste	Texto	Fundaj

1984	O Uso de Indicadores Urbanos na Avaliação do Ensino Rural	Comunicação	Fundaj
	Metodologia do Acompanhamento da Educação Pré-Escolar	Texto	Secretaria de Educação de Pernambuco
	Reflexões sobre Escola-Produção		Fundaj
	Integração curricular	Texto	Fundaj
	O dinheiro na boca do povo	Texto	Fundaj
	Participação das mães na pré-escola	Texto	Fundaj
	Professor Leigo	Texto	Fundaj
	Metodologias de acompanhamento da Educação Pré-escolar	Monografia	Fundaj
	Educação sexual- uma visão simplificadora não simplista	Texto	Fundaj
1985	Memória da Educação: nota de contextualização da Educação no Início do Século XX	Texto	Fundaj
1986	Individualização de Textos – Uma Nova Dimensão do Ensino programado, Individualizado	Texto	Fundaj
	A Outra Face do Desempenho Escolar	Texto	Secretaria de Educação de Pernambuco
	Carlos Maciel: Ação e Valores	Texto	Fundaj
1987	Dona-de-casa e o trabalho além do apenas doméstico	Texto	Fundaj
1988	A presença de Carlos Maciel no Planejamento da Educação	Texto	Fundaj
1989	Educação Pré-Escolar: um registro e muitas lembranças	Texto	Fundaj
	A Arte de Restaurar Bonecas	Texto	Fundaj
	Catálogo Bonequeiras fazedoras de sonho	Catálogo	Museu do Homem do Norte
	Olha aí a solução: 20 anos de história da OAF e dos meninos de rua do Recife	Texto	Fundaj
	Uniformes escolares e “hábitos religiosos”	Texto	Fundaj
	Contribuição dos estabelecimentos privados de ensino em Pernambuco	Texto	Fundaj
1990	A Nova Família urbana de Classe Média do Recife	Texto	Fundaj
1991	Anais do Seminário Pesquisa Social no Norte e Nordeste: papel das instituições de investigação científica	Organização dos Anais	FINEP
1992	Acompanhamento e avaliação das sínteses estaduais de ensino	Texto	Fundaj
1993	O projeto Renascer enquanto ato retórico	Relatório	Fundaj
	Contribuição a temática “Meninas de Rua” versus Políticas de Atendimento	Relatório	Casa de Passagem do Recife

FONTE: Acervo do Educa.

São igualmente canais de divulgação do conhecimento produzido no EDUCA, de grande capacidade difusora, os meios de comunicação em geral, rádio, jornal e televisão. No caso desses veículos, a disseminação foi feita mediante participação de pesquisadores em debates e programas discorrendo sobre os objetos de suas pesquisas. No caso de jornais locais (Jornal do Commercio e Diário de Pernambuco), o envolvimento dos pesquisadores deu-se por meio de entrevistas ou de artigos assinados,

até seu engajamento nas atividades de docência, como palestrante ou conferencista ou mesmo sendo responsável pela elaboração e execução de Seminário, como se pode registrar no Quadro 29, 30 e 31.

QUADRO 29: Atividades de docência do Educa – 1980/1995

ANO	ATIVIDADE	PESQUISADOR
1981	Curso de Graduação e Pós-Graduação	Zaida Cavaalcanti
1991	Curso de Iniciação à Pesquisa Científica para Professores do 2º. Grau da Rede Municipal da RMR	Janirza da Rocha Lima / Nayde dos SantosLima/ Zaida Cavalcanti Helena Marques/Gerusa Gomes
1992	Curso de Iniciação à Pesquisa Científica (CENTEC/FUNDAJ)	Janirza da Rocha Lima
1993	Curso sobre Drogas para a Equipe da Casa de Passagem	Janirza da Rocha Lima

FONTE: Acervo do Educa.

QUADRO 30: Palestras e Conferências

ANO	TÍTULO	PARTICIPANTE	LOCAL
1984	Alfabetização pelo método modular	Janise Peres	Secretaria de Educação de Igarassu/PE
1988	O significado iconográfico de uma instituição – Academia Pernambucana de Letras Sexo e cultura A sexualidade da mulher em camadas de baixa renda A cultura e o corpo: sexo e repressão A dinâmica da sexualidade na estrutura familiar nordestina Corpo, sexo e educação Aspectos terapêuticos do jardim A visão antropológica da sexualidade	Graziela Peregrino Fátima Quintas Fátima Quintas Fátima Quintas Fátima Quintas Fátima Quintas Virgília Peixoto Fátima Quintas	Academia/Recife/PE UFPE/Recife Secretaria de Educação de PE/PE UFRPE/Recife Secretaria de Educação de PE/PE FAFIRE/Recife Fundaj/Recife SESI/Recife
1989	Violência contra o menor carente e/ou infrator no Estado de Pernambuco	Semira Vainsencher	IMIP/Recife
1991	Monitoria nas escolas secundárias	Nayde dos Santos Lima	SBPC/RJ
1995	Júri Popular: alguns aspectos condenatórios e absolutórios	Semira Vainsencher	UFPE/Recife

FONTE: Acervo do Educa.



FUNDAÇÃO
JOAQUIM NABUCO

DIRETORIA DE
PESQUISAS SOCIAIS

QUADRO 31: Seminários e /ou Cursos elaborados pelo Educa

ANO	TÍTULO	LOCAL
1980	Painel sobre O Deficiente Físico	Recife/Fundaj
1980	Metodologia de Avaliação Pierre Dronet	Recife/Fundaj
1983	Seminário Preparatório para Avaliação de Projetos de Escola-Produção	Recife/Fundaj
1986	Seminário sobre Avaliação Iluminativa e Avaliação Responsável	Recife/Fundaj
1987	Seminário Alternativa para o Ensino de Ciências nas Escolas de 1º. e 2º. Graus	Recife/Fundaj
1988	Seminário Memória da Educação em PE: cinco décadas do ensino privado para meninas	Recife/Fundaj
1989	I Seminário Ciências e Matemática nas Escolas de 1º. e 2º. Graus	Recife/Fundaj
1990	II Seminário Ciências e Matemática nas Escolas de 1º. e 2º. Graus	Recife/Fundaj
1992	Curso de Iniciação à Pesquisa Científica	Recife/Fundaj
1995	Ciclo de Debates: Educação, Educabilidade e Sociedade	Recife/Fundaj

FONTE: Acervo do Educa.

Tabela 3: Sinopse da Difusão da Produção do Educa. Meios e Objetos

Produção Difundida	Modalidades	Quantidade
I – Publicações	Anais de Eventos Artigos Científicos Livros Recenções Micromonografias Trabalhos para Discussão – TPD's Textos Avulsos Vídeos Total	
II – Participações em Eventos	Organização Coordenação de Grupos de Trabalho Apresentações de Comunicações Palestras Total	
III – Participação de Concursos	Total	
IV – Formação (Atividades de formação continuada)	Cursos Total	
Total de Produção Difundida		

Não é possível prescindir de comentários específicos sobre os tópicos analisados que compõe o capítulo sobre a produção do Educa, destacando as tendências mais marcantes nesse percurso de 15 anos. Os personagens foram trazidos à tona e com eles sua produção acumulada.

Em primeiro lugar, temos plena consciência que esse inventário que denominei de cartografia é certamente bastante incompleto, e a própria referência aos documentos pertinentes não foi fácil, o conhecimento que temos do que foi escrito deu-se de forma também bastante parcial e aleatória, uma vez que houve carências de algumas produções que não tivemos acesso. Ocorreu ainda, e não tão raramente quanto se possa pensar, a existência de trabalhos anunciados que, por diversas razões, não chegaram a ser publicados ou mesmo realizados.

Em segundo lugar, a despeito dessas dificuldades, parece ter sido necessário e particularmente oportuno esboçar uma análise, ainda que provisória, do total da produção intelectual do Educa.

O Educa, como uma das células do Inpso, representa também uma parcela significativa do espaço de discussão e de pulverização dos resultados da investigação científica realizada no próprio Instituto, cumprindo assim como parte desse mesmo Instituto de Pesquisa, a função de legitimação daquilo que se produzia nessa mesma comunidade científica que com ela interagiu. Sendo assim, as escolhas metodológicas, as ordenações e seleções temáticas, as múltiplas vertentes teóricas assumidas pelo Educa direta ou indiretamente, trazem as marcas das relações de força e de poder próprias de um espaço que atuava no sentido de realização daquela função de legitimação, ou seja, do próprio Instituto de Pesquisa.

Além disso, se, de um lado, a sua identidade reflete a cadeia das relações institucionais que a abrigava, de outro, é também fortemente influenciada pelas especificidades conferidas pela sua própria área de atuação, isto é, os condicionantes advindos da política educacional no período, e portanto, da ação do Estado. Esta ação que se encarrega, em última instância, de fazer emergir os múltiplos objetos de pesquisa em que se transmuda a sua temática elegida (política educacional, currículo, ensino-aprendizagem, educação infantil, educação rural, formação profissional, etc.) e dos quais vão se ocupar os pesquisadores que para ela convergiram.

A análise aqui realizada nos permite apontar a heterogeneidade temática características presentes nas pesquisas desenvolvidas no interior do Educa. Essa diversidade, porém, é, ao mesmo tempo, um ponto forte e fraco do campo temático. Se, de um lado, a quantidade de objetos empíricos (escola, alunos, professores, comunidades, políticas educacionais,, métodos de aprendizagem, entre outros) expressa uma característica necessária a um campo em constituição, ela também é problemática, no que se refere aos refinamentos de ferramentas analíticas que permitam uma melhor abordagem dos objetos teóricos e empíricos e de suas interrelações, como pudemos observar nos trabalhos realizados no Educa.. E mais, ela não permite o acúmulo de uma *expertise* nos temas escolhidos para as pesquisas e estudos numa década e meia de existência do Educa.

Portanto, não se vislumbra uma tessitura temática coletiva com gênese nos espaços e tempos do Educa em sua relação com a realidade social e, nesta, da realidade da educação no Brasil, por mais que os seus pesquisadores tenham se esforçado para compor uma “rede de conhecimento” entre si.

Na interlocução com a sociedade acadêmica registra-se a adoção de uma estratégia bem definida no Educa e isso não foi casual. É bom lembrar que esta produtividade está muita mais relacionada, em todos os níveis, a iniciativas e ações individuais que a de uma cultura institucional.

Essencialmente, a publicação científica visa retratar produtos da ciência cuja forma e conteúdo permitam que as técnicas, utilizadas pelos autores, possam ser repetidas por todos os interessados e os procedimentos intelectuais – que levam à formação dos conceitos- avaliados. Daí, a informação científica terá, na expressão mais inequívoca que se possa imaginar, que exibir duas características fundamentais: a) constituir informação primária, isto é, algo revelado pela primeira vez e pelo autor ou autores do fato; e b) incluir novidade, ou seja, alguma coisa que ainda não tenha sido descoberta por outros (Furtado, 1983). Esse parâmetro norteou o exame das formas de disseminação da qual o Educa se utilizou para veicular seus conhecimentos gerados nas atividades de pesquisa ali desenvolvidos durante os 15 anos de sua existência.

Do ponto de vista do “estado do conhecimento” que nos propomos a fazer, cabem alguns comentários. Foi um desafio mapear a produção acadêmica dos membros do Educa com base em diversas formas de apresentação dos resultados das pesquisas (artigos em periódicos, comunicação em congressos e seminários, impressos ou em mídia eletrônica). Mas é válido o alerta sobre os riscos de tomar a parte pelo todo, ao analisar o material disponível com o objetivo de construir a história da produção acadêmica de determinado grupo, em certo período.

Entretanto, sob o ângulo de publicações, pode-se dizer, com certa dose de perplexidade, que o Educa contou com um razoável volume de publicações se comparados com a produção de outros departamentos do Inpsó, no mesmo período.

Foram esses indicadores que permitiram efetivamente balizar a qualidade e relevância dos trabalhos publicados pelos integrantes do Departamento de Educação do Inpsó no recorte de tempo que utilizamos no seu estudo.

(IN) CONCLUINDO...

Do percurso empírico e teórico-metodológico trilhado para elaboração do trabalho, destaco algumas questões mais gerais:

O desejo inicial norteador da proposta dessa pesquisa era trabalhar com a memória coletiva do Educa. O cotejo dos depoimentos permitiria conhecer diferentes versões sobre os acontecimentos vivenciados pelos integrantes do Educa na produção de um campo de conhecimento dentro da Fundação Joaquim Nabuco e captaria um conjunto representativo de visões que conduziria a aproximações múltiplas da história possível.

Muitas vozes somadas, convergentes ou divergentes, ajudariam a reconstruir, através das informações cruzadas versões superpostas, a visão de uma época. Não foi possível. Duas ordens de razões se impuseram. A primeira delas de natureza física: mortes e doenças incapacitantes de seus integrantes. A outra, materializou-se na recusa peremptória ou postergando o fornecimento de informações. O próprio quadro teórico adotado forneceu as pistas interpretativas para tal procedimento. Maurice Halbwachs não estuda a memória como tal, mas os “quadros sociais da memória”. Para o citado autor, a memória implica o ser social do homem. A singularidade do pensamento individual emerge dos entrecruzamentos das correntes de pensamento coletivo. A memória individual alimenta-se da memória coletiva. O ato de lembrar não é autônomo, mas enraizado no movimento interpessoal das instituições sociais – a família, a classe social, a escola, a profissão, a religião, o partido político, o trabalho, entre outras – a que o indivíduo pertence.

Daí, para uma lembrança ser encontrada, é necessária a relação do sujeito com o grupo que participou da mesma. Se a lembrança é difícil de ser encontrada, é porque se

deixou a muito de se relacionar com o grupo no qual a memória se conserva. Para que nossa memória se auxilie das memórias dos outros, não basta apenas que estes nos tragam seus depoimentos. É necessário que a nossa memória não tenha deixado de concordar com a memória dos outros e que exista contato entre ambas, para que as lembranças que se recorda possam ser reconstruídas sobre um fundamento comum.

Não é suficiente reconstruir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança (Halbwachs, 1990). Portanto, quando as vozes das *testemunhas* (pesquisadores do Educa) que sustentavam as lembranças se dispersam ou se apagam, e é desfeita a paisagem institucional/”lugares da memória” (extinção do Departamento), instala-se, sem dúvida, algo como um esvaziamento identitário, impossibilitando também o percorrer dos caminhos da memória coletiva, tornando-se explicável a recusa de narrar o vivido, dado que a narração é uma prática da linguagem em processo e que se renova a cada experiência de recordar, pensar e contar. A narração avança e recua na linha do tempo e exige o apoio da *comunidade afetiva*, no suporte da memória, condição fundamental na perspectiva halbwachiana. Acerca desse caráter social, podemos pensar o quanto a memória do indivíduo depende das palavras dos outros, das histórias lidas ou contadas, que são sociais não só em termos do contexto em que estão inseridas, mas por serem produções históricas. A memória para Halbwachs depende da linguagem, dos significados construídos socialmente.

De maneira compatível à perspectiva de Guinzburg, umas das minhas referências metodológicas, tentei manter na escrita final do trabalho as pistas reveladoras dos caminhos e descaminhos das trilhas sinuosas e, por vezes, até sem saída ao cartografar o mapa da produção do Educa. Do material lido e das entrevistas que não pude realizar (por recusas) pude perceber que houve uma tentativa para que os rastros fossem apagados e, com eles, a experiência fosse tornada “excesso”, como aquilo que se “limpa”, rastros que são excessos a serem apagados, em nome da objetividade ou do medo.

Toda investigação de pesquisa educacional no Departamento de Educação da Fundação Joaquim Nabuco foi revestida de características de iniciativa individual.

Disso, com certeza, decorreu parte de suas dificuldades, aliada às condições institucionais internas não favoráveis, para consolidar, de modo fecundo, grupos de pesquisa com produção continuada. A crescente ênfase em perspectivas interdisciplinares não parece indicar que o necessário salto qualitativo fosse uma tendência bem difundida da pesquisa no Educa, embora aqui e acolá alguns dos estudos realizados nas décadas de 90 apontem nessa direção.

No Educa, ruptura e continuidade andaram sempre juntas. Ao mesmo tempo em que se processavam novas definições institucionais, indo desde a extinção do Centro Regional de Pesquisa Educacional, do Inep e sua incorporação ao Departamento de Psicologia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais e, posteriormente, à criação do Departamento de Educação na Fundação Joaquim Nabuco, uma série de medidas foi sendo tomada, principalmente nas formas sutis de exclusão, de modo a não garantir seu funcionamento. O processo culmina com a extinção do Educa em 1995.

No conjunto do repertório de conhecimentos gerados nos 15 anos de existência do Educa, no Inpso, pode-se inferir que as pesquisas foram predominantemente empíricas, ou seja, buscando codificar a fase mensurável da realidade. As tendências na pesquisa educacional produzida no Educa seguiram trajetórias variadas no que respeita a objetos e métodos. Incluíram tanto a pesquisa-ação quanto estudos experimentais; trataram do ensino formal, mas, também da educação não-formal. Deram atenção à educação popular e, ao que ocorria na sala de aula. Aliaram óticas micro e perspectivas macro dos problemas sócio-educacionais. Algumas dessas linhas podiam ser observadas na produção publicada, mas outras não. Nota-se diminuta preocupação em utilizar quadros de referência teórica para suas produções, tendo em vista que as pesquisas com quadros teóricos definidos não apareciam na maioria dos relatórios de pesquisa a que tive acesso.

O referencial teórico de um pesquisador demarca sua via de aporte à realidade. Um dos aspectos que chama a atenção na análise empreendida é o movimento de “recuo da teoria” no Educa. Nesse contexto, o esforço teórico era associado “à perda de tempo” ou “à especulação” ou, quando não, restringia-se a um recurso de oratória. Dito

de outro modo tratava-se de uma disposição que nivelava o mundo, reduzindo o conhecimento à experiência sensível, à manipulação do tópico e do imediato. Portanto, nessas circunstâncias, a pesquisa educacional estava tolhida em sua capacidade de apreensão das relações funcionais dos fenômenos empíricos. Como pontuam Kuenzer & Moraes (2005:1352),

tal disposição avilta as pesquisas da área por propô-las: a) como simples levantamento de dados fenomênicos; b) por restringir seu horizonte ao controle desses dados com vistas a descrever seu provável comportamento futuro; c) por pensá-las como mera estratégia de intervenção.

Não se pode negar a importância dos dados empíricos em qualquer pesquisa mesmo porque é nos movimentos cotidianos mais simples da vida social, na empiria mais imediata, que se situa o ponto de partida de uma proposta de pesquisa, por isso a teoria não deve abandonar o seu lugar de catalizador da pesquisa e nem poderia ser de outra maneira, assegura Duyer (Apud, Kuenzer & Moraes, 2005:1353) “*já que em um mundo cada vez mais complexo teorizar é um imperativo da prática*”. Em outras palavras, não obstante a importância da empiria no contexto da pesquisa, ela não é suficiente para conferir inteligibilidade à experiência científica. Cabe aqui, ainda, como reforço, a linha argumentativa elaborada por Kuenzer & Moraes de que

não há ,pois, outro caminho para a produção do conhecimento senão o que parte de um pensamento reduzido, empírico, virtual, com o objetivo de reintegra-lo ao todo para assim compreendê-lo, aprofundá-lo, concretizá-lo.(idem)

Isto significa compreender que o método de produção do conhecimento é um movimento **do e pelo** pensamento, parte da apreensão de um primeiro nível de abstração composto pela empírica e imediata representação do real, e tem, como ponto de chegada, formulações conceituais cada vez mais abstrata e estas “*de volta ao empírico e imediato ponto de partida, podem apreendê-lo como totalidade articulada e compreendida*”, mas também como prenúncio de novas perspectivas que levam a novas buscas e formulações. Arremata as autoras “*realizar esse movimento exige rigor teórico e clareza epistemológica, sem o que não se avança para além de caóticas e precárias apreensões de fragmentos da realidade*” (Ibidem).

Outro aspecto encontrado foi a *errância*⁶ assumida como atitude epistemológica. Ela, porém, é, ao mesmo tempo, um ponto forte e fraco do campo da educação. Se, de um lado, a quantidade de objetos empíricos expressa uma característica necessária a um campo de pesquisa, ela também é problemática, no que se refere ao refinamento de ferramentas analíticas que permitam uma melhor abordagem dos objetos teóricos e empíricos e de suas interrelações.

Dessa perspectiva, o que desejo enfatizar é que a heterogeneidade da produção do Educa tendeu a impossibilitar uma acumulação de conhecimentos que expressasse a presença de “uma linha de pesquisa”, a partir da qual a comunidade de pesquisadores, em estreita interação, pudesse desenvolver e aprimorar procedimentos teórico-metodológicos com maior grau de consistência e delimitação das contribuições forjadas no campo das Ciências da Educação. Os projetos e/ou propostas desenvolvidas ao longo de década e meia no Educa parece testemunhar contrariamente ao idealizado através das linhas de pesquisa oficialmente prescritas. Pelo número de projetos elaborados vê-se que a fragmentação de conhecimentos pulverizava qualquer tentativa de aprofundamento das questões abordadas, deixando ainda de fortalecer o processo de consolidação dos domínios temáticos em que se estruturavam o Departamento.

O acúmulo teórico gera uma base suficiente para que se produzam trabalhos considerados sínteses, os quais buscam captar as diversidades teóricas e metodológicas das pesquisas, de um lado, ou segundo critérios específicos, estabelecer agrupamentos, classificações e tipologias, de outro.

Do material analisado pode-se observar que alguns trabalhos do Educa encontram-se muitos afastados entre si. Algumas das linhas traçadas foram exploradas, estendidas ou traçadas de outros modos. Outras parecem que se desmancharam logo que traçadas. Algumas fizeram contornos. Outras demarcaram diferenças. Outras ainda pareceram sumir no silêncio dado em resposta à sua força de inquietação. Algumas

⁶ Entendida como a abertura a autores nunca antes assumidos e de múltiplas referências utilizadas nas reflexões e/ou pesquisas elaboradas no Educa .

linhas proliferaram. Outras aumentaram sua potência, entretanto, não houve continuidade nos seus traçados iniciados. Talvez porque, naquele momento, as linhas tenham sido fortes, vivas e cortantes demais. É certo que os tempos eram outros. Hoje, olhando o passado, torna-se possível entender um pouco melhor as transições, os avanços e os recuos do Educa nas diferentes etapas históricas vividas. Sabe-se, mais do que nunca, que a experiência vivida pelos integrantes do Educa não é exclusiva deles, ao contrário foi o resultante de um longo processo histórico que culminou com seu encerramento funcional.

Mais uma vez quero enfatizar que pretendi construir “*uma possível história*”. Assim, a história construída é sempre fruto de opções conceituais e metodológicas, imbuídas de uma determinada visão de mundo, certo referencial analítico, que conduzem à afirmação de uma verdade aproximada. O que lhe retira um possível relativismo subjetivista, na medida em que está subjacente à história escrita a produção material e seus aspectos sociais e culturais.

E, por último, cabe frisar que não estou avaliando a produção do Educa. Isso demandaria um estudo cuja envergadura assumiria proporções bem maiores do que o pretendido aqui. Ao contrário, meu objetivo é mais modesto. Estou apenas colocando a articulação histórica que tornou isto possível. Possível até pela própria transferência de pesquisadores do CRPE para a Fundaj, pelo ingresso de outros pesquisadores de áreas diferentes no Educa. A riqueza desses momentos não foi totalmente recuperada, até porque eles mesmos não se esgotaram nas análises aqui empreendidas, dado que vários dados não foram obtidos em sua totalidade como já foi explicado, inclusive, no capítulo metodológico. Resta ainda uma área de penumbra.

Pretendi contar uma história, uma narrativa, como entende Walter Benjamin (1995). O meu relato não estará concluído e não se propôs fazer uma explicação fechada, definitiva. Seu final está em aberto e, como a vida, poderá ser prolongado, retomado, reescrito ou esquecido. E pensando nas palavras de Marco Pólo, nas cidades invisíveis de Ítalo Calvino, entendo que são os olhos que decidirão os destinos dessa narrativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANAIS do Seminário Publicações periódicas da área da educação. Brasília INEP/ MEC. Agosto, 1983.

ALVES, Paulo César. O processo de objetivação nas ciências sociais. Questões teórico-metodológicas. Caxambu-MG. XXIV ANPOCS, 1-15. 2000

ANDRÉ, Marli et alii. Estado da arte da formação de professores no Brasil. Campinas-SP. Educação & Sociedade. CEDES n. 68 dez. 1999.

_____, Marli. Tendências atuais da pesquisa na escola In: Antropologia e Educação-interfaces do ensino e da pesquisa. Campinas-SP. Cadernos CEDES 43. 1997

ANGELUCCI, C. KALMUS, J.; PAPARELLI, R. PATTO, M. H. S. O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar (1991-2002): um estudo introdutório. São Paulo. Educação e Pesquisa 30(1): 51-72, jan./abr. 2004

ALVES-MAZZOTTI, Alda J. O debate atual sobre os paradigmas de pesquisa em Educação. Cadernos de Pesquisa.. São Paulo: Fundação Carlos Chagas. n.96 p. 15-23. nov. 1996 .

_____. Relevância e aplicabilidade da pesquisa em Educação. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas. (113): 39-50 julho 2001.

AZEVEDO, Janete. M. Lins de & AGUIAR, Márcia A. A produção do conhecimento sobre a política educacional no Brasil: um olhar a partir da ANPED . Educação & Sociedade. Campinas-SP (77): 49-70. dez. 2001

BACHELARD, G. O novo espírito científico, 2ed. São Paulo. Abril cultural, 1984.

_____, A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro, Contraponto. 1999.

_____, A epistemologia. Rio de Janeiro Edições 70. 1971

BARTLETT, F.C. Remembering: a study in experimental social psychology. London: Cambridge University Press. 1977

BENJAMIM, Walter. Obras Escolhidas [Rua de mão única] 5 ed. São Paulo: Brasiliense. 1995

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo. Martins Fontes, 1997.

BORGES, Cecília. Saberes docentes: diferentes tipografias e classificação de um campo de pesquisa. Campinas-SP Educação & Sociedade.CEDES (74): 59-76. abr. 2001

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade - lembranças de velhos. 3ed. São Paulo. Companhia das Letras. 1983

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo. Perspectiva. 1976

_____, O poder simbólico. Rio de Janeiro. Difel/ Bertrand Brasil. 1989.

BRANDÃO, Zaia & BONAMINO, Alicia C. In: Brandão, Z. (org.) A crise dos paradigmas e a educação. São Paulo Cortez, 1994

BRITO, Ângela X. de & LEONARDOS, Ana Cristina. A identidade das pesquisas qualitativas: construção de um quadro analítico. Cadernos de Pesquisa. São Paulo/ Fundação Carlos Chagas. no.113:7-38 julho, 2001.

CAMPOS, M. M.& FÁVERO, Osmar. A pesquisa em Educação no Brasil. Cadernos de Pesquisa. São Paulo (88):5-17, fev. 1994.

CUNHA, Luiz Antônio. Pós-graduação em Educação: no ponto de inflexão? Cadernos de Pesquisa (77): 63-67. maio, 1991.

_____, Os (des)caminhos da pesquisa na pós-graduação em Educação no Brasil. Brasília. CAPES, 1979.

COHN, Amélia & VIGEVANI, Tullo. A produção do conhecimento e os centros de pesquisa- a trajetória do Cedec. São Paulo em Perspectiva, 16(3):42-47,jul-set. 2002.

CONNERTON, Paul. Como as sociedades recordam. Oieiras. Celta Editora. 1993

COSTA, M. C. V. Pesquisa em educação: concepções de ciência, paradigmas teóricos e produção de conhecimentos. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas (90): 15-20, ago. 1994.

DAMASCENO. M. N. & BESERRA, B. Estudos sobre educação rural no Brasil: estado da arte e perspectivas. Educação e Pesquisa 30(1) São Paulo. Jan./abr. 1-17. 2004

DELEUZE, Giles. Conversações. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992

FAZENDA, I.C.A. O CENTRO Regional de Pesquisas educacionais de São Paulo- um capítulo na história da Educação brasileira. Cadernos de Pesquisa. São Paulo (60): 61-65, fev. 1987

FENTRESS, J. & WICKAM, C. Memória social- novas perspectivas sobre o passado. Lisboa. Editora Teorema. 1992



FUNDAÇÃO
JOAQUIM NABUCO

DIRETORIA DE
PESQUISAS SOCIAIS

FERREIRA, Norma S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. Educação & Sociedade. Campinas. CEDES, n.79 ago. 2002 p. 257-274

FLEURY, M. T. L. & FICHER, R. M. Cultura e poder nas organizações. Atlas. São Paulo. 1989

FREITAS, Elizabeth C. & COSTA, Marileide C. Pesquisando sobre a pesquisa educacional. Recife, Ed. Universitária da UFPE, 1994. (Série Estudos Universitários)

FROCHTENGARTEN, Fernando. A memória oral no mundo contemporâneo. Estudos Avançados. São Paulo 19(55):367-376 set/dez 2005

GADAMER, Georg. Verdade e método. Petrópolis. Vozes. 1999.

GARCIA, Walter. Educação Brasileira: da realidade à fantasia. Cadernos de Pesquisa. São Paulo. n.107 p227-245, jul. 1999.

GATTI, Bernadete A. Estudos quantitativos em educação. São Paulo. Educação e Pesquisa. 30 (1): 11-30, jan./abr. 2004.

_____, Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. Caderno de Pesquisa. São Paulo (113): 1-14. jul. 2001.

_____. Pós-Graduação e pesquisa em Educação no Brasil 1978-1981. Caderno de Pesquisa. São Paulo. Fundação Carlos Chagas. (44): 3-17, fev. 1983.

_____. Pesquisa em Educação: um tema em debate. Cadernos de Pesquisa (80):106-111 fev. 1992.

_____. Formação de grupos e redes de intercâmbio em pesquisa educacional: dialogia e qualidade. Revista Brasileira de Educação. (30): 124-181. 2005.

_____, Avaliação e Perspectivas na área de Educação: 1982-91. Porto Alegre. ANPED/CNPq. 1993

_____, 2006 A pesquisa em educação na contemporaneidade Cadernos de Estudos Sociais. Recife. Editora Massangana..(22):131-142. jul/dez 2006.

GOERGEN, Pedro. A divulgação da pesquisa educacional. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília. INEP/MEC, 66 (153):201-13, maio/ago. 1985

_____. A pesquisa educacional no Brasil: dificuldades, avanços e perspectivas. Em Aberto. Brasília, INEP/MEC, (31):1-18, ago./set; 1986

GONDAR, Jô & DODEBEI, Vera. (org.) O que é memória social? Rio de Janeiro. Contra Capa Livraria. 2005

GOUVEIA, A. J. A pesquisa educacional no Brasil. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas. P.1-48, jul. 1971.

_____. A pesquisa sobre educação no Brasil: de 1970 para cá. Cadernos de Pesquisa. n.19 p. 75-79. São Paulo Fundação Carlos Chagas. 1976

_____. Algumas reflexões sobre a pesquisa educacional no Brasil. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, INEP/MEC, 60(136):496-500, out./dez.1974.

GUINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história. São Paulo. Cia. das Letras. 1989.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice. 1990.

_____. Lês catres sociaux de la mémoire. Paris. Press Universitaires de France. 1925.

JUCÁ, Joselice. Joaquim Nabuco: uma instituição de pesquisa e cultura na perspectiva do tempo. Recife. EMA, 1991

KUENZER, A. Z. & MORAES, M. C. de Temas e tramas na pós-graduação em Educação. Educação & Sociedade. Campinas. 29(93): 1341-1362. dez. 2005.

LAMAR, A. R. Aproximações epistemológicas à pesquisa educacional. XIV EPEN. 1999

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas. Editora da UNICAMP, 1995. Série Repertório.

LORAUX, Nicole. Elogio ao anacronismo. In: Novaes, Adauto (org). Tempo e História. São Paulo. Companhia das Letras. 1992.

MACIEL, Carlos F. Pesquisa educacional-Pesquisa Social: análise lógica de uma dicotomia com incursões em algumas veredas. Recife, Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife. 1961.

MARTINS. C. B. Encontros e desencontros da sociologia e educação no Brasil. São Paulo. Ver. Brasileira de Ciências Sociais. 18(53): 161-169 out. 2003 (resenha)

_____(org) Para onde vai a Pós-graduação em Ciências Sociais no Brasil. Bauru-SP Edusc. 2005

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Lisboa. Edições 70 .1988.

_____, Manual de etnografia. Lisboa. Publicações Don Quixote. 1993.

MELLO, M. B.C. de. Rastros: dizendo sobre os fazeres/dizeres. São Paulo. Educação & Sociedade. Ano XXII, n.74. p-285-299. abr. 2001.

MELLO, Guiomar N. de. Pesquisa educacional, políticas governamentais e o ensino de 1º. Grau. Cadernos de Pesquisa. São Paulo. (53): 25-31, maio 1985.

_____. A pesquisa educacional no Brasil. Cadernos de Pesquisa (46):67-72, ago. 1983

_____. Pesquisa em Educação: questões teóricas e questões de método. Cadernos de Pesquisa (40):6-10 fev. 1982.

MONTENEGRO, A. T. Ciência, história e memória: questões metodológicas. Revista Vozes Recobradas. Argentina. p1-18 2005.

NETO, José Batista. Pesquisa educacional no Brasil, hoje. Recife, Fundaj. 2003 (mimeo).

NEISSER, Ulric. Memory Observed: remembering in natural contexts. Oxford: W.H. Freeman. 1982.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. São Paulo. Projeto História n.10 p. 7-28 dez. 1993

NUNES, Clarice. A reconstrução da memória: um ensaio sobre as condições sociais da produção do educador. Cadernos de Pesquisa São Paulo (612): 72-80 maio 1987.

OLIVEIRA, Inês. B. & ALVES, Nilda. A pesquisa e a criação de conhecimentos na pós-graduação em Educação no Brasil: conversas com Maria Célia Moraes e Acácia Kuenzer. Educação e Sociedade. Campinas 27 (95):577-599 maio/ago. 2006

PARAISO, M. A. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. Caderno de Pesquisa 34 (122): 1-18. São Paulo mai./ago. 2004

POLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. Rio de Janeiro. In: Estudos Históricos/ Editora Revista dos Tribunais. 2 (3) :3-15 1989.

PLANOS ANUAIS DE TRABALHO DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO/MEC-Recife. Editora Massangana [1982 a 1995]

ROCHA, Marlos. B. M. da. Paradigmas do moderno em educação: Francisco Campos e Anísio Teixeira. Cadernos de pesquisa. São Paulo, n.94 p-34-42 ago. 1995

RELATÓRIO ANUAIS DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO/MEC. Recife, Editora Massangana [1980 a 1995]

SAMUEL, Raphael. Teatro da memória. Projeto História 14 Cultura e Representação. São Paulo Educ. 1997



FUNDAÇÃO
JOAQUIM NABUCO

DIRETORIA DE
PESQUISAS SOCIAIS

SANTOS, M. S. Teoria da memória, Teoria da modernidade. Caxambu- Anpocs. 1-26. 1999. (mimeo.)

_____. Memória coletiva e tempo social São Paulo. Annablume. 2003

_____. A luta da memória contra o esquecimento. 1994 (s.n.t.)

SÁNCHEZ GAMBOA, S. A. Epistemologia da pesquisa em educação: Estruturas lógicas e tendências metodológicas. FE/UNICAMP . Tese de doutorado. 1987

SMOLKA, Ana L. B. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. Educação e Sociedade. Campinas CEDES (71): 166193. jul. 2000.

TIRAMONTI, Guillermina. O cenário político educacional dos anos 90: a nova fragmentação. Caderno de Pesquisa . São Paulo: Fundação Carlos Chagas.(100): 79-91 mar. 1997.

TRINDADE, José Carlo S. & PRIGENZI, Luiz S. Instituições Universitárias e produção do conhecimento. São Paulo. São Paulo em Perspectiva. 16 (4): .9-14. out-dez. 2002.

VELLOSO, Jacques. Pesquisa educacional na América Latina: tendências, necessidades e desafios. Cadernos de Pesquisa. São Paulo. N.81 p5-21 maio. 1992

VENTORIM, Silvana. A formação do professor pesquisador na produção científica dos encontros nacionais de didática e prática de ensino: 1994-2000. Belo Horizonte, 2005 (tese de doutoramento em Educação).

VERDUM, Ricardo. Refletindo sobre a memória com Maurice Halbwachs. Ciências Humanas em Revista. Brasília. 5(2): 141-151, jul/dez. 1994

VERMELHO, S. C. & AREU, G. I. P. Estado da arte da área de Educação & comunicação em periódicos brasileiros. Campinas-SP Educação e Sociedade 26 (93): 1413-1434 sete/dez. 2005

VIEIRA, Sofia L. A pesquisa em educação no Brasil: conversando sobre problemas, perspectivas e prioridades. Cadernos de Pesquisa (55): 81-84, nov. 1985.

WACHOWICZ, L. A. Fundamentos epistemológicos da pesquisa em aprendizagem e avaliação, na educação escolar. Anais. XIII Endipe. Recife, 2006 p 379-441.

WARDE, Miriam J. O papel da pesquisa na pós-graduação em Educação. Cadernos de Pesquisa . São Paulo. Fundação Carlos Chagas/ Cortez (73):67-75, maio 1990.

WEBER, Silke. A produção recente na área da Educação. Cadernos de Pesquisa. São Paulo Fundação Carlos Chagas. (81): 22-32, maio 1992.



FUNDAÇÃO
JOAQUIM NABUCO

DIRETORIA DE
PESQUISAS SOCIAIS

WERBE, Flávia. Identidade institucional: o papel dos gestores na preservação da história institucional. Florianópolis. UFPEL. 2003

XAVIER, Libânia Nacif. Regionalização da pesquisa e inovação pedagógica: os Centros de Pesquisas Educacionais do INEP (1950-1960). Brasília, Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. 80 (194): 81-92, jan./abr. 1999.